



O TALISMAN ESMIGALHADO. — Composição de E. Bayard, segundo o texto

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO — VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA — ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS — DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

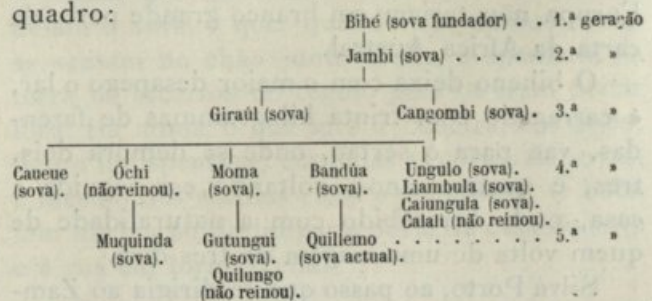
A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 27)

POR ESTE breve resumo da historia do Bihé se vê, que aquelle paiz é de fundação recente, e que desde o seu começo quasi, existiram relações intimas entre os portuguezes e bihenos, pela intervenção tomada pelo governador geral de Angola, na aclamação do sova Cangombi, avô do actual sova Quillemo, e neto do fundador da monarchia bihena.

Assim, pois, o Bihé, desde a sua fundação tem sido governado por treze sovas em cinco

gerações, que vão representadas no seguinte quadro:



Na carta de Angola, de Pinheiro Furtado, já vem indicado o Bihé, mas a sua origem não deve ir muito além da coordenação d'aquella carta. Os bihenos são pouco agricultores e pouco industriosos, e ali todo o trabalho é feito pelas mulheres, que só ellas cultivam a terrá.

Os homens são dados a viajar, talvez de origem, que o seu primeiro régulo de longe veio, e atrevem-se a ir commerciar nos remotos sertões onde vão traficar em marfim e escravos. Aproveitando estas disposições, alguns homens ousados, taes como Silva Porto, Guilherme (o Candimba,) Pernambucano, Ladislao Magiar, e outros negociantes sertanejos, começaram a dirigir os bihenos nas suas excursões, e fizeram n'isso um grande serviço ao mundo; porque, abrindo novos mercados ao commercio, abriram novos horisontes á civilisação. Não foi só o seu trafico que veio augmentar o movimento commercial da praça de Benguella, mas, ainda animado por elles, e perdido o receio dos brancos, o gentio dos mais remotos paizes, desceu a vir permutar directamente os seus generos nas casas commerciaes de Benguella.

Nas viagens sertanejas, aos brancos seguiram-se os pretos, e obtendo, primeiro alguns, depois muitos, um certo credito na praça de Benguella, foram ao Bihé organizar expedições d'onde partem a procurar a cera e o marfim nos sertões mais distantes.

Muitos pretos conheço eu que negociam com um credito de 4 e 5 contos de réis, e alguns com mais, como o preto Chaquingunde, que foi escravo de Silva Porto, que, durante a minha permanencia no Bihé, chegou do sertão, onde tinha negociado por sua conta uma factura de 14 contos de réis!

Não é difficil no Bihé encontrar um branco portuguez, escapado dos presidios da costa, secretario de um preto commerciante rico.

Para o biheno, em questões de viagens de trafico, nada é impossivel, e tudo lhe parece natural. Se elles soubessem dizer onde tem estado e descrever o que tem visto, os geographos da Europa não teriam em branco grande parte da carta da Africa Austral.

O biheno deixa com o maior desapego o lar, e carregado com trinta kilogrammas de fazendas, vae para o sertão, onde se demora dois, tres, e quatro annos, voltando em seguida a casa, onde é recebido com a naturalidade de quem volta de uma viagem de tres dias.

Silva Porto, ao passo que se dirige ao Zam-

beze, enviava pretos seus em outras direcções, e negociava ao mesmo tempo no Mucusso, na Lunda e no Luapula.

A fama dos bihenos tinha chegado longe, e Graça quando intentou a viagem ao Matianvo, foi ali procurar carregadores.

É mui raro que um biheno deserte da comitativa, e roube algum fardo; o que acontece frequentemente com os Zanzibares.

Além d'isso, os bihenos tem outra grande vantagem sobre os Zanzibares. Ainda que muito dados ao commercio de escravos, não promovem elles mesmos no interior guerras para os haverem; comprando-os a quem os vende, mas nunca tratando de os obter por força. Isto quando em viagem de trafico sertanejo, que, nas guerras com paizes circumvizinhos, fazem o que podem, e são dotados de inaudita crueldade.

Os bihenos, apesar das suas grandes qualidades, coragem e habito de viajar, possuem grandes defeitos, e não conheço em Africa povo mais profundamente viciado, mais abertamente depravado, mais duramente cruel, e mais sagazmente hypocrita.

Tem esta gente uma certa emulação entre si como viajantes, e muitos conheço eu que se ufamam de ter ido onde outros não foram, ao que elles chamam *descobrir terras novas*. Elles são educados na vida de caminheiros, e todas as comitivas levam innumeradas creanças, que, com cargas proporcionaes ás suas forças, acompanham os paes ou parentes nas mais longinquas correrias; e é por isso que não causa estranheza encontrarmos ali um homem de 25 annos que tenha estado no Matianvo, no Niangué, no Luapula, no Zambeze, e no Mucusso, se elle viajou desde os 9 annos.

Ao homem que chega ao Bihé para seguir em viagem sertaneja, offerecem-se dois meios de obter carregadores. Um é por meio de presentes ao sova e aos potentados, obtel-os, pedindo-os; o outro é annunciar a viagem, e esperar que elles se venham offerecer.

O primeiro é mau, porque, além do grande dispendio feito com os presentes que é preciso dar ás pessoas a quem se pedem os carregadores, estes são obrigados a ir, e o que os pediu é responsavel pela vida d'elles para com as familias ou senhores. Além d'isso, as pessoas a quem se pedem, com o intuito de extorquir mais presentes, vão demorando quanto podem a partida, e quando se está na sua dependencia as exigencias crescem.

O segundo meio é bom, porque os que se vem offerecer são pretos livres, vem por sua vontade, e se algum morre, segundo a lei do paiz, como foi elle que se offereceu, não tem o que o aceitou a menor responsabilidade do facto.

É occasião de fallar em Quissongos e Pombeiros. Os carregadores, não só os bihenos, mas sim todos em geral, formam grupos pequenos debaixo do commando de um d'elles que é chefe do grupo. Este chefe, desde a costa até a Caquingue chama-se *Quissongo*, e no Bihé e Bailundo *Pombeiro*.

São estes pombeiros que se vem offerecer, trazendo uns dez, outros mais, outros menos carregadores. Estes grupos são de differentes naturezas. Uns são constituídos por parentes que escolheram um para pombeiro, e n'estes são todos livres. Outros são formados por gente livre, que combinam ir debaixo das ordens de um certo pombeiro em quem tem confiança. Outros ainda, são grupos de escravos dos pombeiros que os commandam.

A obrigação do pombeiro é vigiar pela sua gente, e responder por ella ante o chefe da comitiva. Come e dorme com elles, é emfim o cabo de esquadra da caravana.

O pombeiro não leva carga, mas, em caso de doença ou morte de algum dos seus, substitue-o como carregador temporariamente. Durante a marcha o seu logar é no couce da comitiva, e logo que um seu carregador se atraza, elle fica para o acompanhar.

O pagamento dos carregadores nunca é feito adiantado, e nas viagens de trafico regulares é diminutissimo.

Assim, um carregador, para ir do Bihé á Garanganja (Luapula), recebe 12 pannos ou valor de 2400 réis, e na volta uma ponta de marfim escravelho, talvez de 4000 réis, ao tudo 6400 réis, comida á parte, porque o chefe da comitiva tem obrigação de sustentar toda a sua gente durante a viagem, excepto nos primeiros tres dias da sahida do Bihé, para os quaes cada um leva de comer.

Esta regra tem ainda uma excepção. Muitos sertanejos, ao sahirem do Bihé, destinam um certo número de pombeiros para destacarem no caminho, ou no termo da sua viagem, para differentes pontos.

A estes pombeiros dão um certo numero de fazendas, pelas quaes lhes devem trazer um certo producto. Estas fazendas dos pombeiros

que vão traficar livremente, chamam-se *Banzos*, e d'ellas comem o pombeiro e carregadores desde o começo da jornada. Afóra este caso, em todos os mais o chefe sustenta pombeiros e carregadores.

Os pombeiros não sahem nunca por tempo determinado, e tanto ganham demorando-se pouco como muito. É sabido que os negros em Africa não dão valor ao tempo.

Os costumes bihenos são approximadamente os mesmos de Caquingue, e o contacto com brancos não tem trazido o menor adiantamento a essa gente.

Não tem a menor ideia de uma religião qualquer, não adoram nem sol, nem lua, nem idolo, e vivem com os seus feitiços e adivinhações.

Todavia, parecem acreditar na immortalidade da alma, ou antes no desassocego d'ella em quanto não cumprem certos preceitos ou vinganças em favor do morto.

A fôrma do governo é monarchica absoluta, e tem muito do feudalismo.

Cada um é, muitas vezes, juiz em causa propria, e quando eu fallar dos *mucanos* direi como ali se faz justiça.

Os maiores acontecimentos entre os bihenos são aquelles que se ligam aos sovas, e sobre tudo á sua morte e á aclamação do novo régulo. Antes porém de descrever estes dois grandes acontecimentos, preciso é fallar da sua côrte.

O sova é rodeado de um certo numero de sujeitos, a que chamam *Macotas*, que muitos julgam corresponderem aos ministros entre nós, mas que assim não é. Os macotas formam apenas uma especie de conselho a que o sova submete sempre as suas deliberações, mas de cuja opinião poucas vezes faz caso. São secúlos e favoritos do sova, e nada mais. Secúlo é o fidalgo, filho de nobre, ou enobrecido pelo sova.

Muitos secúlos que possuem libatas, dentro d'ellas tem o tratamento de sovas, e os seus povos, quando lhe dirigem a palavra, dizem *Ná cóco*, o que quer dizer Vossa Magestade.

Além dos macotas, ha tres pretos que rodeiam o sova, e que, quando elle dá audiencia, se sentam no chão junto d'elle, e apanham da terra os escarros do régulo para os irem deitar fóra. Ha ainda o que leva a cadeira, e o bôbo, figura indispensavel em todas as côrtes de sovas, e mesmo dos secúlos ricos e poderosos. O bôbo tem obrigação de limpar a porta da casa do sova e a rua em torno d'ella.

(Continua.)

*



UMA CASA HOLLANDEZA EM TERNATE

VIAGEM À NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

TERNATE — AS MOLUCAS

Ternate — A cidade — As casas — Os habitantes — A vida que ali se passa — O exercito hollandez — A ilha de Gilolo — Os alfuros — Uma lição d'esgrima — Caçada ao tohokko — Preparativos da expedição — Um armador malaio — A sua casa — A sua urbanidade — A partida.

FUOBTIVERA do ministerio da instrucção publica uma missão gratuita para ir explorar as Molucas e a Nova-Guiné e fôra autorisado a levar commigo, para me ajudar nos trabalhos de historia natural, M. Mauricio Maindron.

A 20 de julho de 1876 partimos de Toulon a bordo do transporte de guerra *Corrèze*, que, fazendo derrota para Saigon, nos largou em Singapura.

D'aqui partimos para Batavia, a capital de Java e das Indias neerlandezas.

Um vapor hollandez devia levar-nos de Batavia ás Molucas, ultimo ponto a percorrer antes d'entrar na Nova-Guiné; mas antes de seguir mais adiante devo agradecer ás pessoas que em Batavia tão amavelmente nos prestaram os seus serviços.

O nosso consul M. Heitor Delabarre tornou-me a estada em Batavia tão agradável que de bom agrado ali me teria esquecido.

S. ex.^a M. Van Lausberg, governador das Indias neerlandezas, dedica à entomologia todos os instantes não reclamados pelo alto cargo que desempenha, cargo que os menos modestos mui bem poderiam chamar cargo de vice-rei. Graças à sua protecção, duplicadamente valiosa pela

amabilidade com que era dispensada, muitas dificuldades me foram aplanadas.

Mas, ainda que com muita saudade, foi preciso deixar Batavia e continuar a nossa viagem.

A 15 de novembro embarcamos no vapor o *Gouverneur Général Myer*, em viagem para Ternate.

Apenas avistamos Socrabaya, Makassar e o

nordeste de Célebes, e a 4 de dezembro o sol, rompendo os vapores acumulados durante a noite, illuminou o cone de Tidore e o vulcão de Ternate. Ainda algumas horas e o navio encostou a uma ponte-caes que se prolonga pelo mar. Uma multidão d'indigenas precipita-se a bordo e eis-nos desembarcados no solo das Molucas, sentinella perdida da civilisação do Occidente.



A MESQUITA DE TERNATE

Um hollandez, M. Bruijn, naturalista, quasi um collega, fiel ás tradições hospitaleiras dos seus compatriotas, amavelmente pôz á nossa disposição uma vasta habitação, aonde nos installamos com todas as nossas bagagens.

Um dos meus primeiros cuidados foi visitar o representante da Hollanda, a quem vinha recommendado por s. ex.^o o governador geral.

Encontramos n'elle um homem encantador, fallando perfeitamente o francez, como todos os hollandezes bem educados. Tendo chegado a Ternate havia apenas um mez e não tendo ainda casa sua pediu-nos desculpa por não nos poder hospedar e prometteu-nos todo o seu apoio

para nos facilitar a viagem para a Nova-Guiné.

Ternate designa simultaneamente a cidade e a ilha sobre que está edificada. Como ilha, Ternate é apenas uma montanha com a altitude de mil e quinhentos metros e cujo vertice tem vasta cratera d'onde constantemente se ergue uma columna de fumo, mostruoso resfolgar d'um vulcão adormecido cujo despertar é terrivel. Um pensador poderia dizer que a pequena cidade, tantas vezes levantada das proprias ruinas, sempre socegada e risonha n'um solo agitado, está ali para testemunhar um sentimento humano que chamaria coragem ou indiferença, segundo elle fosse amigo ou inimigo da humanidade e que

eu muito simplesmente chamarei amor pelo ouro nos europeus, rotina e apathia nos indigenas.

A cidade construida na costa compõe-se de duas partes distinctas: a cidade europêa e a cidade indigena, claramente limitadas e separadas por um forte, o forte d'Orange, vestigio do poderoso dominio, mas desaparecido, de Portugal.

Na primeira d'estas cidades vive o residente hollandez, poder real com modesta nomenclatura.

Na outra cidade vive o sultão, titulo pomposo, auctoridade ficticia: o Oriente e as suas vaidades balofas curvam-se sob o jugo do Occidente prosaico, mas pratico. Entre os dois, o chinez, raça sobria e laboriosa, que não se mistura nem com um nem com o outro, tem com o primeiro affinidades— a sede do ouro e a sua sciencia do commercio, e com o segundo as superstições; tem amigos n'um e n'outro campo, que explora separada ou simultaneamente, como melhor convém aos seus interesses.

As casas europêas são vastas e espaçosas, tendo um unico andar: prudente medida n'uma região periodicamente abalada por tremores de terra.

Quem viu uma casa hollandeza na Malesia, viu-as todas: o modêlo é bom, para que mudar? diria um hollandez. É um pouco monotonico. O espirito d'um povo apalpa-se nos detalhes do meio em que elle vive.

Descrevamos a immensa habitação que M. Bruijn tão cordialmente nos offerecera. Em toda a fachada corria uma varanda a que davam accesso alguns degraus; no centro havia um compartimento espaçoso, com pavimento de marmore, especie de salão de recepção que comportaria uma meza para cem pessoas; a cada lado d'este compartimento havia dois quartos; nas trazeiras uma outra varanda, ladeada dos dois pequenos compartimentos e que se prolongava n'uma especie de vestibulo coberto que conduz a uma outra casa mais pequena e toda construida de madeira, emquanto que a casa principal é toda construida de pedra. É na casa construida de madeira, que são os quartos de dormir, o gyneco: a sua construcção leve torna-a menos perigosa quando haja tremores de terra.

Os ternatezes têm pois duas casas como nós temos dois vestuarios: uma *rob de chambre* e uma casaca, uma para estar á vontade e outra para os casos ceremoniosos. Em volta d'esta grande casa, em que a sombra e as correntes

d'ar conservam uma frescura apreciavel nas regiões tropicaes, ha um vasto jardim, uma pequena floresta onde crescem as bananeiras, as arecas, as palmeiras, as arvores do pão e as cannas da India; perto estão as dependencias da casa: cosinha, casa de banho, quartos dos numerosos criados, que todo o europeu que se presa tem ao seu serviço.

Passemos á mobilia: na varanda estão suspensos candieiros de petroleo que illuminam uma meza de madeira, cadeiras de bambú e as famosas cadeiras a que nós chamamos «*plaisir des Indes*.» Os pés estão fixos a dois arcos, o que permite fazel-as balacear de deante para traz, occupação inoffensiva que de longe dá a um grupo o aspecto de *marionettes*, que uma mão invisivel puzesse em movimento. Na sala do centro uma grande esteira cobre o chão, e a mobilia é a mesma da varanda.

No quarto de dormir ha uma cama de ferro immensa, de columnas, convenientemente defendida por um mosquiteiro, tendo em cima um cobertor d'uma grande leveza. Os travesseiros, esses são em grande quantidade, sendo um destinado a sustentar as pernas. Os moveis são apenas uma pallida copia dos da Europa. Em todas as casas as paredes são caiadas.

N'estas casas, sem duvida bem divididas, attendendo ao calor constante d'aquella região, a vida é d'uma grande regularidade. A manhã dedica-se aos negocios, depois do meio dia descansa-se, depois de pôr o sol passeia-se e fazem-se visitas, e de noite dorme-se. Cada um d'estes intervallos é separado por uma refeição.

O levantar é cedo; é o melhor momento do dia. Depois d'um banho vestem-se e vão tratar dos seus negocios.

Antes do meio dia tomam o *paït*; é de rigor para abrir o appetite e tanto nos hoteis de Java como nos paquetes hollandezes, um ou muitos calix de *paït* não são tidos como extraordinarios. O *paït*, que quasi faz parte d'alimentação hollandeza, é um calix de genebra em que se lançam algumas gotas de bitter, singular mistura que, para ser bem apreciada, precisa larga iniciação.

Entre o meio dia e a uma hora serve-se o arroz: é a refeição principal. Se a abundancia e a variedade podesse substituir a qualidade, esta cosinha mestiça que mistura o arroz e especiaras dos malaios com as batatas e a carne dos Frisos ou do Brabant, sem duvida seria a suprema arte culinaria. Mister era ser Boileau

para descrever este jantar, onde sobre montanhas d'arroz, misturado com kari, se amontoam ovos, peixe, carnes, pimentos, etc., etc. Eu prefiro nada descrever.

Depois de jantar saboreia-se uma chavena de delicioso café, veste-se o *sarong koubai* e dorme-se a sêsta.

Às quatro toma-se um novo banho: bebe-se uma chavena de chá acompanhada d'alguns biscoitos e vestem-se. O sol declina no horisonte; pôde-se sahir de cabeça descoberta. Nas Indias hollandezas o chapéu é um luxo inutil: nem homens, nem mulheres o usam e nem por isso se dão mal.

Às seis horas começam as visitas; é-se sempre recebido na varanda, sem duvida a parte mais agradável das casas.

Quer seja um homem ou uma senhora que visita a regra é invariavel: aos visitantes offerecem charutos e *pail*, às visitantes vinho do Porto, ou outro refresco.

Depois de se terem baloiçado durante uma hora n'uma cadeira volta-se para casa para jantar, refeição substancial, mas menos abundante que a do meio dia e onde não é admittida a cozinha malaia.

Depois de jantar baloizam-se novamente na varanda. Algumas vezes toma-se mais tarde chá e em seguida deitam-se.

É bom não concluir d'estas informações que os hollandezes sejam preguiçosos; nada d'isso! para que qualquer se convença da sua actividade basta observar os admiraveis resultados por elles obtidos nas suas colonias.

Não, não são ociosos, mas têm essa actividade paciente e socegada que dura, e comprehenderam perfeitamente que, para viver nos tropicos, é preciso accomodar a maneira de viver ao clima e poupar as forças, e por isso não é raro o encontrarem-se pessoas, que ha mais de quarenta annos vivem nas Indias neerlandezas, gosando magnifica saude.

Algumas casas particulares, as secretarias, o palacio do residente, o club, logar de reunião muito agradável e que por toda a parte se encontram nas Indias neerlandezas, alinham-se ao longo do caés. Por detraz d'estas, outras casas menos faustuosas se erguem.

N'uma extremidade d'esta pequena cidade europêa acha-se o bairro chinez, composto d'algumas ruas estreitas, ladeadas de lojas, onde se vendem n'um cahos pittoresco os productos da Europa e do Celeste Imperio.

Um pouco mais distante encontra-se o forte de que já fallei e finalmente a cidade indigena semi-construida de pedra e semi-construida com bambús.

O monumento mais curioso d'esta cidade malaia é a mesquita. Ao longo da rua corre uma especie de claustro feito de columnas e no meio d'um pateo ergue-se um edificio rectangular, pesado e que unicamente tem de notavel a parte superior formada de cinco tectos sobrepostos e cobertos com folhas de coqueiro.

Para além d'estas duas cidades estendem-se plantações de café, que se prolongam até á montanha. A inclinação torna-se cada vez mais forte e depressa se depara com a floresta que se continúa, sendo as arvores, á maneira que se sobe, mais pequenas, até ao vertice onde desaparecem completamente para dar logar a montões de detritos vulcanicos que cercam a cratera.

Em quanto não partia para a Nova-Guiné eu desejava visitar Gilolo; mas esta ilha estava em plena insurreição: um certo Hassan, descendente d'alguma familia desherdada de rajahs ou de sultões, querendo reconquistar o imperio dos seus maiores, tinha levantado o estandarte da revolta contra os dois sultões de Ternate e de Tidore, pupilos dos hollandezes. Quando se é tutor de sultões é dever defendel-os e além d'isso era esse o interesse dos hollandezes; não hesitaram um instante. Mas a ilha de Gilolo é immensa, coberta de montanhas e de florestas impenetraveis. Hassan era um homem intelligente e ousado; os hollandezes, apesar d'habilidade do seu residente, M. Tobias, tão valente soldado como bom administrador, tiveram muito que fazer.

Fiel á promessa que nos fizera, M. Tobias offereceu-nos a companhia do inspector M. Van Oldenborgh, que nós já conheciamos por ter comnosco feito a viagem de Batavia para Ternate e que com alguns soldados ia occupar o antigo forte portuguez de Dodinga.

A partida fôra fixada para as cinco horas da manhã: se a partida unicamente estivesse subordinada á administração hollandeza, com certeza teriamos partido á hora prefixa; mas o sultão de Tidore devia fornecer os praos; era o menos que podia fazer: dar transporte aos soldados que o iam defender. Era portanto natural que nada estivesse arranjado a horas; seria muito para admirar se o contrario succedesse. Feito bem o calculo havia trinta soldados a transportar com as suas mulheres, com as suas baga-



O RIO DE DODINGA

gens particulares, as munições e as provisões. Era carga para tres praos e o sultão só tinha dois. Foi necessario arranjar um terceiro.

Por mais actividade que M. Van Oldenborgh desenvolvesse, por mais esforços que fez e chuva

que apanhou, eram mais d'onze horas quando levantamos ancora. Um prao levava as bagagens, o outro os soldados; no terceiro iam o inspector, um official, nós e alguns soldados.

(Continúa).



VIVENDA EM FERNANDO-PÓ — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 28)

PS INGLEZES tinham explorado as florestas proximas de Santa Izabel. A difficuldade do transporte fez cessar esse commercio. Os cavallos e bois difficilmente vivem em Fernando-Pó.

VOLUME II

As regiões marginaes dos rios que desagõam no golpho de Biafra têm por anno duas colheitas d'azeite de palma que correspondem ás passagens do sol na vertical. A primeira colheita faz-se desde maio aos fins de julho: é a grande

FOLHA 30

colheita; a segunda começa em meados de novembro, mas está longe de ser tão abundante como a primeira.

A estação das chuvas termina em outubro; então o tempo torna-se variavel.

O mez d'outubro é excessivamente insalubre, um sol de grande intensidade succede ás chuvas, e o ar carrega-se dos miasmas transudados pelos terrenos inundados. Muitos annos d'experiencia demonstraram-me que a estação das chuvas (junho, julho, agosto e setembro) é aquella em que os europeus logram melhor saude.

As nevoas, predominantes desde dezembro até fevereiro, não produzem grande insalubridade. A maior mortalidade nos europeus dá-se no começo e no fim das chuvas.

XXV

Exploração do Niger—O *Ethiops*—Trotter—Glover—A biblia de Mungo—Park—Mau exito das explorações—Relancear d'olhos sobre os caminhos do Sudão.

A viagem de Lander, que descobriu a embocadura do Niger, deixando-se arrastar pela corrente, chamou para este rio a attenção dos negociantes de Liverpool: n'esta cidade formou-se uma companhia, á frente da qual estavam M. M. Lair e Oldefield, para a exploração d'aquella via commercial. Dois pequenos vapores, o *Quorra* e o *Albourka*, foram em 1832 destinados áquella navegação.

As vezes que estes barcos encalharam e as enfermidades nas tripulações inutilisaram esta primeira expedição.

Este mau exito tornou o commercio muitos annos indifferente ás transacções do Niger. Contudo em 1840 a casa Jamieson equipou um vapor, o *Ethiops*, que explorou os rios visinhos de Fernando-Pó; esta exploração era commandada pelo capitão Becroft. Becroft esteve seis mezes no Niger e a população de Babba gostou tanto d'elle que, por occasião da sua partida, toda ella correu a despedir-se e a saudal-o.

O partido abulocionista fazia em 1840 novos esforços em Inglaterra para conseguir a emancipação dos escravos nas colonias europeas, e, pôr assim termo á escravatura, supprimindo os mercados d'escravos, sempre abertos no Brazil e nas Antilhas hespanholas. Não só a isto se limitava a ambição dos negrophilos; queriam tambem fazer adoptar na Africa os costumes da Europa e tentar suavisar os costumes barbaros d'estes povos em quem a escravidão e os sacrificios

humanos tinham extinguido todo o sentimento de misericordia.

O governo inglez cedeu ao ascendente de sir Thomas Folwel Buxton, *baronnet*, presidente da sociedade para a extincção da escravatura e para a civilisação d'Africa e resolveu-se em 1841 a fazer as despezas de uma exploração no Niger, a fim de que tratados assignados com os chefes os obrigasse a renunciar á escravatura e a com elle abrir relações commerciaes.

Esta expedição era composta de tres barcos a vapor chamados, o *Albert*, o *Wilberforce* e o *Soudan*. O almirante Trotter, da marinha real, foi o encarregado do commando da expedição. Alguns sabios foram aggregados á expedição; mas quasi todos morreram em Fernando-Pó em outubro de 1842.

A 15 de agosto de 1841 a expedição aproava á barra de Num. N'esta época o rio tem aguas abundantes. A 10 de setembro tinham chegado a Attah, onde foram bem recebidos. O commandante Trotter comprou a um chefe independente a aldeia de Lokoja, situada na confluencia do Quorra e do Binoué; este ponto tornou-se depois o nucleo d'uma pequena colonia ingleza, cuja vida tem sido cheia de peripecias.

A expedição do commandante Trotter, confirmou-nos o que as anteriores expedições nos tinham tornado conhecido. As regiões marginaes do Niger são ricas de gado, as palmeiras productoras d'azeite são aqui abundantes e rebanhos d'elephantes percorrem as margens do Binoué.

O governo francez tinha muito interesse na expedição. Eu n'este tempo commandava uma canhoneira, a *Malouine*, e recebi ordem d'auxiliar o commandante Trotter se fôsse preciso.

A 26 de setembro de 1841 cruzava eu nas alturas do golfo Benin. Ao passar avistei dois navios ancorados em frente do Rio-Num; apressei-me em ir em pessoa offerecer os meus serviços ao commandante da expedição ingleza: enormes vagas e uma corrente impetuosa impediram a minha boa vontade.

Pela noite os navios inglezes fizeram-se ao largo sem que me fôsse possivel communicar com elles.

Alguns dias mais tarde, regressando de Bony, toquei em Fernando-Pó. A expedição já tinha largado d'esta ilha; uma parte dos navios tinham ido para Ascensão; o *Soudan* tinha voltado para traz; muitos membros da commissão, entre os quaes estava o doutor Roscher, tinham ficado

em Fernando-Pó, onde as enfermidades os retinham; este sabio encarregado da parte geologica e mineralogica mostrou-me os seus albuns.

A ideia de penetrar na Africa central estava muito arreigada para que a recordação dos maus exitos não desapparecesse facilmente. Assim vemos em 1854 o capitão Becroft pôr-se á testa d'uma nova expedição que tinha por fim fazer reconhecimentos no Bénoui, para o curso superior do qual Barth acabava de chamar a attenção da Europa.

O doutor Baikie fez parte d'esta expedição, cuja direcção tomou depois da morte de Becroft. O tenente May levantou a planta do Binoué; o *Dayspring*, em que elle navegava, naufragou em 1857 em Babba, o que obrigou Baikie a continuar os seus reconhecimentos por terra.

É impossivel o fallar nos exploradores do Niger sem mencionar o capitão Glover, ao qual se deve o trabalho mais completo feito sobre este rio. Este official superior contava em 1867, durante o tempo em que em Lagos fui seu hospede, que quando elle percorria os arredores de Boussa tinha sido intrigado pela insistencia com que um mollah o seguia, tendo-se-lhe esgotado a paciencia, chamou o musulmano que lhe apresentou um livro encadernado á europêa; Mr. Glover reconheceu n'este volume uma biblia na qual estava escripto o nome de Mungo-Park. Era o unico despojo que se tinha podido encontrar da perda do grande viajante escocoz.

O tenente Molyneux, encarregado de castigar o assassinato do consul Fell, entrou no Niger em julho de 1870, chegando a Iddah a 29 de setembro. No seu relatorio este official queixa-se da errada posição dos bancos marcados nos mapas, o que lhe causou embaraços pelas repetidas vezes que deu em secco: os rios africanos sujeitos a grandes cheias, estão ainda longe de terem sido estudados com sufficiente exactidão; seria necessario dedicar a vida d'um homem a este fatigante trabalho que deve ser empreendido na estação sêcca.

Depois de ter visitado as differentes localidades abaixo do confluente, o tenente Molyneux foi a Bedda, cidade onde o governador da provincia de Nuffi, o emir de Massabah, vive. Este emir acolheu com distincção os officiaes inglezes, a quem enviára cavallos para irem a Bedda, cidade defendida por boas muralhas e afastada do rio muitas legoas.

Massabah pretendia estender os seus dominios; queria fazer a guerra ao rei d'Iddah para

vingar o assassinato do consul Fell. Queria apoderar-se de Lokoja, ainda que não fôsse senão a titulo de protectorado; mas ao tenente Molyneux não pareceu prudente deixar que o ambicioso Foulah se intromettesse nos negocios da Inglaterra.

A companhia africana, que tem a sua sêde em Lagos, frequenta regularmente o Niger; a hydrographia do rio vae-se aperfeiçoando; a capital, já a braços com tentativas, talvez temerarias, reformar-se-ha; o Binoué tem um immenso futuro; o marfim, os oleos, devem dar resultados commerciaes que são tidos como certos.

Este relancear d'olhos sobre o Sudão e sobre o valle do Niger, mostra-nos que nada ha mais inconstante do que os imperios africanos: ali as revoluções são tão repentinas como sanguinolentas; as cidades ali erguem-se e são destruidas como por encanto. Konkona, Sakaton, Gando, substituiram as antigas capitaes do Bornon; Jacoba, Zaria, Yola, foram edificadas para dominar Zeg-Zeg, Baotchis, Adamavoua. Rabba, que em 1842 tinha quarenta mil habitantes e saudava amigavelmente a partida de Becroft, foi queimada, assim como Katonga que recebera Claperton.

Habil em aproveitar as vias commerciaes, a Inglaterra ataca o Sudão por todos os lados, enviando caravanas de Marrocos, da Tunisia, de Tripoli e do Egypto; espera o momento em que as perturbações occasionadas pela invasão d'El-Hadji-Omar se apasiguarão. Windwood Read, partindo da Serra Leôa, penetrou no Niger por uma via mais curta do que a percorrida por Laing; os chefes dos Limbas e dos Curankos inimigos dos Foulahs, comprehendem hoje ser do seu interesse o approximarem-se da Inglaterra, que pôde n'elles encontrar auxiliares.

As expedições de Ghadanie, d'Insalah e as recentes publicações chamam a attenção da França sobre a Africa central. Estes viajantes estudam os caminhos do Sudão. Ha uma escolha a fazer. O caminho de Ghadanie não é pratico, o de Insalah deve merecer as nossas attensões. Tempo virá em que Tell servirá de testa ao caminho de ferro do Grã-Sudão; as difficuldades vencidas pelos americanos no seu caminho de ferro transcontinental oram infinitamente maiores que as que podem haver no caminho de ferro africano.

D'Insalah poderemos dominar o Sudão oriental e occidental e dirigirmos-nos, quer seja sobre Asouad, quer sobre Aïr, cujos principaes mercados são Tombouctou e Aghadès. O leito do

Niger muito estreito a baixo de Tombouctu — Air sem duvida impedirá de se tornar uma via commercial. Mas Aghadês é o ponto de junção dos caminhos que passam por Bilma. É esta a via mais curta para penetrar em Sakaton; abrimos-a o Damergon e o Gouber e conduzir-nos-ha ao centro do reino Foulan em Sakaton.

Por outro lado ver-se-ha que a fracção da costa comprehendida entre a costa d'Ouro e o cabo Formoso é arida, o que fôrma notavel contraste com o interior, onde existe luxuriante vegetação; os terrenos são n'esta região compostos de quartzo hyalino, de mica e d'argilla, productos da decomposição das rochas do interior.

A entrada dos rios está pejada por uma vegetação parasita que desaparece logo que deixa d'existir agua salgada; a flora dos altos planaltos é rica; as palmeiras productoras de azeite formam immensas florestas; a zona onde ellas crescem não é muito elevada; existe tambem uma outra especie de palmeira cujo fructo é agradável ao paladar e cujo parenchyma dá um oleo aproveitavel; os boababs, esses gigantes vegetaes são o ornamento das planices. As amoreiras, as malvaceas tem cascas textis. O coqueiro só cresce junto das vivendas dos homens, de que é sempre o fiel companheiro.

As brisas da terra e do mar alternam-se n'estas paragens e esta regularidade só é interrompida pelas chuvas do inverno. O *harmattan* é o vento que sopra desde o grande deserto até ao Niger; é geralmente frio e indica o desapparecimento da época das chuvas. As particulas que arrasta caracterisam os terrenos que atravessa; vem carregado de pó vermelho do Sahara; ao longo da costa dos Escravos arrasta poeira branca; o neveiro que o acompanha é

de natureza especial; é geralmente sêcco; é raro que não cesse ás onze horas; a brisa do largo, vindo do sudoeste, substitue-o.

A fauna d'estas regiões é pobre em quadrupedes. O cavallo só vive na costa occidental d'África.

Os bois pequenos, os carneiros raros, os cabritos e as cabras, assim como as aves de todas as especies, são abundantes.

XXVI

O Monni — O Moondah — O Gabão — O capitão Blanchard — Fim d'uma mulher aborrecedora — Caça ao elephante — Um homem comido pelas formigas.

A parte da costa comprehendida entre o Cameron e o cabo S. João é montanhosa; as bahias que aqui se abrem não se prolongam muito pelo interior; os dois rios que ahi desagôam são o Rio Campo e o Benito; são profundos e estreitos e prolongam-se até ao sopé das montanhas, onde a sua navegação é interceptada por cataractas.

O commercio d'oleo não vae além de Cameron; o marfim, as madeiras proprias para mercenaria e resinas são as unicas mercadorias offerecidas por estes po-

vos aos estrangeiros, a quem fazem bom acolhimento: estas tribus pertencem no seu maior numero aos Battangas, intrepidos caçadores d'elephantes.

Uma grande vegetação cobre estas montanhas desde a base ao cume e as povoações estão escondidas pelo arvoredado que as abriga.

Um pico agudo, o Mitre, domina a cordilheira Benoit e estende os seus contrafortes até ao cabo S. João. Uma vasta bahia se abre desde este cabo até ao Gabão; está entulhada por bancos d'areia, do meio dos quaes se levantam algumas ilhotas. Dois rios, o Monni e o Moondah desagôam aqui. Pelo primeiro faz-se um com-



MONSENHOR DE BESSIEUX, B'PO DAS DUAS GUINÉS
Desenho de E. Roujat, segundo uma photographia

mercio consideravel; os negociantes installaram-se em Élobei, uma das ilhotas situadas na sua embocadura; a Hespanha disputa-o á França: não quero entrar nas peripecias d'esta lucta diplomatica. Os reconhecimentos feitos provam que este rio não tem quantidade d'agoa importante; recebe os riachos que se despenham das montanhas; divide-se em tres ramos, um dos quaes nasce junto do monte Mitre: é o N'tongo, cuja corrente se deve approximar da do rio S. Bento; o N'tambonnay vem do este e recebe as agoas das vertentes occidentaes da Serra de Cristal; o terceiro ramo, o Noya serpêa por entre os paletuvios que se acumulam nas terras baixas. O Noya estabelece algumas communicações

com o rio Moondah e por conseguinte com o Gabão: esta rede hydrographica é um verdadeiro delta.

A ilha de Gandé, situada a desasete milhas da embocadura do Monni é habitada pelos agentes das feitorias europeas; está situada na confluencia do N'tongo com o N'tambonnay; visitei-a em 1867; a paisagem é esplendida; grandes arvores substituem os paletuvios que invadem os terrenos baixos, onde existem as agoas salgadas. A ponta do N'tongo foi outr'ora fortificada. Algumas peças enferrujadas, que pareciam d'origem hollandeza, estavam no chão, onde os demais vestigios de edificios europeus tinham desaparecido.



PICO DE FERNANDO-PÓ—Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

As margens do rio Monni são povoadas por muitas tribus: as da costa do oeste, os Baillinguis, ramificam-se com os povos que habitam Banoko; as do sul são Bengas ou Sequianis; a região mais elevada é habitada por Battangas alliados dos Shebas e dos Pahonius. Estes povos irradiam até aos rios de S. Bento e Campos que os gabonezes chamam Rembo Tenoko. Os americanos têm uma missão em S. Bento.

Commercia-se em marfim, gomma e cautchuc no Monni, cujos chefes adheriram todos ao tratado geral de 1843 que serve de base á nossa soberania no territorio que cerca o Gabão e o Ogôoué.

A ilha de Corisco é habitada pelos Bengas; está sob o protectorado hespanhol e possui uma missão americana; a sua população, pouco densa

em outros tempos, vivia da escravatura; o seu chefe, Monga, é apaixonado pela Hespanha, recebe do governador do Gabão alguns presentes annuaes pelos bons serviços que faz, aplanando difficuldades entre os commerciantes e indigenas; é muito intelligente e tem uma grande sympathia por nós.

O rio Moondah é principalmente habitado pelos Sequianis ou Bulous; communica com o Gabão. Era antigamente o deposito das madeiras de tinturaria, e de mercenaria; a gomma elastica substitue agora esses elementos de commercio local; o ebano só se encontra hoje nas vertentes affastadas das montanhas do interior e o seu transporte, assim como o das madeiras de tinturaria faz-se ás costas d'homens, o que exige o fraccionamento das madeiras: será bom

dizer que aqui a besta de carga é sempre a mulher.

Os annos de 1838, 1839 e 1840 foram empregados pela França em estudar os recursos commerciaes d'Africa. O Gabão foi um dos pontos escolhidos para ser creado um centro commercial. Desde 1785 possuíamos ali feitorias que se annullaram completamente depois da revolu-

ção de 1789; mas o francez ficára sendo a lingua commercial de Gabão.

O Gabão é um vasto golpho situado sob o equador. O capitão Owen fez no Gabão um reconhecimento superficial, insufficiente para que se podesse frequentar com segurança; em 1843, tendo por base uma triangulação regular, levantei eu uma planta geral.

(Continúa.)

SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 28)

PIZ JULES Baissac, nas *Origens da Religião*: «Um velho pontifice, vestido de purpura (temos ainda a *opa vermelha*) vinha cada anno mergulhar a pedra na corrente, no meio de alaridos freneticos do côro dos padres, uns flagellando-se com disciplinas com pontas de ossos ou seixinhos, *flagella tassellata*, e os outros batendo sobre um pandeiro ou soprando com toda a força em charamellas. Esta cerimonia faz lembrar a chegada da deusa syria e de todos os deuses do seu templo ao lago sagrado de Hierapolis, e os gritos, as macerações dos padres, o tambor, as charamellas, tudo isto é essencialmente oriental e nada tem de commum com as religiões patricias.»¹ Em Portugal muitas procições (ex. a de S. Sebastião no Algarve) tem este character orgiastico, mas sobretudo as que levam os santos junto d'agua tem o character de penitencia. Estas superstições pertencem a esse subsolo ethnico sobre que assentaram os dois polytheismos semita e árico; para serem entendidas, as superstições precisam ser agrupadas de modo que pela recomposição do systema religioso de que formaram parte se conheça a sua seriedade e importancia inicial.

No processo de Luiz de la Penha, de 1626, cita-se com frequencia a superstição de *Santa Martha*, com orações especiaes de encantamento para que uma pessoa ame outra, e fique á disposição de todas as suas vontades. Este facto é importantissimo, para se recompôr o culto chtoniano que existiu na Europa antes do christianismo, e que tanto facilitou a sua introdução, confundindo-se com o culto da Virgem Mãe ou da Virgem Maria. Jules Baissac, nas *Origens da*

Religião, falla do culto de *Martha* em todo o occidente europeu; principalmente no litoral do Mediterraneo: «Na Provença e ao longo do Rhone, até Vienna e em Lyon, conservaram-se tradições, de que o Christianismo habilissimamente, inconscientemente talvez, se apropriou, mas que no seu estado de transformação actual, accusam evidentissimamente uma outra origem para que seja possivel o equivoco. No numero d'estas tradições, de character eneano, figuram as de *Santa Martha* e Magdalena em Marselha, em Tarascon, em Avignon, em Aix, sobre as margens de Durance e em Sainte-Baume; etc.» (Op. cit., II, 100.) Nos cultos semitas, a relação do homem para com Deus é a do escravo (*abd*) para com o Senhor; assim este epitheto de Senhor (*Adon, Baal*,) tem tambem a forma feminina de *Marah* e *Marth*. Este nome foi dado ás divindades femininas equivalentes a *Baalath*, e em Creta, Diana é chamada Brito-*Martis* como Jupiter é equiparado por Estevam de Byzancio a *Marna*, de Gaza (isto é *Mar-na*, nosso Senhor), achando-se assim completo o par divino. Sobre a costa punica, como diz Baissac, existe uma localidade chamada *Maraza* (de *Marah-aza*, a forte Senhora; assim Epiphanio cita as duas divindades femininas *Marth* e *Marthana*, adoradas pelos judeos-pagãos ou gnosticos da Palestina. «A denominação de *Martha* era um nome de uso frequente no semitismo para designar a Mãe divina, da qual os gregos fizeram a sua Artemis e Diana. Por opposição a Magdalena, que representava o lado hetairista d'esta Deusa-Mãe, *Martha* representava o seu aspecto verginal.»¹ Este dualismo é importantissimo

¹ Op. cit., t. II, p. 74.

¹ *Origines de la Religion*, II 103.

e também apparece citado no processo de Luiz de la Penha, em *Martha a dina*, ou a sancta, (*Martha-na*, na forma grega *Mardiana*) e *Martha*, a que o peccado encanta. O character demoniaco d'esta ultima confirma-se pelas proprias tradições da feiticaria medieval, por que o nome de Astaroth, não é senão o nome de *Astoreth* dado a esta divindade. Plutarcho, na vida de Marius, cita uma prophetisa nas Gallias, dois seculos antes de Christo, chamada *Martha*, consultada antes do general romano dar batalhas. «A denominação de *Martha*, a *Senhora*, é anterior na Gallia, ao Christianismo e ao Evangelho, como denominação religiosa e objecto de culto.»¹ Em Portugal, existe no Minho uma romaria de *Santa Martha*, no alto de uma *montanha*, á qual concorrem as mulheres, que soffrem do *utero* e de perturbações menstruaes.

Nada mais evidente do que esta origem chthoniana. A adivinhação pela *mão*, verdadeiro symbolo phalico, liga-se a este culto em que o principio masculino (*marcos*, *frades*, *picotas*, ou columnas de *menhir*) se substituiu aos symbolos do chteis (*cavernas*, *lapas*, *lameiros* e *mamôas*.) O character semitico d'esta superstição acha-se referido no Cancioneiro de Resende:

Pareceys mouro alfenado
que adivinha pela mão (fl. 225.)

No processo de Luiz de la Penha, art.º 4.º do Libello, se lê: «Que usa de adivinhar e o faz assi *vendo as mãos dar pessoas...*» O mesmo se repete no articulado septimo e oitavo. O character sensual d'estes cultos chthonianos conservava-se nas praticas da feiticaria da idade media, e no processo de Luiz de la Penha verêmos as accusações d'esses ritos orgiasticos da prostituição sagrada. Agora comprehendemos o valor das Orações a *Santa Martha*, a *não dina*, para que uma pessoa ame irresistivelmente outra; no articulado 170 de libello vem: «Que sendo o réo de Luiz de la Penha perguntado pelos ditos papeis, confessou que a letra de huns papeis maiores, de que alguns vão juntos nas culpas, eram de sua mão; está escripta uma devação a *Santa Martha* em que conclue assi:

queiraes vós prender e sugigar o coração
a tódos aquelles que contra mim são.
Alleluya!

¹ Ibid. p. 108.

«e apoz isto que chama devação, está outra que chama *Oração de Santa Martha*, que diz ser a *não dina*, que diz assi:

Martha, não já a dina,
nem a sancta,
senão *aquella*
que o peccado encanta;
detrás da porta estarás,
de luto te vestirás;
com trez varas te mandarei,
a meu mando estarás;
depressa e logo irás,
a embaixada tu trarás.

Com trez varas te mandarei,
quatro cantos catarei
com a vara de maior alçada
tu não comerás,
nem beberás
até commigo á conta vires estar.»

No articulado 22.º, cita-se um livro de Luiz de la Penha, (fl. 137 a 151) no qual «estão muitas e varias cousas com titulo de *devações para querer bem e vir a pessoa d'onde quizerem*, e a primeira entre o mais tem as palavras seguintes:

.....
Valham-te aquellas trez irmãs,
que eu tenho por convidadas,
huma é a sombra,
e outra a solombra,
e outra *Martha*, *não a dina*,
nem a santa
senão *aquella* maldita
que os demonios encanta;
esta te hade trazer
preso e atado
e *ligado* e encantado,
de pisão e de calhão
e de rinhão,
e de estaco e de abuss (ão)
que de todas as tuas conjuncturas
o não deixes durar,
nem aquietar,
nem repousar,
até que a mim (*foão* ou *foã*)
me venha buşcar;
e quanto tiver
me venha dar;
e quanto souber
me venha dizer.»

É importantissimo este texto; a *Martha*, que aqui se invoca é a demoniaca, isto é, a *Senhora*, a Deusa hetairista dos cultos chthonianos da prostituição sagrada. Nos livros magicos de Luiz de la Penha abundavam as Orações a *Santa Martha*, confundidas com as da *Virgem*: «E assi

outra devaçam a *Sancta Martha para prender e subjugar o coração das pessoas*. E outra de *Martha não a dina* para uma pessoa vir a outra. E outra devação da Virgem da Piedade» (Art.º 22). E no articulado 24: «E na mesma folha diz que *tomou as mãos a nove mulheres* dizendo-lhe as sinas *com algumas deshonestidades*. E apos isto está escripta uma Carta de tocar. E apos ella está escripto o que chama *Oração de Martha, não a digna*, e no cabo diz que é defesa. E no mesmo livro (da letra E, ás folhas, 101, 105, 112, e 113, diz que disse as sinas a sento e seis pessoas casadas e solteiras *com muitas torpesas sujas e deshonestas, e diz que lhe vio com seus olhos todos seus corpos*. E ás folhas 115 e 123 verso, e 24 verso e 127, e 128, do mesmo livro, nomêa por seus nomes treze mulheres que diz ter benzido tambem com muitas torpezas sujas e deshonestas. E no mesmo livro da letra E, ás folhas 130 até 157, entre outras cousas nomêa por seus nomes trinta e nove mulheres solteiras, casadas e viúvas, que diz ter benzido com muitas torpezas e deshonestidades e com algumas estava espaço de huma e duas horas. E nomêa mais quatorze mulheres...» É um nunca acabar; este feiticeiro, de que a Inquisição de Evora tomou conta, e que já era herdeiro das tradições magicas de seu pae (articulado 8.º do libello) conservava a pura tradição do culto chthoniano de *Martha*, a Deusa-Mãe, que precedeu no occidente o culto da Virgem. Entre os papeis avulsos appensados ao processo vem esta outra:

Devoção de Santa Martha

Bem aventurada Santa Martha,
pellas terras do Egypto passastes,
a Serpente féra encontrastes,
com a santa caldeira da agua benta
e issope na mão saudastes,
e com ella amançastes,
e com a vossa preciosa cinta atastes;
á cidade a trouxestes mança e pacifiqua,
aos inficis a entregastes.
Assim como isto é verdade etc.

Os cultos phalicos, que se substituíram ao hetairismo, apparecem simultaneamente nas superstições.

Na Ordenação manuelina, prohibe-se o ter *Mandraculas* em casa para exercer seducção de favor sobre qualquer pessoa. Na idade media acreditava-se no poder benefico da planta *Mandragora*, cujas raizes similhavam figuras de homem ou de mulher; sobre este ponto Leroux

de Lincy apresenta a auctoridade de *Le grand Herbier français*, do fim do seculo xv, em que se allude a esta crença da gente do campo. (*Livre des Legendes*, p. 135). Segundo os documentos reunidos por Dulaure, a *Mandragora* esteve na maior voga no seculo xv, e empregava-se para desfazer maleficios, attrahir a felicidade e tornar fecundas as mulheres; apparece citada no *Genesis* (xxx, 14) como um fetiche phallico, empregado por Lia e Rachel; os Templarios foram accusados de adorarem uma *Mandragora*, e no seculo xii usava-se trazel-a envolvida em seda, para nunca ser pobre. A mandragora, apresenta nas suas raizes a fórma de um homem ou de mulher, e a sua cultura foi descripta por Jacques Grévin, no livro *De l'imposture des Diabes*. O abbade Rosier, no seu *Curso de Agricultura*, diz: «Tenho visto mandragoras que representam perfeitamente as partes do homem e da mulher; etc.» Dulaure dá como etymologia d'este nome a phrase *main de gloire*, dos conhecidos symbolos ityphalicos antigos ¹. O *barbasco* é tambem uma planta com virtudes magicas, como se vê pela esconjuração de Luiz de la Penha; a *arruda* afugenta os espiritos malevolos. Esta botanica magica explica-se pela acção sedativa das solaneas no systema nervoso, e pelos terriveis effeitos dos emenagogos. Já fallámos do costume de *queimar alfazema* em casa; no processo de Luiz de la Penha (art.º 8.º) falla-se em benzeduras, queimando um pequeno ramo de *alecrim*. Os cultos agricolas ligam-se ás praticas orgiasticas do hetairismo; as *hervas*, na linguagem symbolica do direito, são a expressão metaphorica da prostituição, como se vê na phrase ainda vulgar: *filho das hervas*. Em uma das fórmulas de Luiz de la Penha, vem o verso:

Sam Marcos te marque

cujo sentido se comprehende pelo verso popular de Andaluzia:

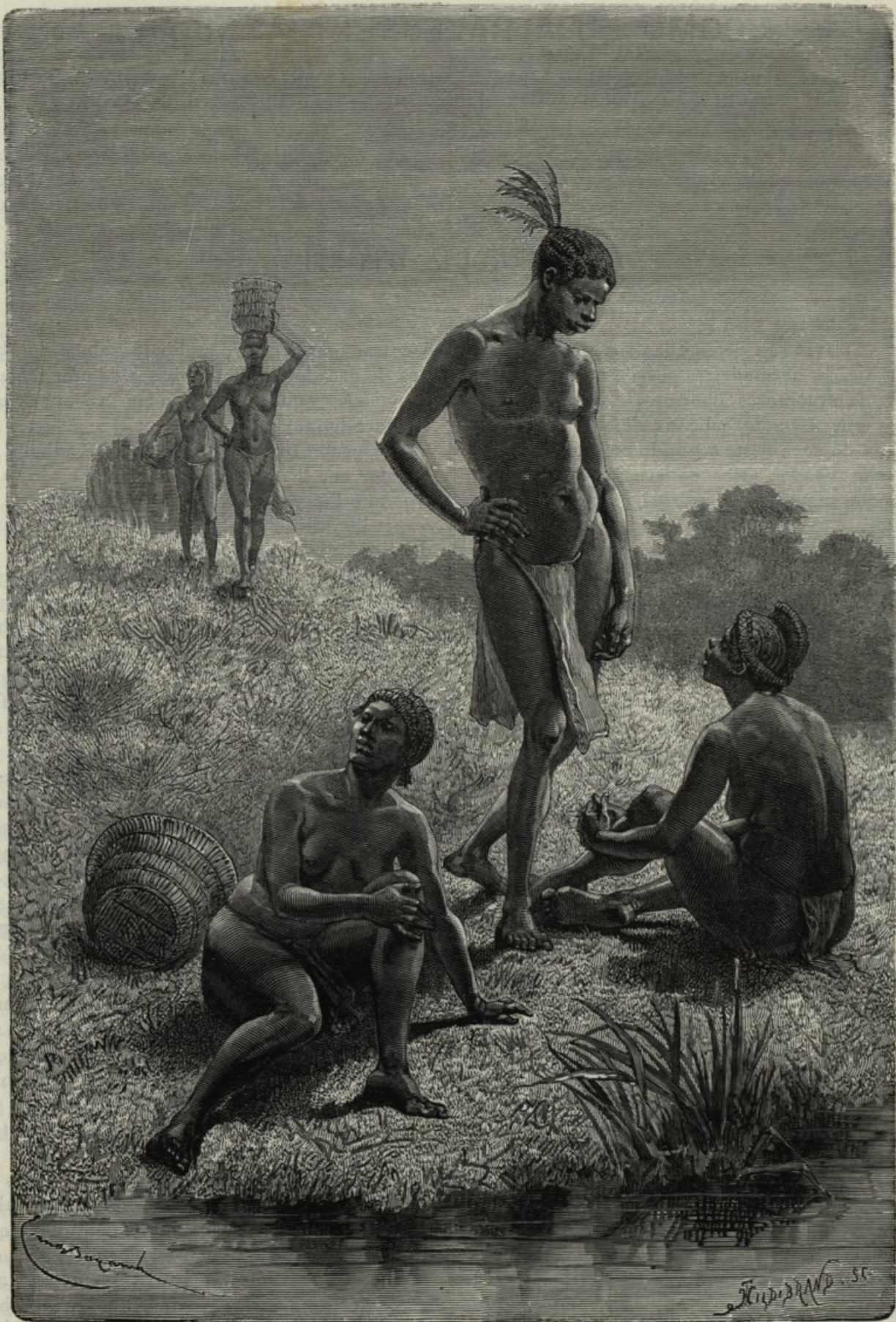
*Agua, señor Sam Marcos,
Rei de los charcos... 2*

¹ *Histoire abrégée des différents cultes*, t. II, p. 256. — Nas romarias de alguns Santos, como a de S. Gonçalo de Amarante, no 1.º sabbado de Junho, as raparigas vendem pelas ruas bolos de maça cobertos de assucar chamados testiculos de S. Gonçalo. (Comunicação de S. Rodrigues Ferreira). Dulaure cita os pães phallicos em França no Bas Lismousin, no Auvergne, nas cidades de Saintes, e S. Jean d'Angely; vê-se aqui o culto persistindo a par da superstição.

² Rodrigues Maria, *Cantos populares*, t. I, p. 58.

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.



HOMENS E MULHERES QUIMBANDÉS — Composição de E. Bayard

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 29)

AS LIBATAS são defendidas por uma forte paliçada de madeira, quasi sempre coberta de sycómoros enormes, e dentro d'ellas uma segunda paliçada defende e fecha a morada do sova. Este segundo recinto chama-se o *Lombe*. Dados estes esclarecimentos, vamos vêr o que se passa pela morte ou aclamação dos régulos.

Logo que morre o sova, o acontecimento é sabido dos macotas, que guardam o maior segredo. Dão parte ao povo de que o sova está doente e por isso não apparece. O cadaver é deitado na cama, na cubata, e coberto com um panno; isto em Caquingue, porque no Bihé, é dependurado pelo pescoço ao tecto da cubata.

O corpo ali jaz até que a putrefacção e os insectos deixam a ossada nua, no paiz de Caquingue; no Bihé, até que a cabeça se separa do corpo.

É então que annunciam a morte do régulo, e que se procede ao enterro. Os ossos são metidos em uma pelle de boi e enterrados em uma cubata que existe no *Lombe*, sarcophago de todos os sovas. A cubata em que apodreceu o cadaver é demolida, e todo o material é transportado fóra da libata, e abandonado no matto. Será desnecessario dizer, que a morte de um sova é sempre produzida por feitiço, e que um desgraçado paga com a vida, não o feitiço, que não fez, mas a vingança particular de um dos macotas. Logo que se annuncia a morte do sova, o povo sahe furioso, e durante alguns dias, são roubados todos os que passam proximo da capital, sendo que se apossam das pessoas mesmas, que escravizam para venderem depois.

Os macotas vão buscar o herdeiro, e acompanham-no até á libata grande (capital); mas ali elle não entra no *Lombe*, e fica vivendo na povoação como qualquer do seu povo. Em seguida

á entrada do herdeiro na libata, sahem dois bandos de caçadores, um em busca de uma malanca (*Catoblepas taurina*), e outro em procura de uma creatura humana.

Do grupo que vê o antilope, se adianta um caçador que lhe atira, fugindo logo, e são os outros que lhe vão cortar a cabeça, porque se fór o que lhe atirou é logo assassinado, e nunca pôde dizer que foi elle que o matou.

O bando que procura a creatura humana, apossa-se da primeira que encontra (homem ou mulher), e arrastando-a para o matto, cortam-lhe a cabeça, que trazem com todo o cuidado, abandonando o corpo. Chegados á libata, esperam pelo bando que foi caçar o antilope, porque mais facil sempre é encontrar e matar um homem do que encontrar e matar uma malanca.

Reunidas em uma cesta as duas cabeças, a do homem e a do antilope, vem o cirurgião, e começa a fazer *os curativos* precisos para que o novo sova possa tomar as redeas do governo, e quando acaba a sua magia, declara que elle pôde entrar no *Lombe*. Acompanhado dos macotas, o sova entra no *Lombe*, no meio de grande grita e muita fuzilaria.

O primeiro passo que dá o sova no seu governo, é escolher entre as suas amantes uma que apresenta como sua mulher, a qual fica morando com elle, e toma o nome de Ináculo, e o governo caseiro; as outras ficam vivendo no *Lombe*, mas fóra do recinto do régulo.

No Bihé, como em toda a Africa Austral, está estabelecida a polygamia.

Os crimes no Bihé são sempre julgados em primeira instancia pelo lesado, e só se o culpado se não sujeita ao pagamento da multa, é que, algumas vezes, sobe a causa ao conhecimento do sova, porque em outras a justiça é feita pelo lesado. A palavra terrivel no Bihé, o vocabulo *Mucano*, não exprime simplesmente o crime,

mas designa uma idéa que envolve ao mesmo tempo o crime e o pagamento da multa.

Ali todos os crimes são remiveis a dinheiro, isto é, ao pagamento de multas; e não ha penalidades intermediarias entre a multa e a pena de morte. Se alguém rico, sobre quem pesa um mucano, se recusa a pagar, e o lesado é poderoso, faz presa ao culpado em valor muito superior á multa, ficando a presa em deposito, para ser vendida ou ficar pertencendo ao que a fez.

Aquelle que faz uma presa injusta é obrigado pelo sova á restituição, e a dar um porco ao prejudicado.

Este systema é azado a roubos, e todos os dias apparecem mucanos os mais estupendos.

Um dos mais vulgares é o do adulterio das mulheres, a quem os maridos mandam que se façam seduzir por este ou aquelle homem que possui alguma cousa, para lhe fazerem depois pagar o mucano. O chefe de uma comitiva é obrigado a pagar os mucanos dos seus pretos, e responsavel pelo comportamento d'elles.

Quando um branco, responsavel pelos mucanos dos seus pretos, tem por seu lado força bastante e se recusa a pagar, elles esperam, ás vezes, annos até poderem atacar outro branco mais fraco, e fazerem-lhe presas, dizendo-lhe que é por causa do outro e que se entenda com elle.

Se o que teve um mucano é fallecido, o desgraçado que vem habitar a sua povoação paga por elle.

O modo por que se *faz justiça* no Bihé é a causa do grande transtorno que soffre o commercio e das importantes perdas das casas de Benguella.

Durante a minha estada em casa de Silva Porto, vieram ali uns pretos que traziam uma gallinha para fazer uns *curativos*, e o hortelão vendo-a disse que tinha uma muito parecida com ella. Foram estas palavras objecto de um mucano, em que o hortelão teve de pagar 16 covados de algodão ao dono da gallinha.

Logo que chega alguém ao Bihé e traz fazendas, procuram arranjar-lhe innumerous mucanos, e roubam-lhe assim uma grande parte d'ellas.

Os sertanejos, quando chegam ao Bihé, são tão defraudados pelos mucanos, que muitas vezes não lhes fica para ir negociar no interior mais do que a terça parte das facturas trazidas. Guilherme (o Candimba), pae do Verissimo, a ultima vez que ali foi em viagem de trafico, foi

obrigado a dar fazendas no valor de 600.000 réis por um mucano que lhe arranjaram, de um seu preto ter comprado um bocado de carne de carneiro por tres cartuxos de polvora, e não os ter dado no dia aprasado, mas sim no seguinte, em que já não foram aceites. Durante a minha estada no Bihé, Silva Porto teve de pagar um mucano de 700.000 réis por uma bagatela ainda maior.

É o mucano, esse roubo infame, porque é legal e authorisado, a causa principal do estorvo ao commercio e da decadencia do Bihé.

Foi o mucano que expulsou do Bihé a Silva Porto e aos sertanejos honrados.

Supprima-se o mucano, segure-se o caminho de Benguella, organize-se e legisle-se para as comitivas sertanejas, e dentro em pouco triplicará o commercio de Benguella, e novas fontes de riqueza, atrophiadas hoje pela pouca segurança, virão alimentar as industrias europeas.

O povo do Bihé é azado a grandes commettimentos. Esmague-se no seu seio a vibora da ignorancia que o corroe; levantem-se esses brutos ignaros á altura de homens; dê-se-lhes uma direcção, e elles caminharão na via do progresso e chegarão aonde difficilmente chegará outro povo africano.

Os pretos d'Africa são como os cavallos de fina raça: quanto mais fogosos e bravos, mais promptamente se tornam doces e obedientes.

Aquelles em que predomina a inercia e a cobardia, difficilmente se poderão civilisar; aos outros não será difficil tarefa trazel-os ao caminho do bem.

Os bihenos, como todos os povos d'esta parte da Africa, são muito dados á embriaguez.

Ali ainda chega a aguardente, e na falta d'ella fabrica-se muita capata.

A capata, quimbombo ou chimbombo, que lhe chamam de qualquer d'estes modos, é uma especie de cerveja feita de milho.

Nas terras onde cultivam o lúpulo (*Humulus lupulus*), servem-se das conicas sementes d'esta trepadeira para confeccionarem a bebida.

Para isso reduzem as sementes a pó, e misturado este pó com fuba de milho em uma enorme panella, ferve por espaço de oito ou dez horas em muita agua, e logo retirada do fogo e fria, é a capata, que se bebe immediatamente.

N'este preparado a fermentação acetica predomina, e é tão pequena a fermentação alcoolica, que não embriaga senão em grande quantidade. Como a bebida não é filtrada, fica cheia

de farinha em suspensão, e é mais uma massa muito fluida, do que puramente um liquido. É muito substancial, e ha pretos que passam um e mais dias sem comer, bebendo só capata.

Nas terras onde não ha lúpulo é este substituido por uma farinha feita de milho em estado de germinação, que elles fazem produzir, já enterrando o milho, já deitando-o em agua por alguns dias.

No tempo do mel, fazem produzir na capata uma grande fermentação alçoolica, addicionando-lhe mel, que no fim de alguns dias está em parte transformado em alçool.

Esta bebida assim preparada embriaga muito, e tem o nome de Quiassa.

Preparam ali ainda outra bebida que apenas pôde considerar-se refresco, mas que é agradável e muito nutriente.

É ella feita com a raiz de uma planta herbacea, que os meus poucos conhecimentos botanicos não me permittiram classificar, a que os pretos chamam *imbundi*. Uma forte decocção da raiz do *imbundi*, depois de fria e de uma ligeira fermentação em uma grande cabaça, e addicionada, a frio á fuba, fervida como para a capata.

A raiz do *imbundi* contém grande quantidade de materia sacharina.

Esta bebida chama-se Quissangua.

A alimentação do povo do Bihé é quasi toda vegetal, e tendo elles poucos gados, que nunca matam para comer, apenas uma ou outra vez comem carne de porco, animaes estes que abundam ali no estado domestico. Creio que foram introduzidos por Silva Porto. No paiz muito povoado escaceia a caça, e a pouca que ha são pequenos antilopes (*Cephalophus mergens*), difficeis de matar por muito esquivos.

Os bihenos comem toda a carne que encontram e a preferem no estado de putrefacção.

O leão, o chacal, a hyena, o crocodilo e todos os carnivoros são para elles finos manjares, mas sobre tudo o que mais amam são os cães, que engordam para comerem. Isto talvez prove-

nha da falta de alimentação animal que têm no seu paiz. Elles não são positivamente canibaes, mas comem de tempos a tempos um bocado de homem cozido. Preferem os velhos, e um ancião de cabelleira branca é optimo presente que recebe um sova ou algum rico século para um banquete.

Os sovas do Bihé fazem repetidas vezes uma festa, na sua libata, a que chamam a festa do Quissunge, em que são immoladas e devoradas cinco pessoas, sendo um homem e quatro mulheres, d'esta sorte: — uma mulher que faça pannelsas, uma do primeiro parto, uma que tenha papeira (é vulgar ali), uma cesteira e um caçador de côrças.

Presas as victimas são degoladas e as cabeças lançadas ao matto. Os corpos entram de noite para o Lombe da libata grande, onde são esquarterados, e morto um boi, a sua carne é cozida com a carne humana, parte da qual é tambem fervida na capata; sendo que tudo o que apparecer no banquete deve levar sangue humano. Logo

que está prompta a sinistra e repugnante ceia, o sova manda participar que vai começar o Quissunge, e todos os habitantes da povoação correm pressurosos ao festim.

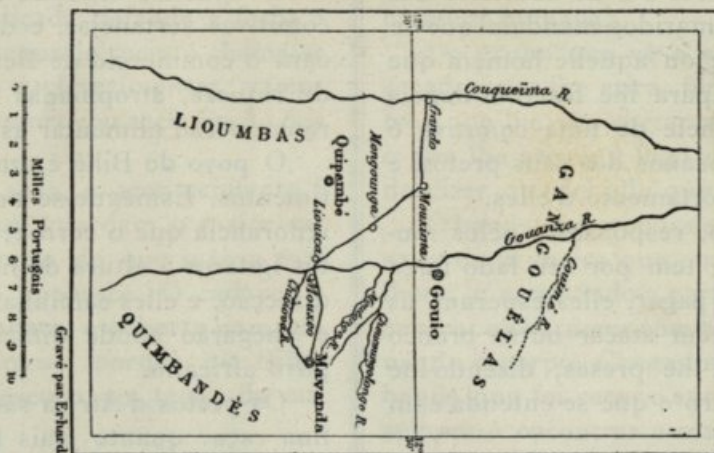
Os bihenos gostam muito das termites, e destroem as suas habitações para as comerem cruas.

O biheno é altamente ladrão, e furta sempre que pôde algum objecto, logo que esrá no seu paiz; fóra d'elle, não só se abstem de roubar, mas, como carregador, respeita a carga que lhe confiaram.

Quando uma comitiva acampa no mato, no Bihé, é preciso logo dar parte d'isso ao século dono da terra, mandando-lhe um pequeno presente; sem o que, ficam auctorizados os pretos da povoação visinha a roubarem quanto possam. Logo que se dá o presente ao dono da terra, é elle o responsavel por qualquer roubo que haja.

(Continúa).

SERPA PINTO.



CARTA DO PAIZ DOS GUIMBANDÉS



MULHER MALAIA DE DODINGA E SUA FILHA

VIAGEM Á NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuado da folha 29)

SINTO a necessidade d'abrir um parenthesis para fallar dos soldados do exercito holandez nas Indias. As cinco sextas partes d'este exercito são compostas d'indigenas voluntariamente alistados e o resto de mercenarios suissos, allemães, mas principalmente belgas e francezes. Indigenas e europeus estão ali com o engodo de largos soldos. Todos os officiaes, e a maior parte dos sargentos, são hollandezes.

Esta organização explica como a Hollanda, pequeno povo de quatro milhões d'habitantes, pôde sustentar na Malesia um exercito de mais de trinta mil homens.

Em todos os paizes do Oriente, o indigena se dá mal com o celibato. Os hollandezes, com o espirito pratico que os caracteriza, comprehenderam isto e sem se deterem com considerações moraes que fazem lei nos nossos paizes civilizados, julgaram poder dizer: *Cada terra com seu uso...* É um mal, é um bem? não queremos ser seus juizes; mas, sem querer dar inteira approvação aos hollandezes, aconselharemos as pessoas que com este proceder se sintam escandalizadas que vão viver durante alguns annos no meio d'estas raças. Seja bom,

seja mau, cada soldado é auctorisado a possuir uma mulher indigena e nada tão curioso como vêr um quartel na Malesia, onde cada soldado com a sua familia occupa um espaço restricto em vastas casernas. É um pequeno mundo.

Aqui uma mulher nova lustra o correame, vigiando um garotito mestiço que se espoja no chão, emquanto que o pae está estirado, gosando bemaventuradamente a preguiça. Ali uma malaia, já entrada em annos, desejosa de accumular economias para dias peiores, montou uma quitanda onde vende pasteis feitos com azeite de côco e pequenos nadas de todos os generos e de todas as proveniencias.

A melhor harmonia reina n'estes agrupamentos e chegada a hora da visita dos officiaes, mulheres e creanças desaparecem como por encanto, sem deixar atraz de si o menor vestigio.

A auctoridade militar quer sem duvida mostrar assim que a presença das mulheres nos quartéis não é um direito, mas apenas tolerancia. Todavia essa mesma auctoridade não é estranha a este estado de coisas, pois que a mulher do soldado recebe ração; é transportada com o soldado á custa do Estado, quando este muda de guarnição, e o mais das vezes é ella

auctorizada a acompanhá-lo em campanha, ocasião em que ella presta ao soldado verdadeiros serviços em regiões em que a administração militar não pôde funcionar tão regularmente como entre nós. Mas quando as exigencias da guerra não permitem á mulher o acompanhar o soldado ficam nos quartéis arrigimentadas e o Estado alimenta-as. As creanças, productos d'estes casamentos temporarios (para me servir d'uma expressão d'um viajante illustre) não são abandonadas pelo Estado, que tacitamente protege estes enlacs. As raparigas succedem ás mães no mister e os rapazes são enviados a escolas onde lhe ensinam a lèr e a manejar a espingarda.

Mas voltemos á nossa viagem. Eis o caminho de Almaheira, a maior das ilhas Molucas.

Os nossos navios não são de certo fragatas couraçadas de primeira ordem, mas a sua construcção não deixa de ter originalidade. Sobre as bordas d'um barco esbelto e alongado, em fôrma de piroga, cuja pôpa e prôa se erguem em curva graciosa, como se fossem dois formosos collos de cisnes, apoia-se uma plata-fôrma, tres vezes mais larga que o casco da embarcação.

No centro d'esta plata-fôrma, para proteger contra o sol e a chuva os passageiros que amontoadamente vão misturados com as mercadorias, o constructor levantou um tecto coberto com folhas de coqueiro. Só resta livre uma galeria circular, onde se instalam vinte remadores alfuros.

Um immenso remo serve de leme. O mastro, esse, é uma invenção d'uma grande simplicidade engenhosa. O problema era podel-o levantar e desmontar facilmente, a fim d'utilisar o vento e de não prejudicar pela sua resistencia no ar os esforços dos remadores. Os ovens e as cordas são difficeis de manobrar; é um estorvo e um producto raro e caro; era necessario suprimil-os. Os malaio imaginaram um mastro com tripé, que se sustenta em pé por si proprio e a que o vento augmenta a solidez. As compridas varas de bambú servem magnificamente para este fim.

A vela é um vasto quadrilatero d'estofo, feito de fibras de palmeira que se enrola e desenrola n'um bambú, como os nossos mappas, e que é manobrada com tres cordas.

A ancora, d'um e mais, raramente de dois dentes, é de pau. Escolhe-se um ramo cuja curvatura em angulo agudo é robustecida com ligaduras de rotim. Uma pedra amarrada á an-

cora serve-lhe de lastro para que não sobre-nade e a corrente, a que a ancora está amarrada, sahe das immensas forjas da natureza; um malaio cortou-a com o *scupéda* na floresta mais proxima, é um rotim-trepadeira de quinze ou vinte metros de comprido.

As ligaduras feitas com rotim substituem em todos os casos os pregos e as cavilhas.

Depois do meio dia o vento começou de soprar e alou-se a vela, com que os remadores se mostraram satisfeitos, e perto das quatro horas da tarde, passando entre pequenas ilhas cobertas de verdura, entramos n'uma bahia rodeada de paletuvios, por entre os quaes desagôa o rio Dodinga. A pouca profundidade da agua impediu que nos approximassemos da praia: lançou-se ancora, espetaram-se paus para amarrar o prao e nós desembarcamos em grupos de tres e quatro, indo até á praia em pequenas pirogas.

Entramos no rio por sob um caramanchel de verdura e depois de percorrermos alguns cotovelos do rio chegamos ao pé d'uma pequena eminencia, onde casas em ruina, montões de bambús quebrados e queimados pela passagem recente dos bandos de Hassan, indicavam o logar onde existira a aldeia de Dodinga. M. Van Oldenborgh, que tinha sido o primeiro a desembarcar, recebeu-nos solemnemente, desejando-nos prosperidades no territorio d'Almaheira, de que elle era agora o governador.

Atravessamos o rio n'uma ponte rustica, feita com troncos d'arvores; subimos uma vereda ingreme e chegamos ao vertice da eminencia onde estavam ainda erguidos vestigios dos muros e vigias do antigo forte portuguez defendido por duas ou tres peças, tão velhas como elle, deitadas hoje entre as plantas parasitas sobre os blocos de pedra que lhe tinham servido de reparos.

Mediante uma piastra um malaio cedeu-nos um alpendre que convertemos em quarto de cama e simultaneamente em sala de jantar, cozinha e casa de trabalho.

Estavamos aqui perfeitamente tranquilllos e isolados, escondidos entre a verdura e só nos restava começar os nossos trabalhos.

A grande ilha de Gilolo, situada junto do equador, parece formada de quatro ilhas unidas umas ás outras, das quaes a do norte, a maior, está unida ás outras tres por um isthmo muito estreito, o isthmo de Dodinga, onde estavamos.

De norte a sul corre uma cadeia de montanhas com todas as suas ramificações cobertas de florestas seculares.

Algumas casas arruinadas, uma mesquita de tectos sobrepostos, humilde copia da de Ternate, tudo escondido entre o arvoredo, formavam a aldeia de Dodinga, em volta da qual os antigos campos lavrados se tinham transformado em prados naturaes cortados n'um e n'outro ponto por moitas d'arvoredo.

Anteriormente esta região era rica e povoada, mas a guerra devastou-a e os seus habitantes refugiaram-se nas florestas para escapar a um inimigo que nem o sexo nem as edades respeita.

A pequena força hollandeza, cuja chegada foi logo conhecida, deu-lhes coragem e logo no dia seguinte vimos reaparecer os habitantes de Dodinga. São de duas raças, uns malaios, outros alfuros, estes autochtones, os primeiros conquistadores. Vivem bem uns com os outros. Na aldeia, não distante da mesquita dos malaios musulmanos, viam-se os fetiches dos alfuros, bustos de madeira de tamanho natural ornados com cabelleiras humanas. Alpendres de folhas de palmeira protegiam das intemperies das estações estas imagens; vasos rachados e quebrados e farrapos d'estofos multicolores attestavam o culto prestado áquellas imagens, grosseiros emblemas da credulidade que secretamente corroia uma colonia.

Não tardou que vissemos alguns dos ingenuos adoradores d'estes idolos; eram homens tão parecidos como nós com os malaios. A sua estatura é mais alta e elegante que a do malaio. O seu rosto oval tem uma fronte alta e descoberta, o nariz aquilino, os olhos horisontalmente fendidos distinguem-os profundamente dos malaios; as maçãs do rosto são muito salientes e o nariz é achatado.

Algumas vezes têm a barba abundante; os membros são musculosos; o tronco não é cabeludo; mas as pernas e as côxas são abundantemente cobertas de pellos negros e frisados; a côr da sua pelle é d'um amarello canella. Os seus compridos cabellos ligeiramente crespos são atados atraz, formando uma especie de cuia e presos com um pente de pau. O seu traje compõe-se d'um cinto de corda, no qual se prende pela parte de traz um bocado de tecido vermelho ou azul, que, passando por entre as côxas, se vem prender adeante no cinto e cahe na frente como se fôra um avental. Braceletes de latão em espiral, largos anneis feitos de conchas brancas e um collar de missanga completam os seus enfeites.

As suas armas são lanças dentadas quasi

d'alto a baixo, feitas de ferro, um pequeno arco e flexas de bambú não envenenadas.

O alfuro que serviu de typo a esta descripção, o qual, graças á intervenção hollandeza, se sujeitou a collocar-se defronte do meu aparelho photographico ¹, era um bello rapaz chamado Niron, cujo olhar inquieto, caracterisava bem o selvagem que em contacto com a civilização se assusta com tudo que não comprehende. Comparando com Niron e com os demais alfuros do mesmo typo que eu vi, os malaios, mesmo os mais selvagens, nota-se n'estes ultimos maior civilização.

Os verdadeiros alfuros (pois que ha outros malaios, e muito differentes uns dos outros, confundidos debaixo d'este mesmo nome) estão espalhados na parte meridional da ilha Gilolo. Vivem, dizem, em grupos de habitações sacustres nas florestas. Dizem que são muito ferozes e que cortam muitas cabeças humanas, de que fazem horrosas colleções.

O difficil trabalho de classificar todas as raças humanas que habitam o vasto archipelago malaio tem por mais d'uma vez tentado os ethnographos de todos os paizes, tarefa reputada quasi impossivel em virtude dos productos dos numerosos cruzamentos feitos pelos portuguezes, pelos chinezes, arabes, alfuros, papus, etc.

Os selvagens que ora estamos estudando encontram-se todavia, sem mistura d'outro sangue, em Gilolo, em Ceram, em Célèbes, em Borneo sob o nome de Dyaks, em Sumatra sob o nome de Battahs.

Comparando as descripções isoladas dos differentes viajantes, os ethnographos chegaram a reunir todos estes selvagens insulares sob uma mesma familia ethnica e o dr. Hamy condensou n'uma memoria apresentada á Sociedade de Geographia os apontamentos que lhe enviei sobre os alfuros de Gilolo durante a minha viagem por estas regiões. N'essa memoria o doutor propunha que d'então em deante os alfuros fossem considerados como Indonésios, recordando assim d'um modo feliz, pela mesma terminologia, os Polynésios com os quaes os Indonésios parecem ter laços de parentesco que cada vez se estão evidenciando mais.

¹ Foi com um aparelho photographico, tão pouco volumoso como facil de manejar, o *scenographo*, do meu amigo E. Deyrolle, que eu pude nas Molucas e na Nova Guiné tirar as photographias que illustram esta descripção de viagem, o que lhe dá um character absoluto de veracidade.

Os alfuros não eram os únicos visitantes que vinham animar a nossa solidão, todos os habitantes de Dodinga tinham curiosidade em nos ver e principalmente observar o que fazíamos; eu estimava immenso estas visitas, quando ellas podiam enriquecer a minha collecção de photographias, muitas vezes difficieis de tirar por causa dos prejuizos d'estes pobres selvagens.

Havia todavia um d'estes visitantes que o seu

titulo de *orang-kapal* (chefe d'aldeia) em tradução litteral *homem-cabeça* obrigava a tornar-se menos reservado. Kimalaha (assim se chamava esta auctoridade) era um homem entre as duas edades, mas mais velho do que novo e feio, um verdadeiro malaio de rosto chato, mas que possuia duas coisas que lhe davam grande realce; o seu chapéu e as suas pantomimas. O chapéu de Kimalaha! Quantas coisas, mesmo dinheiro



A NOSSA COSINHA E CASA DE TRABALHO EM DODINGA

em prata, eu lhe fiz reluzir deante dos olhos para que me cedesse esse precioso objecto.

Eu tinha adquirido para as minhas collecções ethnographicas, escudos alfuero-malaios muito curiosos. São feitos d'um bocado de pau do comprimento de sessenta centímetros e tendo a largura de dez centímetros no centro, onde por uma curva assás elegante a espessura diminue. O escudo é pintado de preto e incrustações de conchas brancas formam sobre aquelle fundo bonitos desenhos. Vi alguns d'estes escudos com incrustações de nacar e outros mesmos ornamentados com cabelleiras humanas.

N'um dia esse Kimalaha veio-nos visitar na esperança de obter algum tabaco e viu esses escudos: sem duvida recordaram-lhe algum alto feito da sua mocidade. Como um velho cavallo de batalha que rincha ao som do canhão, este chefe, ordinariamente tão socegado, animou-se, pegou n'um dos escudos, mirou-o e perguntou-nos se nós sabiamos o manejo d'aquella arma. Evidentemente elle só esperava o nosso consentimento para nos mostrar a sua sciencia. Eu decerto não recusava a este bom homem prazer tão innocente e, adivinhando-lhe os desejos, pedi-lhe que nos desse uma lição d'esgrima.



A MESQUITA DE DODINGA

Immediatamente pegou com arrogancia no seu bastão em ar de sabre e, cobrindo-se com o escudo, pôz-se em defeza contra um inimigo imaginario; em seguida começou uma serie de saltos: pulando para a frente, pulando para traz, abaixando-se, erguendo-se, movendo o braço esquerdo armado com o escudo como se fôra um telegrapho de signaes, ora protegendo a cabeça, ora as pernas, ora o tronco; era uma serie successiva de posições academicas capaz de espantar toda uma escola de bellas artes. A esta esgrima que parecia ter regras fixas não faltava nem sciencia, nem elegancia.

Juntando a theoria á pratica o *orang-kapal* ensinou-nos certas defezas e fez-nos comprehender que este escudo comprido e estreito só era util para o ataque com o sabre, mas que n'esse caso em mãos exercitadas tornava-se uma muralha impenetravel.

N'essa noite e mesmo no dia seguinte ao da nossa chegada, o revoltado Hassam, que diziam estar nas florestas a mui pequena distancia, podia ter-nos agarrado e massacrado a todos. Eu com certo receio admirei o pouco caso que em volta de mim faziam d'esse inimigo reputado tão temivel. Seria coragem ou negligencia? Uma e ou-

tra coisa, creio eu. Os malaios são naturalmente valentes, posto que excepções tenha esta regra; Saabar era uma. A maior parte são musulmanos e adquiriram com esta religião o desprezo pela morte que sempre fez dos soldados musulmanos terriveis adversarios. A ultima guerra do Oriente é d'isso uma prova. Os holandezes, esses téem confiança no prestigio que lhes dá a sua organização superior; a maior parte d'elles, tendo vindo ainda novos para as Indias neerlandezas, habituaram-se a considerar os malaios como seres tão inferiores que não os temem; além d'isso téem um grande patriotismo e sabem que as colonias sustentam a mãe patria. Da mistura de todos estes sentimentos, onde certamente domina o amor do lucro, fizeram uma coragem que certamente não é a dos bravos, mas que nem por isso é menos util e esforçada. É a coragem pratica que não nasce d'um enthusiasmo cavalheiresco, mas que está baseada nos proprios interesses e que faz soldados que valentemente morrem no seu posto.

Fosse qual fosse a causa, todo o mundo vivia na mais completa tranquillidade: em inimigos e em combates ninguem pensava.

(Continua.)

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 30)

RECONHECI bancos que tinham escapado ao hydrographo inglez; as boias e as balisas que os designam dão todas as seguranças possiveis aos navios que procuram o Gabão de dia, e hoje os paquetes, que se contentavam em frequentar Fernando-Pó, vem ancorar em frente das nossas feitorias de Libreville.

O commercio do Gabão está aberto a todas as nacionalidades; as transações gosam d'uma liberdade absoluta; alguns direitos de posto e uns pequenos impostos enchem o cofre colonial e ajudam-o a occorrer ás despezas das balisas, dos caes, das estradas, que sem isso depressa cahiriam em ruinas. Em 1870 foi retirada a força militar e hoje só ha ali alguns crumanos pertencentes á direcção do porto.

Nantes tinha muitas relações com o Gabão e rios proximos. O gabonez é astutoso e medroso, mas os Sekiamis são d'outra tempera. Um navio de Nantes, commandado por um tal Blan-

chard, depois de ter naufragado foi assaltado: o capitão e mais tripulação foram feitos prisioneiros. O pobre Blanchard preso a um tronco d'arvore viu-se reduzido ao papel de Sysipho e, por excesso de crueldade, era obrigado a arrastar o tronco para vir buscar um alimento reles que lhe era dado com muita parcimonia.

Em 1841 fui encarregado d'obrigar aquelles povos a pagar uma indemnisação por terem commettido tal feito. Aproveitei essa demora n'estas paragens para estudar esses povos e as regiões que habitam.

A costa sul do Gabão é formada de savanas entrecortadas por pequenos pantanos, d'onde se erguem alguns grupos d'arvores, algumas das quaes téem dimensões colossaes; não é raro encontrarem-se arvores com um diametro de sete metros.

A costa norte é formada de elevações, as maiores das quaes não vão além de duzentos

metros d'altura; alguns ribeiros formados nos valles veem desagoar no estuario no meio de terrenos calcareos, onde se vêem encrustados alguns cristaes de carbonato de cal; estes calcareos e uma rocha ferruginosa que parece eruptiva caracterisam estes terrenos. Esta rocha é identica á que se encontra em Cayenna, onde ella surge no meio de terrenos graniticos; em Cayenna tem o nome de rocha á *Bavet*.

Os povos circumvisinhos do Gabão vivem no estado de tribus fraccionarias; nenhum laço politico os une; os chefes hereditarios usam o nome de *hoghas*.

O chefe Diniz, residente na margem esquerda, tinha um irmão que servira no exercito francez; conservára da França saudosas recordações que fazia compartilhar aos seus patricios. Diniz collocou desde 1839 o seu paiz sob a protecção da França.

O rei Luiz, chefe na margem direita, os Kringers e os Quaben, os Bulus Bulaben vieram prestar-nos vassallagem; os chefes de Glass foram os proprios que adheriram ao tratado; as duas margens do Gabão, o Moondah e o Monni ficaram portanto submettidas á França.

Estes tratados geraes, successivamente aceites por todos os chefes reunidos, tornaram-se a origem dos nossos direitos sobre aquella região. Os Oronghons do baixo Ogôoué, de Cama, do cabo Lopez adheriram tambem, assim como egualmente as tribus do Ogôoué superior, Ivilis, Galoi e outros; desde então a policia n'estes estuarios tornou-se facil; se ainda ha alguns embarques clandestinos d'escravos, são elles de pouca importancia e feitos em barcos a remos ou em pequenas pirogas que se arriscam a navegar pelo mar alto para ir á ilha do Principe, colonia portugueza, onde os escravos são vendidos secretamente; a emancipação dos escravos nas colonias portuguezas vae pôr fim a este hediondo trafico e nós só teremos a desenvolver nos africanos, nossos subditos, os germens da civilisação.

Alguns pequenos barcos de guerra são hoje o bastante para nos assegurar as nossas relações com os povos marginaes. Edificios espaçosos e bem arejados annunciam no Gabão a presença da Europa: o hospital, o palacio do governador, um quartel, a capella da Immaculada Conceição de Castres estão em volta d'uma praça arborizada: são os prologomenos d'uma cidade futura.

A fôrma quadrangular d'estes edificios pesados, de tectos chatos, a sua brancura, que contrasta com a verdura do meio da qual sahem,

fazem com que de longe sejam avistados pelos navios que entram no rio com vento do largo.

A aldeia que cerca estas construcções recebeu o nome de *Libreville*. Pobres escravos arrancados a um negreiro foram os seus primeiros habitantes; foram educados em Dakar pela missão catholica.

D'estes libertos os que tinham entre vinte e vinte e dois annos, e as raparigas que tinham de quinze annos para dezaseis, foram transportadas para o Gabão em 1849.

Em 1850 a nascente colonia compunha-se de cincoenta e tres individuos; tinha á sua disposição trinta choças com jardins; monsenhor Bes-sieux, bispo das duas Guinés (de que já publicamos o retrato precedentemente) deu a benção nupcial a estes casaes.

Avenidas plantadas de coqueiros, de mangas e d'arvores de pão enfeitam hoje Libreville.

A missão catholica occupa o valle Huz, onde primitivamente se levantara o *blokhouse*. O bispo dá ahi educação profissional ás crianças do sexo masculino que lhes são confiadas pelas suas familias ou pela administração. As irmãs da Imaculada Conceição des Castres educam umas quarenta raparigas em quem inoculam os principios das mães christãs.

A população do Gabão propriamente dita compõe-se de Pongonés; os Oronghons do cabo Lopez e do baixo Ogôoué fallam a mesma lingua e vieram como elles do interior em época pouco remota; a pequena população de Libreville pertencia originariamente ao Congo; falla um dialecto das linguas bunda, ao qual misturaram francez, yoloff e pongoné.

As populações pongonés são pouco distinctas das tribus Sequianis ou Bulus e Akalais ou Bakalais; os Fans ou Bafans vieram, haverá quarenta annos, fixar-se nas margens dos affluentes do Como, um dos rios que fôrma o golfo do Gabão; os Pongonés só dão as suas filhas aos Oronghons. N'esta tribu são prohibidos os casamentos entre consanguineos até ao quarto grau. Muitas raparigas, por causa d'esta restricção que conserva a belleza e a pureza da raça, não se casam.

Os Pongonés e Oronghons têm por habito possuir muitas mulheres; o costume local exige que lhe seja dado um dote, em lingoagem d'elles *kaliki*; ellas fazem geralmente parte da confraria das mulheres, o que lhes assegura uma certa independencia para com os maridos.

Em 1841 fui testemunha d'uma scena de costumes que dá bem a ideia do espirito d'estes po-

vos. Um negociante que vivia na margem direita assassinara uma filha do chefe Diniz, cujo nome gabonez é *Raptchongo*, o que significa — *supplantei-o* — porque seu pae lhe entregara o poder em detrimento do seu irmão mais velho; é muito tímido por estar iniciado nos mysterios da feitiçaria. O assassinato da filha do Raptchongo era caso grave. O seu sobrinho, a quem chamaremos o pequeno Diniz, atravessou o rio e chegou a bordo da *Malouine* açudado ás sete horas da manhã; vinha-me pedir a minha intervenção, a fim de regular este assumpto que podia fazer rebentar uma guerra. Eu estava ancorado em frente da aldeia Glass, nas visinhanças da qual morava o assassino. Depois de me ter informado, mandei chamar o culpado, que era um preto magnifico; vinha com a cabeça rapada em signal de luto. O preto fallava correntemente o hespanhol e soffrivelmente o francez, de modo que não me foi preciso interprete. Depois de acres exprobações, perguntei-lhe: «Porque a mataste tu?» Elle com a maior ingenuidade respondeu-me: «Porque me aborrecia.» O aborrecimento não foi apresentado como argumento nos elequentes trechos de Alexandre Dumas e Emilio Girardin a proposito do *mata-a*. Aviso ás mulheres: não vão ao Gabão, minhas senhoras, senão sendo alegres.

O pequeno Diniz morria positivamente de susto em face do seu adversario, cujo ar sombrio o atterrorisava; fitava-o para não dar a conhecer o medo, esbogalhando os olhos que queria tornar ameaçadores: facas, punhaes, campainhas adornavam o seu busto coberto d'ouropéis; o tio devia ter-lhe dado os philtros mais efficazes; trazia uma cauda de tigre ¹ que se erguia ameaçadora ao fundo das suas costas; esgotara todos os meios e todos os segredos mavorcios; todavia Cherubim não lhe devia ter uma grande inveja. Confessado o crime, os debates não foram longos; a lei do paiz admite em taes casos a composição; a composição por uma pessoa livre é computada em dois escravos; a mãe e a irmã do assassino são os refens da familia da victima. O pequeno Diniz afastou-se com a mãe do culpado, que levou em triumpho para a aldeia de seu tio. O assassino não tinha consciencia alguma da acção, que não lhe creara remorsos nem arrependimento; vinha todos os dias á hora do passeio esperar-me

á praia; lançava-se precipitadamente á agua para ser o primeiro a offerecer-me os hombros para eu desembarcar; tinha por mim tal affeição que me queria seguir até ao fim do mundo; um dia disse-lhe:

— E se eu te aborrecesse?

— Oh! respondeu elle, o caso era diverso!

Atára a mulher com os dois braços para o ar a um tronco e tinha-a assassinado á paulada. Eu já referi um exemplo d'assassinato analogo, commettido no Grã-Bassam, com a mesma falta de sensibilidade e de remorsos.

A sorte das mulheres em Africa não é digna d'inveja, onde os mais pesados trabalhos lhes são reservados; os homens fazem os serviços mais leves, as mulheres, essas são umas verdadeiras bestas de carga.

Os elephantes afastaram-se do Gabão; raramente rebanhos perdidos veem até as terras de Bilagone e Bhemboë. Durante uma das minhas visitas a este rio vieram avisar-me que tinha sido visto um rebanho de quarenta cabeças a duas horas do rio; era um acaso feliz: preparava-me para seguir o mensageiro, quando um segundo, chegando a correr, nos disse que os elephantes tinham fugido.

Monga e Diniz affirmaram-me que o elephante, dotado d'um finissimo olphato, conhece, a grandes distancias, certos aromas; logo que se descobre um rebanho d'elephantes, reúnem-se as aldeias e fazem em aspiral uma paliçada que se vae tornando mais estreita á maneira que a aspiral se aproxima do seu centro; esse centro de pequenissimo raio é formado por estacas de trinta centímetros de diametro bem ligadas entre si. Logo que os animaes se encontram n'aquelle pequeno recinto, não se podendo voltar, ficam presos e são vencidos pela fome. O feitiçeiro dos elephantes, depois d'esta longa abstinencia, dá-lhes bananas e uma certa droga que os mergulha n'uma completa somnolencia, graças á qual podem ser mortos sem que se corra o menor perigo. Arranjei uma pouca d'esta substancia, que conheci ser a casca de uma arvore. Quando cheguei a Pariz dei este especifico aos doutores Danet e Maret: provavelmente os principios venenosos tinham-se evaporado durante a sua longa demora a bordo: as rãs e passaros sujeitos á sua acção pelo doutor Maret não ficaram incommodados; talvez que a acção d'este alcaloide seja mais energica sobre os mamiferos. Não pude conhecer de que arvore os negros tinham arrancado este liber esponjoso.

¹ O mais efficaz dos talismans.

Os africanos conservam muito mysteriosamente o segredo dos seus venenos e só os iniciados de maior graduação conhecem os contra-venenos. Eu vi algumas cicutas, algumas raizes das quaes extrahem as substancias com que envenenam as frechas; as mulheres enrolam nas mãos esta substancia que coagula depois de ter sido preparada ao lume.

Diniz não brincava com os feiticeiros. Em 1841, antes da occupação franceza, passeava eu nas savanas que ficam por detraz da aldeia d'este regulo, quando a minha attenção foi despertada por um negro que eu descobri n'esta solidão; estava cer-

cado pelo vapor vacilante dos climas tropicaes, que parece fazer tremer a paisagem envolvida n'um nevoeiro que lhe torna indecisos os contornos. Em breve vi que não era por prazer que este individuo estava exposto á incidencia dos raios solares, que os negros evitam mais do que nós; estava amarrado a uma estaca; disse-me que era escravo; tinha sido arrebatado á sua familia que vivia em paiz distante; a sua tribu era habil em servir-se de venenos; elle conhecia a sciencia fatal que lhe permittia vingar-se dos seus inimigos e affrontar-lhes a colera tornando-se completamente insensivel.



RIO MOONDAH — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

Teria dezasete ou dezoito annos este escravo; um longo jejum tinha-lhe emagrecido o corpo coberto de chagas repugnantes; estava condemnado a ser devorado pelas formigas.

A face era energica, os olhos, injectados de sangue, tinham extranha expressão, os labios estavam-lhe contrahidos n'um riso sardonico que parecia um desafio; vestigio algum de dôr physica, nenhum signal d'abatimento patenteava; mostrou-me com expressão d'orgulho selvagem o seu talisman: um corno de cabra cheio de cinzas; eu não dava por elle dez réis. O seu espirito parecia recolhido no saborear da sua vingança; os seus pensares tinham-se refugiado nas regiões serenas da felicidade infinita.

Os negros têm uma fé robusta na vida futura; os casos de suicidio eram frequentes nos navios negreiros e nas colonias; não se punha co-

bro a estas epidemias senão separando a cabeça do suicida do tronco. Não ha resurreição sem cabeça; o horrivel costume dos arabes provém sem duvida d'essa crença.

O escravo conserva reminiscencias da patria dos seus avós. Vi no Perú, em Lima, um sitio onde se reuniam os escravos; cobriam os muros grandes desenhos a carvão: caçadas ao elephante, triumphos, feitos de guerras, estavam alli tratados; n'aquelle logar os chefes de tribus tomavam durante algumas horas os logares dos seus antepassados e sahiam d'alli para responder ao appello do senhor e soffrer castigos barbaros.

Exprobei a Diniz a sua crueldade inutil, dizendo-lhe que mandasse matar o homem se o seu crime exigia tal pena; mas que era horrivel entregar um ser vivo á voracidade das formi-

gas; respondeu-me que aquelle escravo era feiticeiro e envenenador.

No dia seguinte já não encontrei o escravo.

Os philtros de Diniz são temidos em todas as povoações; pôde, segundo ali era crença, transformar-se em tigre, ou enviar tigres que devorem os seus inimigos. Mas nem sempre o homem era senhor da vontade dos animaes ferozes; no pantano proximo da sua aldeia havia um corcodillo

que muitas vezes devorava as mulheres, assim como tambem os marinheiros negros ou brancos que ali iam pescar; um marinheiro da *Zenobie* succumbiu na lucta terrivel que sustentou com o terrivel amphibio que o atacou quando estava a levantar a rede. Em 1846 um outro marinheiro foi analogamente morto no mesmo logar.

(Continúa.)

SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 30)

O loureiro tambem possui virtudes magicas, como se vê por esta:

Oração de quebranto

Estava Santa Anna ó pé do loureiro,
Veu o Anjo por mensageiro,
Vae-te á porta do ouro,
Acharás teu parceiro;
Tira a roca e abraça-o primeiro.
Vae Joaquim apoz o carneiro,
E n'aquella hora que Deus verdadeiro
Concebeu Anna em limpo celleiro,
A Sancta Maria rezam o salteiro,
Que já o quebranto cahiu no ribeiro.

(Gil Vicente II, 13.)

Esta oração parece referir-se á superstição descripta na Ordenação manuelina, de *cortar cobro em lumiar de porta*. É incalculavel a somma de Orações persistentes na tradição popular para a cura de doenças; o nosso amigo Leite de Vasconcellos colligiu um bom numero d'ellas publicadas sob o titulo *Carmina magica*. Constituem um ramo especial das superstições populares, que estudaremos em separado quando tratarmos da sua origem erudita.

O romance picaresco da *Lozana andalusa*, do Padre Francisco Delicado, traz a enumeração de toda a medicina magica da primeira metade do seculo XVI na peninsula; sobre este caracter do livro escrevemos; «*Lozana*, n'essa epoca em que a medicina era toda empirica, porque não podia romper com a tradição de Avicena, fez-se tambem curandeira, como modo de vida; diz ella, com a fina astucia; «quien veza á los papagayos á hablar, me vezará á mi á ganar. Yo sé *ensalmar*, y *encomendar* y *santiguar*, cuando alguno está ahogado, que una vieja me vezó, que era *saludadera* y buena como yo; sé *quitar ahitos*, sé

para *lombrices*, sé *encantar la terciãna*, sé remedio para *las cuartanas*, y para el *mal de madre*, só *cortar frenillos de bobos* e no bobos, sé hacer que no duelan los *riñones* y sanar las *renes*, y sé medicar la natura de la mujer y la del hombre, sé sanar la sordera, y sé ensolver sueños, sé conecer en la frente la phisionomia, y la *chirromancia* en la mano, y *prenosticar*.»¹ Na tradição popular portugueza existem quasi todas as Orações e Esconjuros com que se combatem estas doenças.

No *Retrato de la Lozana andalusa*, acha-se uma curiosa fórmula inventada ao gosto antigo para conjurar essa doença extraordinaria do seculo XVI, — a syphlis; é o *Ensalmo del mal francorum*:

Eran tres cortezanas
Y tenian tres amigos,
Pajes de Franquilano;
La una lo tiene publico,
Y la otra muy calado;
A la otra
Le vuelta con el lunario.
Quien esta Oracion dixere
Tres veces á rimano,
Quando nace sea sano.
Amen! ²

Entre o povo portuguez esta doença é tratada ainda por meios supersticiosos, e existe um, que é o que fornece aos tribunaes os criminosos de estupro bestial contra crianças menores de dez annos. N'esta Oração citam-se tres cortezanas, as quaes correspondem a *aquellas tres irmãs*, da

¹ *Retrato de la Lozana andalusa*, p. 216. Vid. *Bibliographia critica*, p. 97 a 105.

² *Ibidem*, p. 88.

Oração de Marta, no processo de Luiz de la Penha. ¹ Nos Ensalmos populares, ainda se diz:

A senhora tem trez filhas,
Uma cöse, outra fia,
Outra corta o raminho da azia.
Padre nosso, Ave-maria.
(*Era Nova*, p. 519.)

Efrica, Efrica,
Trez filhas tinha,
Uma ia pela agua,
Outra ia pelo lume,
Outra em fogo ardia.
(*Ib.*, 525.)

Sam Lapo, Sam Lapinho
Tres filhas tinha,
Uma cosia,
Outra urdia,
Outra em fogo ardente ardia,
(*Ib.*, p. 252, coll. por Leite de Vasconcellos.)

No Concilio de Leodicêa, de 364, canon 36, prohibe-se o fazer uso de ligaduras ou philacteria; é esta superstição que apparece citada nas Constituições do Bispado de Évora, prohibindo *benzer per cintas ou ourellos*. Na linguagem vulgar a palavra *filateria*, significa embuste; é corrente no Porto.

Dar a comer bolo para saber algum furto; acha-se prohibida no Concilio de Auxerre, de 525, canon 4.º; tornou-se uma especie de ordalio ou prova judiciaria da idade media.

Adivinhar fazendo figuras em metal; no processo de Luiz de la Penha, acha-se a *sorte do chumbo* descripta pela seguinte fórma: «tomarão um gral de pedra ou outro vaso, enchel-o-ão de agua limpa; e n'ella deitarão huma pouca de agua benta; então derreterão o chumbo que quizerem derretido, dirão primeiro sobre a agua estas seguintes, benzendo a agua:

Em nome de Deus Padre, que criou o mundo
e o céo e a terra, e todas as cousas,
nacidias creou com sua santa palavra;
Deus filho as remiu com seu precioso sangue,
Deus espirito santo que alumiou a Virgem
e aos Apostolos na casa da escuridade,
me alumiai meu entendimento
para que vos saiba servir, padre, filho, espirito santo,
tres pessoas e um só deus.

¹ Na citada formula diz-se:

huma é a *sombra*
e outra a *salombra*,
e outra Martha, *não a dina*...

Nas crenças populares nós temos *duas sombras*, uma a do anjo da guarda, e outra a do diabo que nos tenta. (Famalicão.)

«então depois de ditas tres vezes, deitarão o chumbo derretido na dita agua pela cousa que querem e verão em figuras o que desejam saber e ver, e ade ser feito isto em quarta feira ou em sexta feira ás onze horas do dia.» Esta sorte fazia-se com outros metaes derretidos, e tambem com cêra; Guibert de Nogent refere o caso de uma cruz feita com cêra derramada em uma pia baptismal; a sorte do copo de agua e da clara de ovo, na vespera de S. João, é a decadencia da superstição em brinquedo infantil.

Nas Constituições do Bispado de Évora, falla-se na superstição das *camisas tecidas e fiadas em um só dia*, já citada no Canon LXXV de S. Martinho de Braga, e na tradição peninsular consignada no *Poema de Alexandre*, de Berceo. (est. 89.) É ao que se chamava *camisa de socorro*, e entre os germanos *Nothehendi*; aquelle que a vestia ficava invulneravel, e resistia a todos os perigos. No romance da *Sylvana*, da tradição oral, cita-se a *camisa* com um poder magico:

Mas deixai-me ir a palacio
Vestire outra *camisa*,
Que esta que tenho no corpo
Peccado não o faria.

O dinheiro magico, com que se paga todas as despezas voltando outra vez á algibeira, acha-se entre as superstições portuguezas do seculo xvii, citado por D. Francisco Manoel de Mello sob o nome de *Vintem de Sam Luiz*. Nos *Tischereden*, de Luthero, vem uma minuciosa descripção d'este dinheiro maravilhoso, que transcrevemos para avaliar melhor o alcance do rito magico: «Por occasião da missa que se celebra na madrugada da festa do Natal, as feiticeiras e as bruxas fazem muitos sortilegios, e eis aqui um d'entre muitos: um feiticeiro assenta-se, depois do sol posto, em uma encrusilhada; pega em trinta florins e traça um circulo em volta de si, não olha para traz senão o diabo esganava-o immediatamente. Põe-se em seguida a contar este dinheiro até que sõe a hora da missa, contando o dinheiro na ordem regular, e depois ás avessas, 30, 29, 28, 27, etc. Se se enganar na enunciação d'estes algarismos, o diabo torce-lhe o pescoço logo. Depois o diabo aproxima-se d'elle e mostra-lhe muita gente degollada, enforcados, e horriveis supplicios. Por fim recebe do diabo um florim magico, que cada noite produz um outro.» ¹ No *Escriptorio de Averno*,

¹ *Propos de table*, trad. de Gustave Brunet, pag. 52.

dialogo de D. Francisco Manoel de Mello, falla um Vintem dizendo: «dei na vida santária, com que me achei melhor que tudo. Furou-me ella com uma agulha aqui na borda, como quem fura orelhas a caxorrinha;... eu, furado, campei ao outro dia por *Vintem de Sam Luiz*, bom para o ár, para a enxaqueca, quartans, aflacto, mal de olhos, quebranto, e mulheres de parto. Tão santas informações deu de minha habilitade, que todo o dia andava de mão em mão como conta benta, sempre querido e estimado, ora ao pescoço de innocentes, ora nos pulsos das donzellas, atado com corda de viola a quem servia de trasto para fazer consonancia de saude nos braços d'aquellas que me traziam.»¹ O Vintem conta a sua historia, e do que fez d'elle uma beata: «outra tal foi a que me recolheu, e creio que foi em um lenço, em cuja ponta me atou, com duas conchas de peixe-mulher, huma veronica ferrugenta (não quizera mentir) e com um dente de finado, que tudo tinha seu mysterio e serventia. Logo d'ali foi correndo a folha a comadres, discipulas, afilhadas, e devotas, mostrando a todas seu achadego; ás menos trinçadas affirmava que um passarinho me levava no bico (e era de vêr a devoção com que o pintava!) d'onde como de proposito viera a seu poder: por onde ali logo levantava taes enredos, e tão bem fabricados, que eu proprio estava um és não és de lhe crêr quanto de mim fingia. Já entre aquella gente ninguem me chamava senão o *Vintem dos milagres*, chegando a tanto o negocio que por dez testões (que ella dizia de esmola) me encampou a uma filha de um mercador, mimosa e rica, a quem a minha beata deu em puridade seis remoques de ser moeda, ainda que pequena, com vezes de *medrasol* e *vara de condão*, e *Carta de tocar* em materia de casamento: etc.»²

Vejamos como então se fazia a *Carta de tocar*: «que se avia a pessoa de despir em uma casa só com elle, (Luiz de la Penha) e lhe havia de tirar da perna esquerda uma pequenina de carne que fizesse sangue, e que lhe poria uma pequena de massa que elle avia de fazer, e que com isso haveria uma *carta de tocar*...» (Libello, art. 3.) Na Carta de tocar tem «declarações dos tempos e modos e cousas e evangelhos com que se hade usar d'ellas.» (art. 17.º) «E apòs isto outra *carta de tocar* com mais algumas palavras e escripto

o evangelho de S. João, e declarando o que se hade fazer, e diz que se hão de dizer os trez evangelhos em trez sextas feiras sobre ella, e que depois a hão de tomar e metel-a debaixo da terra outras tantas sextas feiras em hum adro secretamente, e que depois d'isto hão de fazer as devações que n'ella diz e que hão de tocar em sexta feira depois de meio dia, e a segunda feira antes que saya o sol, com estas palavras:

As, barrabás!
á pessoa que quero
por mim virás, e farás
o que a mim me praz.

«Estas letras nos cantos do cabo (e em baixo tem humas letras em trez partes) depois de tudo cumprido em dia de sabado, porá debaixo d'uma pedra d'ara até que se diga a primeira missa sobre ella, e então servirá; e que hamde dizer estas palavras o dia que houver de tocar pela manhã á primeira cousa que vir:

Com dous te vejo,
Com cinco te escanto,
o sangue te bebo,
o coração te parto, etc. (Art. 17.º)

«E outro papel com as palavras da conjuração das *cartas de tocar*, em que mete a:

Deus Padre e a Virgem Maria,
E todos os apóstolos,
E santos e santas da còrte do céo
(e com elles juntamente diabos)
e santa Leona e santa Trebuca,
e santa Maruta e Montenegro,
e seus irmãos e companheiros
que levarão as cartas e a esconjuração;
e por poples, e por poples, e por poples
lhe diga o seu coração,
e a pescadeira e o banqueiro
e a diaba, e que morrão
por elle todos os que foram tocados,
e todos estejam a seu mandado,
e lhe deem o que tiverem
e lhe pedir, e lhe digam o que souberem. (art. 18.)

Na lista do Auto de fé celebrado em Coimbra em 28 de Novembro de 1621, apparece sentenciada a mulher de Francisco Dias «por que fazia ás sextas feiras as camas com roupas lavadas.» Agostinho de Castro levou sambenito, porque dizia a seguinte oração:

Padre nosso pequenino
Tem as chaves do paraiso;
Elle as tem, elle as terá,
Todas as almas salvará.

(Continua.)

THEOPHILO BRAGA.

¹ *Apologos dialogaes*, p. 98.

² *Ibidem*, p. 92.



O LAGO LIGUORI

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 31)

F TAMBEM necessario mandar um presente, ou antes um tributo ao sova; ao que se chama dar a *Quibonda*. Elles nunca ficam satisfeitos, e exigem sempre mais do que se lhes manda.

As libatas ou povoações fortificadas (que todas o são, desde a costa ao Bihé) têm as mesmas condições, salvo pequenas modificações, devidas á disposição do terreno. São grupos de cubatas feitas de madeiras e cobertas de cólmo, cercadas por uma paliçada, que varia entre 2, 3 e 5 metros de altura. Esta paliçada é formada por estacas de pau-ferro de vinte centímetros de diametro, umas apenas cravadas no terreno, outras amarradas com travessas e cascas leguminosas, e outras amparadas por travessas encaixadas em forquilhas enormes.

Outra paliçada egual á exterior, senão mais forte, rodeia o Lombe, ou morada do chefe da povoação. Em muitas vi grupos de casas rodeadas de paliçada.

As libatas, e sobretudo as antigas, são cobertas de frondosas arvores, e estão junto do rio ou ribeiro, sendo que em algumas lhes fazem passar a agua por dentro.

São quasi todas rectangulares, mas muitas ha ellipticas ou circulares, e outras formando polygonos irregularissimos. Não ha a menor ordem nas construcções, e em geral é a disposição do terreno que as determina.

As povoações são fortificadas com o receio dos ataques do homem, que feras não abundam muito no paiz, e não é mesmo isso necessario para feras, porque no interior, onde as ha em bandos, as povoações são abertas.

As guerras dos pretos ali são, a maior parte das vezes, sem causa, e basta a riqueza de um povo para que elle seja atacado.

São verdadeiros ataques de salteadores.

Logo que um régulo decide ir fazer a guerra

a outro, ou a um povo qualquer, manda emisarios seus aos sovas e secúlos circumvisinhos, convidando-os a tomar parte na campanha, e estes, como na Europa no tempo do Feudalismo, sahem com os seus guerreiros a reunirem-se ao que os convoca.

Alguns povos fazem periodica e systematicamente a guerra, e no Nano, por exemplo, vão, de tres em tres annos, roubar os gados ao Mulondo, Camba e Quillengués, e dizem, que estes povos criam gados para elles, e são os seus pastores.

Uma circumstancia muito notavel das guerras n'esta parte de Africa, é a de ser sempre vencedor o que ataca.

Ha excepções, mas muito raras.

Uma das excepções foi o ataque dirigido por Quillemo, o actual sova do Bihé, contra o paiz de Caquingue, em que os Bihenos foram derrotados pelos Gonzellos, e em que o proprio sova Quillemo foi prisioneiro do sova de Caquingue, onde seria degolado, se por elle não pagassem um grande resgate Silva Porto e Guilherme José Gonçalves (o Candimba).

Nas guerras entre os povos d'estes paizes, pôde contar-se que apenas um quinto dos combatentes são armados de espingardas, e os outros 4 quintos de arcos e frechas, machadinhas e azagaias. Dizem, que uma guerra vai muito poderosa e forte, quando leva trinta tiros por espingarda. As armas de que usam são as chamadas no commercio Lazarinas, são muito compridas, de pequeno adarme, e de silex. Estas armas são fabricadas na Belgica, e tiram o seu nome de um celebre armeiro portuguez que viveu na cidade de Braga, no principio d'este seculo, cujos trabalhos chegaram a adquirir grande fama em Portugal e Colonias. Nas armas fabricadas na Belgica para os pretos, que são uma imitação grosseira dos perfeitos trabalhos do ar-

meiro portuguez, lê-se nos canos o nome d'elle —Lazaro—Lazarino, natural de Braga.

Os bihenos não usam balas de chumbo, que são, dizem elles, muito pesadas, e fabricam-as de ferro forjado. Os cartuchos, que elles fabricam também, levam 15 grammas de polvora, e têm 22 centímetros de comprido.

As balas de ferro são de diametro muito inferior ao adarme, pesando apenas 6 a 7 grammas. Como são forjadas são mais polyedros irregulares do que esferas.

As armas assim carregadas, de nenhuma precisão, como se pode bem julgar, têm um alcance de cem metros apenas.

O alcance da frecha é de 50 a 60 metros, mas a grosseira precisão do tiro de frecha, entre os pretos, não vae além de 25 a 30 metros. As azagaias são todas de ferro, curtas e ornadas de pello de carneiro ou de cabra, não são de arremêso, e o bihenos em combate nunca as deixa da mão.

Talvez haja reparo em eu escrever *pello* de carneiro, mas cabe dizer, já que fallei n'isso, que os carneiros ali não tem lâ. Existem no paiz duas differentes espécies, que os pretos em Hambundo designam pelos nomes de Ongue e Omême. O ongue tem um pello grosso e curto; e o omême, que tem o pello mais longo, differe muito da lâ.

Estes carneiros, de raças exóticas, degeneraram de certo por effeito do clima e das pastagens. Têm os bihenos cabras de uma raça muito inferior, e o seu gado bovino é pouco e de raça muito pequena e fraca. As gallinhas abundam, mas são, como todos os animaes domesticos no bihé, de pequeno corpo.

Deixo aqui o que nos meus apontamentos encontrei de mais curioso a respeito d'este paiz, cujas posições e condições climatericas se encontrarão em um capitulo especial; e retomo o meu diario no dia 14 de abril de 1878.

As ultimas chuvas tinham cahido das 6 ás 9 da noite do dia primeiro de abril, produzindo apenas 17 millimetros d'agua, o que mostra terem sido já muito fracas. O tempo estava esplendido e alguns cirrus alvissimos, que em seguida ás chuvas tinham pairado nos ares a enorme altura, desapareceram, para deixar logar a um firmamento limpido, esclarecido de dia por um sol brilhante, e á noite constellado d'estrellas, que dardejavam sobre a terra escura d'Africa essa luz melancólica e scintillante que ellas só têm nas regiões tropicaes.

Era o bom tempo de viajar, era já o dia 14 de abril, e eu estava ainda no Bihé!

Eram 14 de abril, e eu não partia, porque ainda não tinham chegado as fazendas e as cargas que deixamos em Benguella, em novembro de 1877, isto é, uma grande parte d'ellas, que outras tinham chegado em principio de março. Esta demora estava sendo de grande prejuizo para mim. Dos sete fardos de fazendas que me deixaram Capello e Ivens, quatro tinham sido gastos com a sustentação da minha gente de Benguella e com a minha.

Ainda não tinha dado presente ao sova, que teimava em m'o pedir, e comecei a ver um sombrio futuro na minha empresa.

Reduzi as minhas despesas pessoases, e por isso tive de dispor de duas horas por dia para caçar. Na falta de caça grossa, tinha, na margem esquerda do rio Cuito, nas terras cultivadas de Silva Porto, muitas perdizes.

Chamei-lhe a minha capoeira, e todos os dias ia ali matar uma ou duas, não excedendo nunca esse numero para não destruir a provisão. Semelhante ao jogador que faz da banca meio de vida e que, sopeando os impulsos do vicio, se levanta com um pequeno ganho que lhe assegura a sustentação diaria, assim eu, contendo os instinctos de caçador, deixei muitas vezes a caça que podia matar; fazendo sobre mim supremo esforço, para não proseguir n'um prazer, que destruiria ao mesmo tempo as munições pouco abundantes, e a caça necessaria ao meu sustento futuro.

Não eram só as bandas de perdizes dos campos de Silva Porto que forneciam um prato á minha modesta mesa. Centenares de rolas africanas esvoaçavam continuamente sobre as arvores das margens do Cuito, e vinham beber ao rio de manhã e de tarde. Os meus muleques pequenos, por meio de armadilhas caçavam algumas, que vinham figurar na minha mesa a par das perdizes e de um prato de massa, feita com farinha de milho cozida em agua, que me servia de pão.

Assim pude reduzir a minha despesa, que era pelo menos de quatro jardas de algodão branco por dia, custo de duas gallinhas.

A demora e com ella o decrescimento rapido dos meus recursos, fez modificar o meu plano de viajar. O *mucano* aterrava-me, e se eu tivesse de pagar algum, ficava impossibilitado de sahir do Bihé. A demora da minha gente, tinha, com a ociosidade, feito despertar n'elles os vicios

adormecidos pelas fadigas e pelos trabalhos da jornada.

O perigo pairava sobre mim, e estava suspenso por um fio, como a espada sobre a cabeça de Damocles. Resolvi, depois de muito cogitar, collocar-me em circumstancias de ter a força de meu lado, e de defender a todo o trance a minha propriedade.

Para isso precisava armar-me, e depois de ter armas precisava ainda de munições de guerra. Eu tinha dez carabinas Snider, que me tinham dado Capello e Ivens; pude obter mais onze das deixadas por Cameron no fim da sua viagem, e para estas armas tinha quatro mil cartuchos. Além d'estas, possuia umas vinte espingardas de silex, das ultimas d'esse systema usadas pelos exercitos na Europa. Para estas não tinha munições. Fiz correr a noticia de que comprava todas as armas inutilizadas que me trouxessem. Principiaram a affluir ellas, e eu ia comprando as que poderia concertar, o que me não era difficil, por ter aprendido o officio de serralheiro e espingardeiro, com meu pai, que é habil artifice, e que ainda hoje emprega as horas de ocio trabalhando na sua officina, mais bem montada que as d'aquelles que as têm por profissão. Lembra-me aqui uma anecdota engraçada. Um dia, entra na nossa quinta do Douro um cavalheiro que ia procurar meu pai, e ouvindo um martellar estridente n'uma casa proxima á de habitação, dirigio-se para ali. Era uma vasta forja, onde dois homens de tamanços nos pés, carapuças vermelhas na cabeça, largos aventaes de couro pendentes do pescoço e justos á cintura, a cara e mãos negras do carvão e do ferro, estendiam em enorme bigorna uma grossa barra, que projectava em todas as direcções chispas ardentes, ao bater cadenciado de dois pesados martellos, puxados por braços nus até ao cotovelo.

O cavalheiro parou á porta e perguntou: «O sr. dr. está em casa?» Meu pai, que era elle um dos ferreiros, respondeu-lhe com uma pergunta: «Que lhe quer o senhor?»

O cavalheiro, que não era de genio brando, não gostou da pergunta do ferreiro, que tomou por insolencia, e respondeu pouco convenientemente, dizendo, que vinha procurar sua ex.ª, e que não admittia que um ferreiro que trabalhava em sua casa respondesse com perguntas a elle.

Meu pai quiz explicar o caso, dizendo, que o ferreiro e o doutor eram a mesma pessoa, o que mais fez exasperar o seu interlocutor, que

julgou lhe juntavam a zombaria á insolencia. Ambos de genio irritavel, iam ter uma desagradavel contenda, quando o outro ferreiro, que era eu, entreveio e fez cessar a guerilha; dando o visitante as suas desculpas logo que se convenceu da nossa identidade.

Esta pequena circumstancia de ter aprendido um officio, serviu-me de grande auxilio, e foi um dos pequenos ribeiros que veio engrossar o rio dos felizes resultados da minha tentativa.

Assim, pois, mais um trabalho se veio juntar ao meu incessante labutar de todos os dias, e dentro em pouco pude aproveitar umas vinte e cinco espingardas que o gentio julgava inutilizadas.

Faltavam as munições, e era preciso fazel-as. Em casa de Silva Porto encontrei uma collecção completa da *Gazeta de Portugal*, e n'ella o papel necessario aos cartuchos. Nas cargas que esperava de Benguella devia vir muita polvora, e por isso apenas me faltavam as balas. Obter chumbo era impossivel, e decidi logo fazer balas de ferro forjado. Faltava o ferro é verdade, mas esse era possivel obter-se.

Annunciei que comprava todo o ferro velho que me trouxessem, e não tardou a apparecer grande quantidade de enxadas inutilizadas, e sobretudo de arcos de barris de aguardente. Só suspendi a compra de ferro quando tinha uns duzentos kilogrammas.

Mandei chamar 4 ferreiros do paiz, estabeleci duas forjas indigenas no pateo interior, com grande escandalo da preta Rosa, administradora da povoação de Belmonte, e emquanto, fóra da libata, os meus pretos faziam carvão queimando os restos de uma paliçada de pau ferro, de uma libata abandonada, começou no pateo um forjar continuo.

O primeiro trabalho a fazer era reduzir todo aquelle ferro a varão cylindrico do diametro das balas. Os ferreiros haviam-se com grande destreza. Dobravam os arcos em mólhos de 20 centimetros de comprido por 4 de espessura, e levando-os ao rubro, mergulhavam-nos em uma massa de caliça e agua. Depois de frios voltavam á forja, e chegados á tempera da fusão eram facilmente caldeados, tornando-se em massa unica e homogenea. Depois d'isso o trabalho era facil.

A compra das armas e do ferro tinha diminuido consideravelmente o meu haver.

(Continua.)

VIAGEM À NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuado da folha 31)

FRA necessario tudo fazer para a instalação permanente do pequeno destacamento. O forte era um montão d'alvenaria derrocada em cuja plata-fôrma ainda se viam vestígios de cabanas em ruína. Tive então occasião de comprehender os serviços que em campanha fazem os soldados indigenas aos exercitos holandezes. Na Europa seria preciso numeroso estado-maior e um regimento de sapadores para construir um abarracamento que muito tempo levaria a levantar. Em Dodinga os soldados malaios, que, mais ou menos, todos tinham vivido nas florestas e ahi tinham construido cabanas, pozeram logo mãos á obra. N'um instante foi desentulhado o terreno. Viam-se partir em grupos para a floresta e voltar carregados com bambús. Em menos de tres ou quatro dias sob a plata-fôrma do castello erguia-se uma construcção capaz de accommodar toda a guarnição. E não eram só os homens que trabalhavam; as mulheres cosinhavam, teciam esteiras, e acarretavam agua.

Dodinga renasceu assim das proprias ruinas; á solidão succedia a vida. A região estava todavia muito empobrecida; os viveres para todos se tornavam raros; as proprias conservas se iam esgotando e bem depressa fomos reduzidos a



KIMALAHA, PROFESSOR D'ESGRIMA

fazer cursos d'ornithologia gastronomica, em que abundavam os papagaios e os alcatrazes, os primeiros duros e coriáceos, os segundos assás succulentos (talvez á falta de melhor.)

Felizmente as nossas collecções augmentavam; uma das nossas melhores caçadas foi um passaro *tohokko* dos malaios, o *pitta-gigas* dos naturalistas, tambem chamado *breve* por não ter cauda.

Os *breves* estão espalhados na Asia e pelas ilhas Malesias, desde a Cochinchina até á Nova Guiné; mas estes passaros são mui raros, ou pelo menos mui difficeis d'apanhar.

Cada região, cada pequena ilha parece possuir uma especie particular. O preto avelludado, o azul, o encarnado e o branco enriquecem as pennas sedosas d'estes formosos passaros, cujas attitudes recordam, se exceptuarmos a cauda a nossa pêga. Mas o rei

dos *breves* é precisamente o que vive em Dodinga e que nós ahi vinhamos procurar. É um passaro como duas vezes o nosso melro: as costas, a cabeça, as grandes pennas das azas são de um negro avelludado, o peito d'um branco deslumbrante, o ventre d'um vermelho afogueado e as espaduas d'um azul; nacarado incomparavel.

Querendo um dia caçar levei commigo um

indigena habil. Penetramos, evitando o menor ruído, no mais denso da floresta. O nosso guia, quasi completamente nú, rastejava pelas folhas seccas como uma serpente, de pescoço estendido e d'ouvido á escuta. Não tardamos em ouvir um grito distante, solitario e modulado; *tohokko!* d'onde o passaro tira o nome. O meu guia respondeu-lhe imitando-o de tal modo que era impossivel não ser enganado. Depois d'um minuto de silencio ouvimos de novo—*tohokko!*—mas a voz approximava-se. Este dialogo entre o passaro e o homem, entre a victima e o algoz, durou mais d'um quarto d'hora; o passaro ia-se avezinando sempre, estava junto de nós, o meu guia via-o, mas eu não via nada.

Os *breves* quasi que não vòam; correm, ou antes saltitam, ora adiante, ora detraz, ora aos lados do caçador. Chegam quasi a bater-vos com as azas e nada vereis a menos que não tenhaes olhos de selvagem.

Teria querido ter o jubilo de eu mesmo matar tão formosa peça de caça, prazer cruel de que n'esta vez não tive a coragem; o naturalista dominou o caçador; preferi dever a presa á destreza d'outrem: passei a espingarda ao meu guia... e o cadaver do *tohokko* adorna hoje a estante d'um dos nossos museus nacionaes.

As nossas caçadas em Dodinga eram apenas um preludio, um entretenimento; a epocha fixada para a partida para a Nova-Guiné approximava-se; era preciso voltar para Ternate.

Ternate, capital d'um sultão, hoje tutelado, mas outr'ora poderoso, foi sempre o centro d'importante commercio; o seu clima perfeitamente salubre, a sua posição geographica, nas proximidades de Gilolo, da Nova-Guiné, de Célébes, o seu porto natural, excellente e muito vasto, em todos os tempos attrahiu os que se dedicam a aventuras commerciaes.

Hoje que os vapores de marcha regular e rapida transformaram a navegação, Ternate apenas gosa d'um reflexo do seu antigo esplendor. Apenas no seu porto se vê uma flotilha de cinco ou seis *schooners* que continuam as suas relações commerciaes com a Nova-Guiné. Quasi todos estes navios pertencem a ricos malaios, marinheiros, armadores de paes a filhos, em quem a sciencia nautica é uma tradição.

Quando nas proximidades do mez de janeiro os ventos se tornam favoraveis, estes *schooners* partem para uma viagem de seis ou oito mezes. O porto para onde se dirigem é geralmente a grande bahia de Geelurink, ao nordeste da No-

va-Guiné onde vão buscar conchas, madreperola, *tripang*, comestivel muito estimado pelos chinezes, *massoi*, casca medicinal de que a Malesia consume mais de oitocentos *pikuls* por anno (cerca de cincoenta toneladas) e emfim pennas de aves do paraíso para enfeitar as damas da Europa ou os mandarins da China.

Tudo isto se obtém dos Papús dando-lhe em troca tecidos, missangas, ferro, facas, etc.

Estes pequenos navios de cerca de vinte metros de comprimento são construidos e armados no paiz. Eu primeiro tivera tenção de fretar um unicamente para nós, afim de muito á nossa vontade visitarmos este, ou aquelle ponto da costa que mais interessante me parecesse. Offerecendo-nos asylo seguro e relativamente confortavel, este modo de viajar teria além d'isso a vantagem de nos poupar bastantes fadigas e perigos, mas tive de renunciar a esse projecto que me acarretaria despezas pouco em relação com os meus recursos pecuniarios. Reduzi-me pois á ideia de apenas tomar passagem n'um d'esses *schooners* para ir á Nova-Guiné e voltar pelo mesmo processo.

Era um bom negocio para os *schooners*, por isso tive muito por onde escolher. Mas era difficil a escolha, pois que eu queria com um bom barco e um bom capitão diminuir as probabilidades de naufragar que tem esta travessia perigosa. Ao ouvir-os, cada armador era proprietario do melhor navio e era o mais honrado e o mais habil marinheiro.

M. Bruijn, desde muito servindo no paiz, deu-me um bom conselho. Depois de muitos dias gastos em ajustes, fechei o negocio com um malaio chamado Hassan, dono do mais bello *schooner* de Ternate, o *Makassar*, e commandado por seu filho Idriss, que já tinha feito doze ou quatorze vezes a viagem da Nova-Guiné.

Hassan e sua familia pertenciam á aristocracia commercial do paiz, ao que no nosso se chamaria burguezia, e gosavam de geral consideração.

Hassan era um homem de elevada estatura, digno, polido e modesto, mas sabendo sustentar a propria dignidade. Seu filho Idriss era com elle muito parecido, sem que todavia possuisse no mesmo grau as qualidades do pae.

Tinham nas veias algum sangue chinez, como eu á primeira vista suspeitára.

Não tinham barba alguma. Nos dias de festa usavam sapatos de verniz, um jaquetão preto e roupa branca da maior alvura. O *sarong*, que lhe

tapava a cabeça, e cujo nó lhe cahia para traz, dava-lhe á phisionomia um ar particular.

Desde o dia em que definitivamente fechei com elles o contracto para a nossa passagem de Ternate para Dorey, Hassan teve para commigo mil delicadezas e prestou á nossa installação a bordo os seus maiores cuidados.

Uma noite convidou-me a ir tomar chá a casa d'elle, situada n'um bairro musulmano de que já fallei.

Hassan e seu filho Idriss habitavam duas casas contiguas, menos luxuosas que as casas europeas, mas feitas segundo a mesma planta. Estavam separadas do carreiro que se adorna com o pomposo nome de rua por uma cançada guardada de trepadeiras. Um pequeno pateo ajardinado dava accesso para a varanda. Foi aqui que Hassan me recebeu. Estavamos sentados em volta de uma meza coberta com um tapete europeu; um candieiro de petroleo suspenso do tecto illuminava a casa. Serviram o chá em chavenas de porcellana, com flores e filetes dourados, eguaes aos que se vêem nas barracas das nossas feiras aldeãs. Era em Ternate um luxo dispendioso ao qual eu teria preferido a mais grosseira das porcellanas chinezas, sempre pitorescas com os seus arabescos phantasticos e que apenas custam aqui alguns reaes; mas ninguem é propheta na sua terra, o que custa caro e vem de longe é que tem valor. Em toda a parte é a moda.

O chá, por exemplo, era chinez, isto é, excellente. Entre muitos pratos de gloseimas figuravam as conhecidas bolachas inglezas Huntley et Palmers. Aqui estão dois homens universalmente conhecidos! Que principe, que genio guerreiro ou politico, que sabio poude alguma vez, n'uma grande sede de gloria, sonhar uma fama egual á d'estes dois fabricantes! Alexandre, Cesar, Napoleão, são conhecidos em paizes distantes, mas os Huntley-Palmers! Encontra-se a sua marca sobre os braceletes de lata com que se adornam as beldades papús.

Ao lado d'estas bolachas mostravam-se humildemente alguns productos da confeitaria malaia ás quaes, por curiosidade, eu dava a preferencia.

Na casa de Hassan, como em casa de todos os bons musulmanos, o sexo feminino conservou-se invisivel. E era para ter pena porque Hassan, segundo diziam, tinha filhas notavelmente formosas.

Em Ternate havia numerosos alfuros de Ga-

léla, aldeia situada ao norte da ilha. M. Tobias, usando da sua auctoridade, obsequiou-me mandando-me um grande numero d'elles que photographei. Foi um acontecimento na cidade; por uma bella manhã estes alfuros apresentaram-se-me com as suas armas engrinaldadas com folhas de palmeiras e seguidos por enorme multidão de curiosos, homens, mulheres, creanças. D'estes alfuros, depois da descripção que fiz dos de Dodinga, nada tenho a dizer, pois com elles se parecem, se todavia exceptuarmos o traje que é o dos malaios, no meio dos quaes vivem, o que lhes dá um ar menos selvagem.

Não foi pouco difficil o fazer os nossos ultimos preparativos de viagem.

A Nova-Guiné nada produz, nem mesmo arroz; era-nos preciso levar viveres para seis pessoas e para sete ou oito mezes, além d'um volume com objectos de troca para os indigenas e os nossos materiaes de naturalista. Possuimos quinhentos litros d'alcool, munições para oito mil tiros d'espingarda, algodão para embalsamar mais de duas mil aves e o resto em proporção.

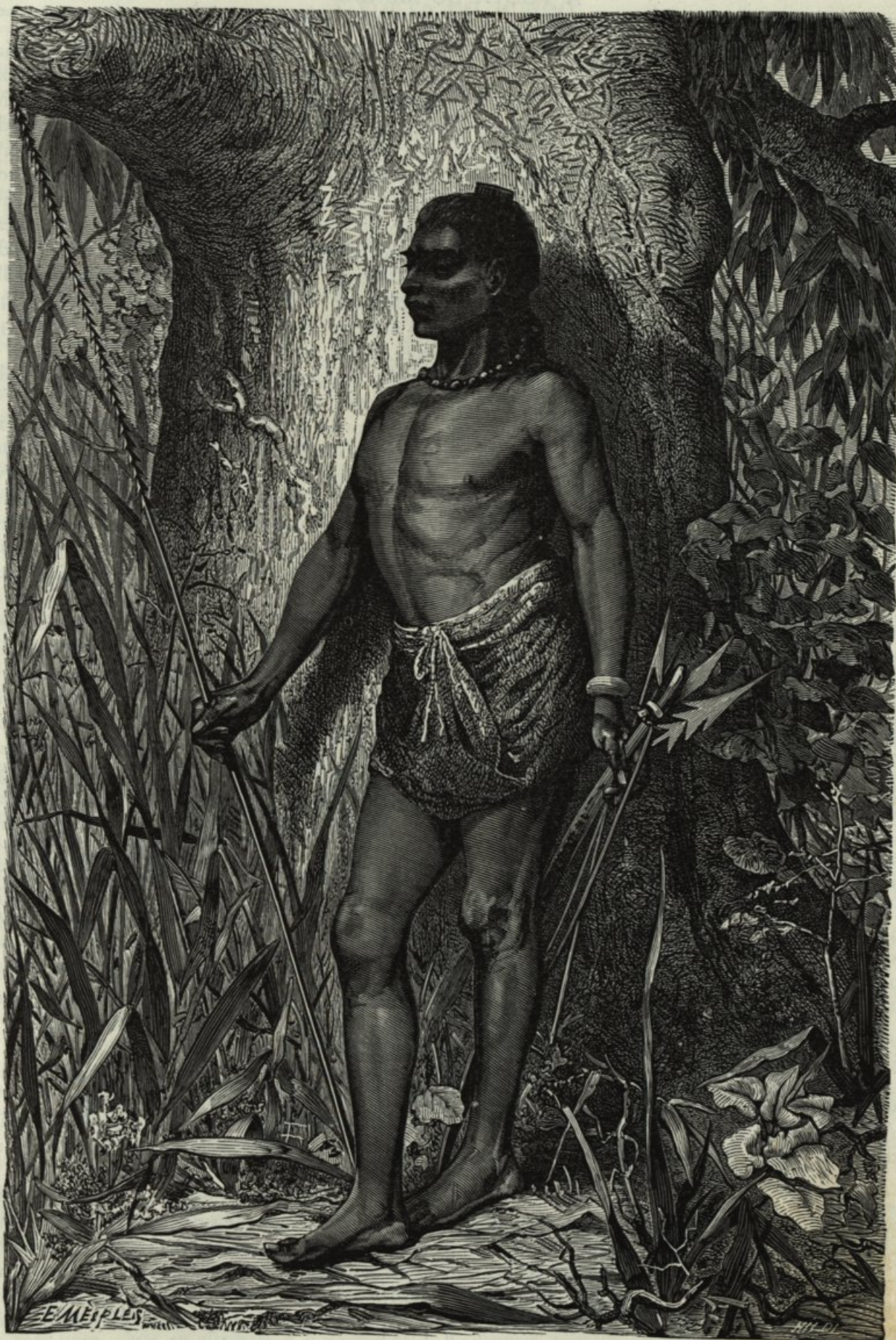
Eu tinha de pensar em que nada faltasse; um esquecimento qualquer teria sido uma falta irreparavel e poderia comprometter o exito da expedição. Tanto em caixas como em saccas d'arroz tinhamos mais de cento e cincoenta volumes.

M. Maindron tinha feito um grave ferimento n'uma perna em resultado d'uma pancada que dera. Em França teria sido uma arranhadura sem consequencias; mas n'estas regiões quentes e humidas o caso ia-se tornando muito grave, como elle o reconheceu pela propria experiencia.

Estavamos já promptos e o dia da partida ainda não estava determinado, mas para isso havia razão de peso.

O revoltado de Gilolo, Hassan, tinha uma pequena esquadra e não se sabia até que ponto seria para receiar. Era preciso fazer aguada na ilha de Salwaty e ahi havia um rajah de má fama que julgavam alliado de Hassan. Tinha-se pois decidido que todos os schooners de Ternate navegariam de conserva para oppôr ao inimigo, em caso de necessidade, uma esquadra respeitavel.

M. Bruijn enviava tambem á Nova Guiné um pequeno schooner tripulado por caçadores malaios que deviam fazer collecções e tinha confiado o commando d'esta expedição ao joven naturalista francez M. Leon Laglaize. Compatriotas e collegas, nem tanto nos era preciso para que nos tornassemos amigos e posto que o nosso



NIROU, ALFURO DE DODINGA

objectivo na Nova-Guiné não fosse o mesmo, tinhamos resolvido que atravessaríamos juntos os logares perigosos. O capitão do schooner de M. Bruijn era o segundo filho d'Hassan, o pae do nosso commandante, nova razão para a nossa aliança offensiva e defensiva. Entretanto os interesses d'uns e d'outros nem sempre eram os mesmos: d'isto resultava alguma difficuldade na fixação do dia da partida. Depois de dilatadas hesitações, determinou-se que o dia da partida fosse o dia 16 de janeiro de 1877.

Estes pequenos schooners não são positivamente construidos para barcos de recreio. Todo o porão é reservado para as mercadorias. No tombadilho, á ré, ha um gabinete que é a camara do commandante. Um tabique dividia essa camara em duas; Idriss cedeu-nos a parte mais ampla em que duas tarimbas de pau nos serviam de leitos. Ávante uma pequena construção muito semelhante á casinhola d'um cão servia de cosinha ao ar livre.

No dia 16 á noite, pontuaes á hora aprazada, fomos dormir a bordo. Idriss, *que sua grandeza detinha em terra*, não appareceu. N'ausencia do capitão os marinheiros fizeram toda a noite tal alarme que nos não deixaram pregar olho.

No dia seguinte pela manhã fomos a terra fazer as ultimas despedidas aos nossos amigos e

M.^{me} Bruijn teve a delicada lembrança de me presentear com uma bandeira franceza, que ella fizera pelas suas proprias mãos. Voltamos para bordo. Idriss appareceu com seu pae, a disciplina restabeleceu-se na tripulação e o navio foi revistado. Logo que a minha bandeira franceza foi içada no mastro grande, junto da bandeira hollandeza, levantou-se ferro e o Macassar começou a rodar sobre si mesmo; mas, arrastado pela corrente, antes que houvesse tempo de largar as velas, veio dar com o guropés n'um outro schooner. Ouviram-se estalidos nos mastros e o arrebentar de cordas; os nossos marinheiros lançavam-se para os ovens como um bando de macacos; todos gritavam e mandavam ao mesmo tempo; pouco faltou para que tivessemos avaria grossa; felizmente dois golpes de machado dados a tempo safaram-nos.

Emfim as velas foram soltas ao vento que as enfunou. Hassan apertou-nos a mão pela ultima vez; para nós e para o navio invocou as benções d'Allah!... e partimos: momento sempre cheio de commoções quando se sabe que durante largos mezes se vae viver separado do mundo civilisado, privado de noticias d'uma patria tão querida, onde doces affectos muitas vezes esperam anciosos o regresso do viajante.

(Continúa.)

A RUSSIA LIVRE

(Continuado da folha 16)

PS ODIOS dos buddhistas e dos mahometanos facilitaram o triumpho definitivo da Cruz n'estas regiões.

N'este mesmo steppe russo, onde durante vinte gerações elles combateram, ainda hoje se vêem as tendas das tribus asiaticas Kalmukos, adoradores de Buddha, Kirghiz musulmanos, Gypsies de problematica religião.

Os Kalmukos, povo pastoril e guerreiro que nunca habitou n'uma casa, são os verdadeiros senhores do steppe. Comtudo já o abandonaram, pelo menos em parte, pois que no reinado da imperatriz Catharina, quinhentos mil atravessaram o rio Ural para nunca mais voltarem. Os Kirghiz, os Turcomanos e os Nogais vieram substituil-os.

Os Kalmukos que ficaram n'aquella região vivem em acampamentos formados de tendas agru-

padas em volta da que é habitada pelo grande sacerdote.

Uma série de estacas dispostas em circulo e no centro d'este uma vara mais alta formam o esqueleto d'uma tenda kalmuk. Um grosseiro feltro cinzento cobre tudo aquillo.

No interior o solo está tapetado de pelles sobre as quaes os seus proprietarios se deitam para conversar e dormir. Dez, vinte e ás vezes mesmo cincoenta pessoas, vivem debaixo do mesmo tecto. O selvagem não se arreceia de ter numerosos companheiros mesmo de noite quando repousa. O grande numero aquece o ambiente e dá-lhe sensações de bem estar. Um rebanho de carneiros, um outro de camellos, uma manada de cavallo, pastam em volta do acampamento; cavallo, carneiros e camellos são a unica riqueza das tribus não agricolas. O rosto achatado, a côr bron-

zeada, a robustez do Kalmuko fazem d'elle o typo mais repellente da especie humana e todavia do seu crusamento nasce um ser agil e delicado, o circassiano, de feições nobres e de fórmas puras. Buddhista fervoroso, mantenedor escrupuloso das antigas tradições mongolicas, discipulos de Dañai-Lama, o Kalmuko come carne de boi mal cosida e bebe leite de egoa. Um instincto commum a toda a sua raça impelle-os a roubar a vacca, o camello, o cavallo do seu visinho, amigo ou inimigo, logo que para isso tenha occasião. É em theoria, obrigado a certos actos de submissão, taes como pagamento de impostos e ao serviço militar: mas tudo isso é apenas nominal, excepto nos districtos em que os Cossacos são bastante numerosos para lhes impôr o cumprimento.

Estes selvagens vão para onde querem, andam errantes desde a muralha da China até ás regiões regadas pelo Don. Chegam em hordas e voltam em exercitos. No reinado de Miguel Romanoff, cincoenta mil kalmukos penetraram no steppe oriental; a estes veio mais tarde juntar-se uma outra horda de dez mil tendas. Sentindo a força do numero trataram com Pedro I de potencia a potencia e durante muitas gerações não pagaram tributo algum á corôa, a não ser um contingente de cavallaria que davam em tempo de guerra. Uma outra horda igualmente numerosa chegou novamente. Oubascha, o chefe que a commandava, encaminhou-se para o Danubio á frente de um exercito de trinta mil cavalleiros e marchou contra os turcos, que elle odiava como os asiaticos sabem odiar. Tendo a grande Catharina tentado submeter essas hordas ao jugo da lei esse mesmo Oubascha reconduziu as tribus kalmuks, quinhentas mil pessoas, com numerosos rebanhos de camellos, cavallos e gado lanigero, dos steppes do Volga para Asia central, despojando provincias inteiras das suas riquezas, reduzindo cidades inteiras á fome, arrancando das regiões por onde passou as forças mais vivas. Ferido no seu orgulho por algumas palavras de desdem soltadas pela imperatriz o chefe quiz partir com todo o seu povo; todavia por o inverno ter sido serodio n'esse anno e a pouca expessura do gelo no rio tornar a passagem difficil deixou atraz de si quinze mil tendas. São os descendentes d'esses retardatarios que se encontram nas planicies, satisfazendo aos seus ritos religiosos ou preparando as suas magras refeições em tendas grosseiras. Tem-se tentado muitas vezes fixal-os ao solo, mas tudo que

se tem feito tem sido inutil ou quasi inutil. Algumas familias fundidas com os cossacos têm-se submettido ás leis e têm mesmo adoptado o christianismo, todavia a immensa maioria vive a sua vida selvagem com os seus costumes asiaticos e com as leis buddhicas

Os individuos das classes elevadas receberam o nome de *Branços*; os das classes inferiores são designados pelo o de *Negros*. Este uso asiatico encontra-se tambem na Russia, onde os mesmos nomes designam os nobres e os aldeões.

Os Kirghiz são d'origem turca e fallam o idioma usbek. Divididos em tres ramos o Grande bando, o bando Medio e o Pequeno bando, percorrem, para não dizer possuem, os steppes que se desdobram desde o Volga até ao lago Balkasch. Este vasto espaço é em grande parte um deserto areento, a grandes intervallos animado por pequenas manchas de verdura. Na região sujeita ao dominio russo ainda se encontra uma certa ordem social; mas nos steppes independentes os maus instinctos dos Kirghiz patenteiam-se em toda a sua plenitude. Estes filhos do deserto roubam amigos e inimigos, apoderam-se dos gados, atacam as caravanas, roubam para os vender homens e mulheres. Desde o forte Aralsk até a Daman-i-Koh floresce a escravatura; os bandidos têm sempre os mercados de Khiva e de Bokhara bem providos de raparigas e rapazes para quem mais dêr. E este odioso trafico continuará subsistindo e assolando os steppes em quanto que a bandeira d'algun povo civilizado não fluctuar na torre de Timour-Bey, pois que os Khirghiz, n'um grande odio hereditario, julgam todos os individuos de origem mongolica ou buddhica como uma preza legitima. Perseguem-os nos campos, atacam-lhes as tendas, apoderam-se-lhes dos gados, prendem-os e fazem-os escravos. Se estes despojos não são abundantes invadem e saqueiam sem escrupulo o territorio dos seus alliados; um grande numero de prisioneiros por elles levados a Khiva e a Bokhara são oriundos dos valles persas, Etrek e Mesched. As raparigas d'estas regiões são vendidas por alto preço e a Persia não é forte bastante para proteger os seus nacionaes contra as correrias d'estes nomadas.

Quando á frente das hordas dos Kalmukos Oubascha retirava do steppe russo, os Kirghiz satisfizeram a sua vingança; emboscavam-se na passagem dos seus inimigos protegidos pelas escuridões da noite assaltavam os acampamentos, apoderavam-se dos cavallos, roubavam os

viveres, raptavam as mulheres. Inquietando incessantemente os flancos e a retaguarda do exercito, massacravam os retardatarios, cortavam as communicações, entolhavam os poços, n'uma palavra causavam aos Kalmukos mais damno do que lhes tinham feito todos os generaes enviados contra elles pela imperatriz Catharina.

Desejosos tambem de penetrar na Europa os Kirghiz passaram as fronteiras e appareceram nas margens do Volga. Foram bem acolhidos. O seu khan é rico, poderoso; as suas relações com os europeus ensinaram-lhes a avaliar a sciencia; julgou-se poder reduzir á vida sedentaria estes emigrantes, mas todas as tentativas téem falhado. O imperador mandou construir uma habitação para o khan; este proprio chefe, preferindo a vida livre e aventureira, fez erguer a sua tenda na clareira d'uma floresta. É tão facil civilisar um Khirghiz dos steppes, como um Beduino do deserto arabe.

N'esta ennumeração das tribus que vagueiam pelos plainos do Volga não devemos esquecer os Nogaïs, ramo da raça mongolica. Chegados com Jani Beg espalharam-se pelas regiões meredionaes, casaram aqui e abraçaram a religião mahometana. Primeiro guerreiros nomadas, vivendo nos campos e não conhecendo, mesmo em tempo de paz, outra habitação do que as suas carroças em que percorriam o paiz e que lhes servia para mudar de logar a seu bello prazer.

«A nossa vivenda é sobre rodas, costumavam elles dizer. Uns homens téem habitações fixas, outros téem as moveis, tal é a vontade d'Allah.»

Todavia, nos ultimos cinco seculos, os Nogaïs, posto que conservam a mesma religião, téem modificado alguma cousa os seus costumes. Muitos se téem fixado ao solo e agriculturam-o d'um modo grosseiro, contentando-se em fazer produzir milho, uvas e melões. Mahometanos exemplares, não bebem vinho, mas casam com duas ou tres mulheres pagas com dinheiro á vista. Digamos em seu favor que apesar da extrema facilidade dada ao divorcio pela lei musulmana, raras vezes d'ella se aproveitam. Téem orgulho na sua nacionalidade e na sua religião; a Corôa respeita este sentimento e deixa que os seus cadis ou os seus mollahs intervenham na maior parte dos atrictos que entre elles se levantam. Pagam um imposto, mas não estão sujeitos ao serviço militar.

Estes mongols occupam as planicies comprehendidas entre Molochnaia e o mar d'Azof.

Os Gypsies, em russo chamados *Tsiganes*, levam no steppe oriental como em toda a parte, a vida errante que tão cara lhes é, abrigando-se sob tendas de panno sujo e chafordando na lama como os cães e porcos. Possuem algumas carroças puxadas por uns cavallos magros e pequenos em que vão ás feiras para furtar aves, lèr a buenadicha, ferrar cavallos, emfim ganhar o pouco com que vivem. Não querem trabalhar... não querem aprender. Alguns possuem uma certa aptidão musical e ás vezes as raparigas, que são notaveis pela sua belleza, tornam-se cantoras notaveis. Ás vezes succede que uma Tsigane de dotes excepcionaes faça, como a princeza Sergia Galitzin de Moscou, um casamento magnifico. Mas o instincto da sua raça leva-os a não estarem em contacto com o povo russo, vagueando em volta dos casaes aldeões, esmolando de casa em casa, roubando n'outras; formando uma casta de parias que muita gente teme e que acarreta com o odio de todos. No verão vivem ao ar livre; no inverno cavam fundos buracos no chão, incommodando-se pouco que faça calor, que chova ou neve. Téem uma côr de pelle tão escura como os seus grandes olhos ferozes e olhares famintos.

XX

OS COSSACOS DO DON

Desde a partida dos seus compatriotas sob o commando d'Oubascha, os Kalmukos foram sempre perseguidos pelos musulmanos.

Os seus mais encarniçados adversarios vinham do Caucaso; era d'estas montanhas que os Nogaïs e os Turcomanos, eternos inimigos da sua raça e da sua religião, desciam para invadir os seus pastos, roubar os seus carneiros e os seus camellos, desvastar os seus acampamentos e profanar os seus ritos religiosos. Governo algum podia impedir estas correrias sem perseguir os ladrões até aos antros para onde levavam os seus latrocinios. Ora os Turcomanos formavam tribus independentes; as suas habitações eram construidas em elevações situadas para além das fronteiras russas; o czar, obrigado a defender o seu proprio territorio contra os ataques dos bandidos, interessado em manter a paz entre os buddhistas e os musulmanos, achou n'estas correrias o pretexto para se apoderar d'estas regiões montanhosas. Os Kalmukos, apertados pelos seus inimigos, tinham pedido soccorro

à Corôa; muitos d'elles tinham vindo pôr-se sob a protecção das tropas cossacas.

Os acampamentos escallonados ao longo das fronteiras do imperio, na linha do Ural e na do Volga são povoados por uma mistura de Malo-Russos, de Kalmukos e Kirghiz; o elemento que une estas forças hostis vem da velha e livre Ukraina, é eslavo pela raça e pela religião.

Um cossaco do Don e do Volga não é um russo de Moscou, mas de NovegorodeKiev, um homem que atravez de seculos tem salva-guardado os seus direitos. O seu cavallo está sempre arreado, a sua lança sempre afiada. Dia e noite a sua frente sempre voltada para o inimigo, o seu acampamento prestes sempre a repellir um ataque. Alegre companheiro, entusiasta, ironico, tem sempre uma canção nos labios e o amor no coração.

Perto do Ural, o cossaco tem menos de Kirghiz e mais de Kalmuko; mas n'elle, como no seu irmão do Volga e do Don, é o sangue da Ukraina que domina. Nunca o Kalmuko e o Kirghiz viveriam em paz, se estes filhos do Propheta e do Grão Lama não fossem contidos pelos cossacos.

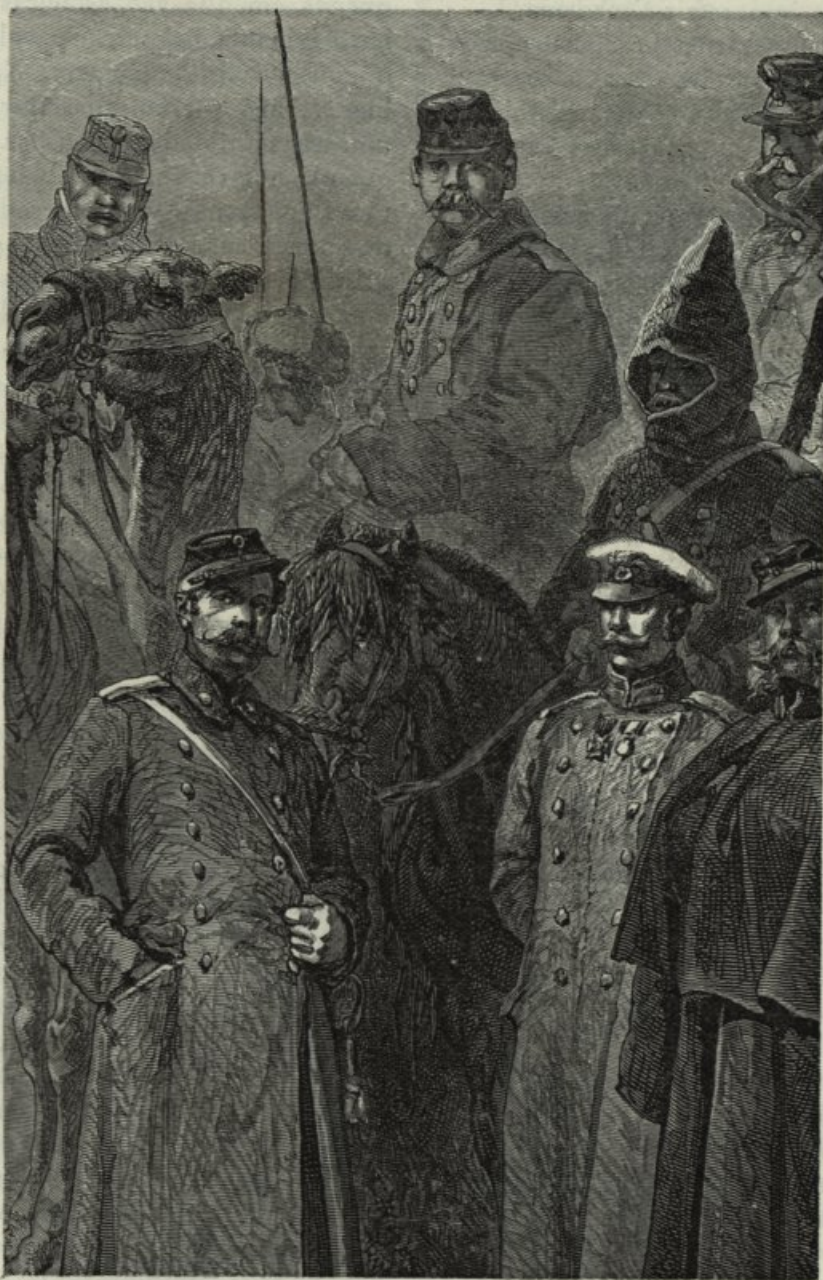
Em S. Romanof, em Cemikarakorskoe e em muitos outros acampamentos do Don vivi eu a vida dos cossacos; comia e bebia com elles, os

meus divertimentos eram os d'elles, via-os dançar, ouvia-lhe as canções, presencava-lhe os combates. Um velho que tinha na memoria recordações de todos os generos vinha em S. Romanof para o meu quarto e fazia-me longas descripções

de empresas aventurosas dos cossacos durante as campanhas do Caucaso. Uma cousa me surpreendeu nas façanhas narradas por este velho guerreiro; todas estas façanhas eram ciladas, estratagemas, nunca combates viris dados de dia, frente a frente; eram astucias com as quaes um destacamento d'embuscada cahia sobre uma povoação, destruia-a e sahia de lá trazendo atraz de si ricos despojos! Nas occasiões em que o narrador fallava n'uma surpresa bem succedida, n'um rebanho roubado, o seu olhar animava-se; os rapazes que o escutavam batiam palmas, batiam com os pés no chão, impacientes por devorar o espaço em procura d'eguaes aventuras. Se o velho descrevia a inva-

são n'um harem, uma mesquita saqueada, os Kalmukos presentes estremeciam com uma alegria toda asiatica.

Os cossacos vivem em povoações em que as casas e os jardins se crusam de modo a formar um labyrintho; as habitações cobertas de colmo são pintadas d'amarello; uma paliçada com-



MILITARES RUSSOS — Desenho de A. de Neville, segundo um esboço tirado do natural

mum, tendo apenas duas ou tres aberturas, fecha-as a todas. As entradas e as sahidas são de difficil accesso; cães ferozes guardam as passagens: o acampamento simultaneamente serve de parque para os gados e de fortaleza para os homens. Uma egreja, que não atrahê as vistas nem pelas dimensões nem pela riqueza architectonica,

ergue-se no ponto culminante da povoação; os cosacos dos steppes orientaes pertencem quasi todos ao antigo rito eslavo. Um rebanho de carneiros faz ouvir a pouca distancia os seus balidos, uma fila de carroças e dois bois caminha pela estrada.

(Continúa).

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 33)

XXVII

O Gabão e os seus affluentes — Os Fans — Emigrações — O lago Tem — Designação dos numeros africanos — Costumes dos Fans.

MA TRINTA annos para cá que a hydrographia e hydrologia do Gabão tem sido, assim como tambem a sua geographia, o objecto de serios estudos. O seu principal affluente, o Como, bifurca-se a sessenta milhas da sua embocadura; um dos ramos conserva o nome de Como; o segundo toma o de Boqué. N'uma cadeia de montanhas pedregosas que se succedem á serra de Christal existem as nascentes d'estes rios; a gente do Gabão dá-lhe o nome característico de *etuenga N'pala*, garrafa d'agua. Entre estas montanhas ha valles que têm servido de passagem ás tribus que successivamente têm descido até ás margens do Gabão.

D'estas montanhas têm tambem descido alluviões que têm entulhado o golpho. O Maga, o Sambo, o Rhemboë serpeam por entre estas alluviões cobertos de florestas impenetraveis.

Por muito tempo conservamos um casco de navio no alto Como, explorado pelos officiaes a bordo d'este pontão.

Tres tribus principaes, os Sequianis, os Akalais e os Fans vivem nas margens d'este rio e dos seus affluentes; só ali têm acampamentos, chegando a parecer terem apenas ali pernoitado na vespera.

Laço algum politico une entre si estas tribus da mesma familia; as aldeias de cada um d'estes povos alternam-se e cada um vive sem se importar com o seu visinho; as lingoas por elles falladas têm um tronco commum facil de perceber; os prefixos e os sufixos são as unicas mudanças observadas; os radicaes são geralmente

invariaveis de modo que fallando-se uma d'estas lingoas é facilimo fallar as demais.

Os Fans ou Pahouins, os ultimos d'estas tribus que até hoje chegaram, são mal vistos pelos seus visinhos a quem elles se avantajam pela força physica e pela energia; os Gabonezes temem-os e procuram isolal-os dos Europeos. Em 1839 ou 1840 um escaler inglez, tripulado por oito marinheiros e um aspirante de marinha, aventurou-se Como acima em procura d'um negreiro que elle suppunha ali escondido; os Fans, importando-se pouco que o escaler fosse de nacionalidade estrangeira, depois de porfiado combate capturaram-o, quatro pessoas da tripulação apanhadas com vida foram aprisionadas e os cadaveres dos mortos, segundo o costume, serviram para banquetear os vencedores. Foi necessario toda a diplomacia de Diniz para resgatar os marinheiros inglezes que tinham escapado. Diniz usa hoje com muito orgulho uma medalha d'ouro dada pela rainha Victoria como recompensa da sua generosa intervenção. S. Magestade Britannica mandou-lhe tambem entregar um bonné de baronet que elle usa em dias de galla; com a cabelleira, Diniz parece um velho burgrave dos tempos passados.

Depois da nossa occupação foram feitas algumas expedições para acalmar o ardor guerreiro dos Fans do Como e o proprio Rhemboë foi tambem o theatro d'algumas escaramuças. Em 1867 o tenente Poudra, commandante do *Protée*, foi d'improviso atacado em frente da aldeia de Cocojé. N'um momento tudo se preparou para o combate; o *Protée* varreu as margens de Rhemboë que são obstruidas por immensos paletuvios com altura de vinte metros; as raizes d'estas arvores sobem a cima do nivel das aguas uns tres metros e formam uma rede d'arcadas por meio

das quaes os selvagens correm com prodigiosa destreza e d'onde elles podem atirar escondidos.

O tenente Poudra foi ferido com uma barra de ferro n'uma perna. O piloto José, Gabonez, vendo-se o alvo dos Pahouins, abandonou o posto que occupava junto do commandante. Esta falta de coragem foi assumpto para muita troça; mas elle explicava a sua retirada dizendo que tinha ido apanhar o bonné do commandante cahido sobre o tombadilho no mais vivo do combate.

Bitta, o chefe de Cocojé, veio a bordo do *Pro-tée* prestar vassallagem e trouxe ao tenente Poudra dois carneiros, como preço da sua ferida; pedindo tambem o preço do sangue para tres dos seus homens mortos durante a acção; o commandante regeitou-lhe as pretenções, Bitta desde então tornou-se o nosso mais fiel alliado. A sua aldeia tem perto de duas mil almas.

Estas aggressões, quasi sempre occasionadas pela má fé dos Gabonezes, tendem a desaparecer e as embarcações circulam em liberdade tocando nas aldeias em que estão abertos mercados. Todavia devem ir precavidas e armadas.

Visitei muitas vezes as aldeias estabelecidas no alto Como e no Rhemboë. As populações estão sempre na defensiva e é prudente fallar com os chefes antes de penetrar nas aldeias que estão sempre em pé de guerra.

As aldeias dos Fans do Como são cercadas por fortes paliçadas e só se ali pôde entrar pelas duas extremidades, onde existem as barreiras guardadas por gente armada.

Os tectos das casas cobertos de palha assentam sobre estacas cujos intervallos são cheios com greda e cascas d'arvores: isto tambem assim é usado em Madagascar.

N'estas aldeias, onde os habitantes não são numerosos, ha uma unica rua: os homens têm os seus aposentos á direita quando se entra; os quartos das mulheres, das creanças e as cozinhas são á esquerda; toda a gente cerca curiosamente os viajantes que entram nas aldeias; as entrevistas fazem-se com muita solemnidade no meio do mais absoluto silencio.

Ha quarenta annos para cá que a corrente dos povos africanos se encaminha para o oeste; o grosso dos grupos que acampavam nas proximidades do Gabão em 1869 attingia o numero de oitenta mil individuos pertencentes ás raças acima innumeradas.

Tinha curiosidade em saber d'onde vinham estes povos e os chefes a quem perguntei no

Boqué affirmaram-me todos ter vindo d'um territorio chamado N'dona, onde havia um lago chamado Tem: segundo elles diziam, essa região era fertil, o lago abundante em peixe, mas guerras incessantemente assolavam aquellas paragens, de modo que nenhuma segurança offereciam aos povos pacificos que se tinham visto na necessidade de emigrar. A pedido meu disseram o nome dos rios e das montanhas existentes na região N'dona. Os principaes rios são chamados Lomon e Bakoul e as montanhas, Mendiff e Kolaké; algumas tribus tinham levado onze mezes, outras cinco para fazer a viagem até ao Gabão; têm o costume de descançarem dois dias depois de terem andado tres o que reduz a sua marcha a tres quintas partes.

Nada ha de extraordinario no vagar da marcha, se considerarmos serem as tribus acompanhadas por creanças na mais tenra idade e por mulheres gravidas; os viveres são bananas cosidas no forno e seccas, milho e farinha de mandioca.

As tribus do N'dona fallam todas o fan; os elephantes são ali numerosos e os seus dentes muito baratos. Entre Tem e Seoni ha unicamente oito centros de população; o colector da vertente oriental da cordilheira d'Anenga N'pala desagoa no Ogoouë. As tribus tinham atravessado extensas planicies cheias de hervas mui altas. O desejo de crear um melhor futuro approximando-se dos brancos foi o seu mobil. Nos seus antigos domicilios não tinham communições com a costa oriental; as suas espingardas e a polvora vinham do oeste.

O lago Tem, esse é difficil de determinar; comtudo Vogel, Overweg e Barth referem terem encontrado immensos pantanos chamados Temsa, cuja extensão teria, segundo o que affirmam, pouco mais ou menos cem milhas; affluentes consideraveis alimentavam estas lagôas; os lagos da Africa e as quantidades d'agoa que durante as estações das chuvas se accumulam n'um dado ponto são muitas vezes devidas a refluentes; unicamente um prolongado estudo poderá determinar qual seja a verdadeira direcção seguida pelas agoas.

As tribus habitantes do Temsa visitado pelos viajantes allemães pertenciam aos Mosgons e aos Marghis que usam nos braços e nas pernas manilhas de ferro; enfeitavam a cabeça e orelha esquerda com feixes de pennas; mas as suas cubatas eram de fórma arredondada e as dos Fans são quadradas.

Estas indicações permittiram-me o eu determinar o ponto de partida dos Fans, appoian-do-me em Barth que nos faz conhecer que o grande affluente do lago Tchad, o Chary, recebe no seu seio muitos rios que mudam frequentemente de nome conforme o territorio das tribus. O Logon, o Serbenel, Lomon e o Bakoul parecem poder identificarem-se com estes affluentes. As montanhas que estão a oeste do lago Tchad chamam-se Mendiff e Guluck; estes nomes parecem identificarem-se perfeitamente com os nomes citados pelos chefes Fans por mim interrogados.

Entre os Mosgons, os homens têm por uso o perfurar uma narina; as mulheres perfuram o labio inferior e ahí intruduzem um disco de metal ou de madeira. Tanto um como outro sexo fazem quatro incisões nas maçãs do rosto; andam quasi nus e os homens são bem feitos.

Alguns d'estes habitos são communs aos Fans que usam manilhas de ferro e traçam no busto linhas em zigzag ¹; mas não perfuram os labios, nem o nariz; posto que os nomes dos logares da partida, pareçam indicar as margens do lago Tchad, os Fans differem muito das tribus designadas por Barth e Vogel para que sejam os povos Mosgons; além d'isso as tribus do Tchad fallam differentes lingoas pois que o Chary tem os nomes de *Bamhe* e *Bagoun* conforme as tribus que atravessa.

O Kibbi, o N'jering, o Mory o Ballero formam correntes d'agoa importantes e navegaveis e que se escoam para o sul.

Ha já uma duzia de annos que se affirma que as correntes dos rios equatoriaes se devem dirigir para o Ogoouë, uma das grandes arterias africanas.

O Oggouë, é um rio notavel; agitou-se mesmo a questão da sua identidade com o grande rio descoberto por Liwingstone ao norte da bacia do Zambeze (rio que provavelmente é o Congo) e ultimamente um sabio duvidava se o famoso lago Albert, tão proximo do Nilo, não faria parte da bacia do Ogoouë.

Posto que os usos e costumes dos povos visitados por Barth, Vogel e Overweg não sejam identicos aos dos Pahouins, é certo que os seus idiomas têm pontos de contacto confirmados evidentemente pelos nomes dados aos numeros de que uns e outros se servem.

¹ As linhas em zigzag fazem lembrar o hiéroglypho egypcio que significa agoa e por tanto purificação.

A analyse da designação dos numeros conduzir-nos-ha á elucidiação d'este problema anthropologico que até aqui se tem apresentado como insolúvel. O corpo humano foi a base da primeira arithmetica; a mão, o pé serviram de termos de comparação a que o homem primitivo referiu os objectos que queria contar; os cabellos, a barba serviram para exprimir adjectivos de quantidades superiores ás já dadas pela mão e pelo pé.

A comparação das lingoas que têm conservado estes primeiros vestigios da numeração não será bastante para fixar o ponto de partida d'uma raça unica, mas indicar-nos-ha summariamente que muitas raças tiveram relações muito intimas e tanto que usam vocabulos tirados d'uma mesma origem.

Entre os povos de côr ha familias tão pobres d'ideias que a sua arithmetica não vae além do numero tres; a sua numeração dá-nos exemplos de reduplicação. Alguns outros adoptaram o numero cinco como base e servem-se egualmente da reduplicação; o dictionario de outras familias foi tão rico que lhes permittiu o poderem contar até dez. Limitar-nos-hemos a examinar os nomes dos numeros que nos podem auxiliar no seguimento das migrações africanas, desprezando o exame dos tres primeiros numeros que nos parecem irreductiveis.

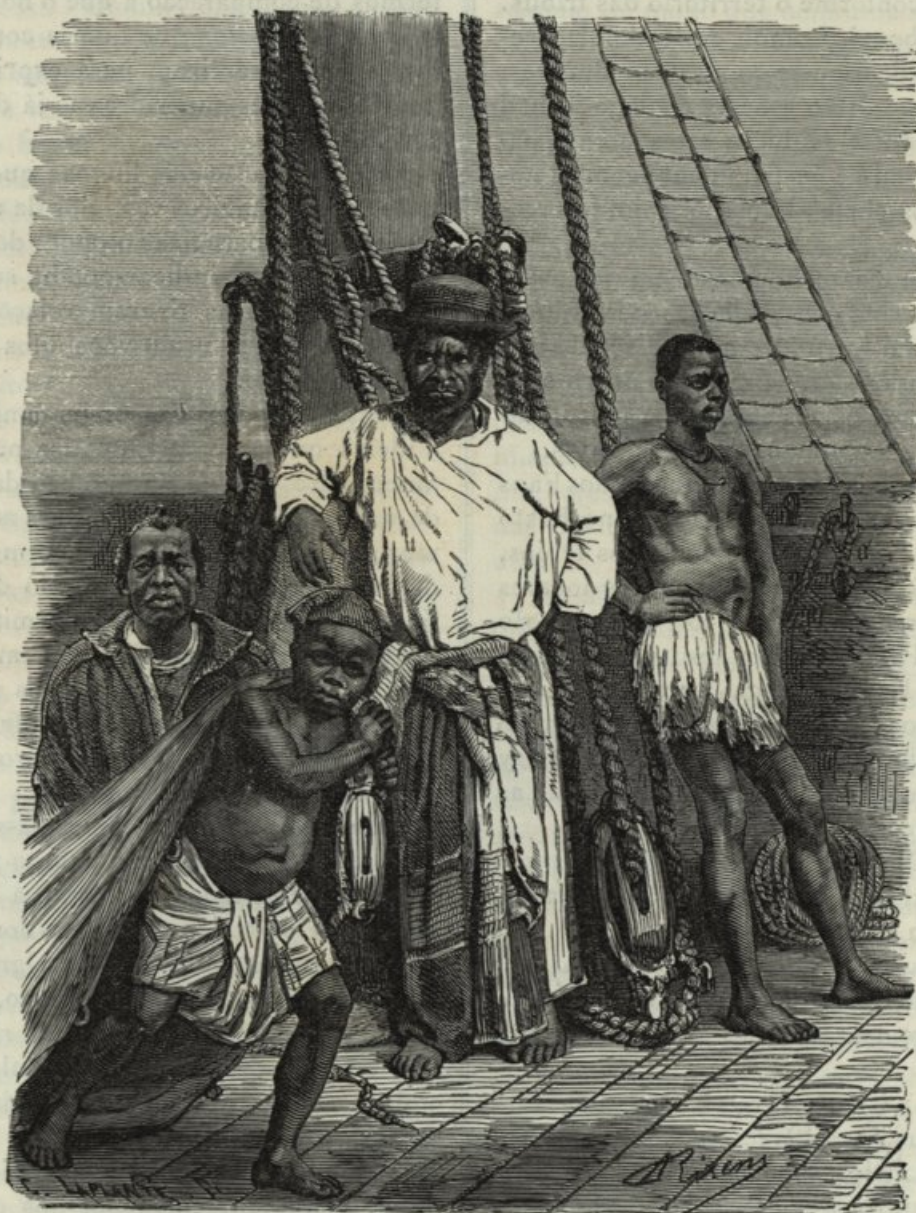
Em todos cinco e dez presta-se a um estudo fertil em comparações: a mão, o pé, o corpo humano, os dois lados do corpo, a barba serviram em todos para nomenclatura dos numeros. Algumas vezes encontram-se designados pela propria expressão do corpo humano, outras apenas alterados: por exemplo a mão, *rima* em polynesio, deu a este idioma o vocabulo *rima*, que significa cinco. No malaio apresenta-se apenas alterado, *lima*: o corpo *yaram* em Yoloff, deu *dirom* que na mesma lingua significa cinco; por tanto o numero cinco põe-nos em presença de duas raizes, uma africana, outra polynesia.

A palavra sete é commum aos Gondes e aos Soninkés; *iron*, e *hieron* são evidentemente identicos e provam antigas relações. Os Soninkés vieram do este quando formaram o grande reino de Gangara e fundaram Walata. O fan e as lingoas bundas falladas em Angola, colonia portugueza, servem-se para exprimir sete de termos semelhantes que pertencem a idiomas desconhecidos; *n'sanqua* e *sambua* são sem duvida da mesma familia mas a que lingua se deve attribuir a prioridade?

Oito ainda mais uma vez nos transporta à Índia; *anomay* em *gond* evidentemente pouco difere de *nanai* em *pongoue*, de *n'nuam* em *fan*, de *naque* em *bunda*; emquanto que em a Nova

Caledonia o mesmo numero nos é dado por uma reduplicação *nom beti*.

Nove dá-nos tambem uma ideia da extensão geographica das linguas africanas; em *fan* diz-se



O PILOTO JOSÉ E ALGUNS BULUS — Desenho de A. Rixens, segundo uma photographia

ebu, em *bunda hioua* e em linguagem polynesia encontra-se sobre fôrma identica o vocabulo *hiva*. Por onde foi transmittido este vocabulo? Portanto o vocabulo nove tem na Africa e Polynesia uma mesma fôrma. As palavras pelas quaes é designado o numero dez prestam-se a variado estudo; os adjectivos de quantidade a *barba* e o *pé* são as suas principaes raizes; os povos aryanos não fazem excepção a esta regra: *deka* tem a sua dupla origem no prefixo *de*, podendo ex-

primir uma duplicação e na raiz *ki*, ligar, *kaca*, cabellos, *carana pé*, conservado no malaio *karani pé*; no celta *cas pé*.

Os povos malaios e africanos derivam dez dos adjectivos de quantidade em que se reconhecem duas raizes constantes: o sãoskrito *ful* reunir que se encontra no soninké *fonfoun*, mais, no grego *pokos*, toção, *pogon*, barba.

(Continúa.)



VI OS MEUS NEGROS ESPANTADOS E FUGINDO

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES
DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 33)

FU NÃO possuía missangas, porque um sacco que me mandaram os meus companheiros não tinha curso nos sertões para onde me dirigia. Tratei de procurar alguma no Bihé e pude comprar aos pretos aqui e além uma pequena porção, que me fez a carga de um homem.

Esta compra veio dar um novo golpe na minha fazenda de algodão, e por 17 de abril, possuía apenas um fardo.

Sentia desde a minha chegada ao Bihé uma

grande falta, e era ella a de um despertador. Foi olvido que me custou no correr da viagem muitos incommodos e algumas febres. Sempre que tinha de fazer observações depois da meia noite, tinha de estar acordado até á hora precisa; e asseguro que é triste passar uma noite a lutar com o somno, sem luz, e por isso sem nada poder fazer para matar o tempo.

No dia 19, o Ivens veio vêr-me, e causou-me funda impressão o seu estado.

Estava muito magro, de uma pallidez cada-

verica, e accusava nas feições um soffrimento constante. Eu pedi-lhe para vir jantar commigo no dia immediato, que era o dia dos meus annos. Elle disse-me que talvez não pudesse vir, pelo seu estado de saude.

Dois dias depois, fui ao acampamento dos meus companheiros pagar a visita ao Ivens. Cappello estava ausente, pois tinha ido determinar a posição da nascente do Cuanza.

No dia 25, tinha eu dez mil balas, ou antes dez mil bocados de ferro, toscamente forjados, com pretenções a terem uma fôrma espherica. Era o que me bastava, e despedi os ferreiros. N'esse dia chegaram os primeiros Bailundos com as cargas de Benguella, e nos seguintes dias foram apparecendo novas levas com cargas. Estes Bailundos eram insolentes, e iam fazendo uma grande desordem em Belmonte, que teria tomado serias proporções se eu não intervisse. Tirei das cargas dez fardos de fazenda, tres baris de aguardente, e dois saccos de caurim.

Faltava-me a polvora e o sal, que tinham ficado atraz.

Tratei logo de mandar o presente ao sova e de me preparar para partir, porque, tendo os cartuchos promptos e embalados, em dois ou tres dias os carregaria de polvora. Mandeí emissarios a reunir os carregadores, que todos estavam justos e promptos.

No dia 29 de abril, os pretos de Silva Porto fizeram-me um pequeno furto, e eu zanguiei-me muito com elles, e ameacei-os de os mandar para Benguella. Elles, para entrarem nas minhas boas graças, vieram denunciar-me que sabiam onde estavam quatro espingardas que tinham sido roubadas á expedição no caminho de Benguella. Uma d'ellas fôra furtada pelo sr. Magalhães, dono da povoação onde primeiro estive no Bihé.

Pude havel-as todas.

A esse tempo eu mal tinha occasião de comer. Arranjava as cargas, e era preciso estar presente a tudo, para não ser roubado, porque todos os pretos, os de Silva Porto e os meus, eram uma quadrilha de ladrões.

Havia uma excepção, uma unica. Era o meu preto Augusto, que me deu sempre prova da maior fidelidade.

Quando contratei os carregadores em Benguella, contratei entre elles o Augusto, de quem nunca fiz caso, porque elle se não distinguia dos outros, a não ser talvez por ser um poucò mais dado á embriaguez.

Na distribuição das armas, os pretos fizeram repugnancia em receber as de Snider, e só o Augusto me pediu logo uma. Foi a primeira vez que attentei n'elle. Um dia, no Dombe, fiz um exercicio ao alvo, e vi que elle era um soffrivel atirador. Depois, em Quillengues, soube, que elle dissera entre os pretos, que me não deixaria nunca, e como, pela sua força herculea e pela sua coragem, elle tinha tomado um grande ascendente sobre os outros pretos, chamei-o a mim.

Ao tempo em que vae a minha narrativa elle tinha subido de posição, e de simples carregador, estava chefe da comitiva.

Alguns eram seus amigos, outros respeitavam-n'o, e muitos temiam-n'o.

Augusto é o melhor preto que eu tenho encontrado em Africa; mas ninguem é perfeito n'este mundo, e Augusto não quer ser excepção á regra. Entre os seus defeitos avulta um, que eu sou propenso a desculpar, e que sendo um grande defeito em viageiro africano, fôra d'ali poderia passar por virtude.

Augusto é louco pelo bello sexo.

Forte como um bufalo, corajoso como um leão, entende que deve protecção e apoio ás creaturas frageis que encontra no seu caminho.

Já não tinham conta as suas aventuras galantes desde Benguella ao Bihé. Casado em Benguella, casou de novo no Dombe, em Quillengues, Caconda, no Huambo, e desde a sua chegada ao Bihé, já tinha feito ali tres ou quatro casamentos. É um verdadeiro D. Juan de còr preta.

Obediente em tudo o mais, despresava completamente as minhas admoestações n'esta parte.

Um dia, como as queixas das mulheres fossem muitas, chamei-o e reprehendi-o severamente, ameaçando de o abandonar se elle continuasse. Chorou muito, lançou-se de joelhos aos meus pés, fez mil protestos de emenda, e pediu-me para lhe dar uma peça de fazenda, que com isso iria contentar as mulheres, e só ficaria com Marcolina, a sua mulher de Benguella.

Dei-lhe a peça de panno, e fiquei satisfeito de tão sincero arrependimento.

Na tarde d'esse dia ouvi grande batuque para um canto da povoação, e cantos e festas que annunciavam um acontecimento desusado.

Tive curiosidade de saber o que era, e mandei alguém a vêr. Qual não é o meu espanto, sabendo que o Augusto festejava o seu novo casamento com uma rapariga da libata de Jamba!

Vi que o furor de casar-se era superior ás suas forças, e decidi não mais me importar com os seus negocios galantes, mesmo porque elle não compromettia ninguem, e casava sempre legalmente.

Estavamos a 2 de maio, e ainda não tinha podido reunir os carregadores, e ainda não tinham chegado do Bailundo, nem a polvora nem o sal vindos de Benguella.

O Verissimo andava por lá reunindo a gente; mas ainda nem um só se tinha apresentado.

Na manhã do dia tres, estando eu em casa, ouvi fóra da porta os acordes de uma rabeca, onde se tocavam arias muito melodiosas, coisa mui differente da musica monotona dos pretos.

Mandei chamar o menestrel, e appareceu-me um preto alto e magro, quasi nu, de physionomia triste e expressiva.

Tocava em uma rabeca fabricada por elle, que dava sons tão melodiosos e fortes como o melhor Stradivarius. Este instrumento, mui semelhante em fórma ás nossas rabecas, era cavado em uma só peça de pau, que formava a caixa e o braço, sendo o tampo de uma tabua fina da mesma madeira.

Tinha tres cordas de tripa, fabricadas pelo musico, e o arco era guarnecido de duas cordas eguaes, em lugar de clina.

Era decerto uma imitação das rabecas da Europa, e não um instrumento primitivo.

A madeira de que era feita chama-se no paiz *Bôle*, e abunda nas matas da Africa de oeste. Não seria talvez para despresar o ensaio d'esta madeira na fabricação de instrumentos de corda.

O barbaro musico cantou uma aria em meu louvor, a *mezzo petto*, com voz muito agradável, acompanhando-se na tosca mas harmoniosa rabeca. Foi muito applaudido pelos pretos que tinha attraído em volta de si, e eu mesmo gostei d'aquella musica original.

Chegaram á libata uns pretos do sertão do Andulo, que vinham vender tabaco muito bom, que n'aquelle paiz cultivam em quantidade. É este tabaco do Andulo que os Bihenos compram e mandam para Benguella, vendendo-o ali com o nome de tabaco do Bihé.

Eu comprei grande provisão, e calculei que me ficou por 500 réis o kilogramma.

Os preços dos differentes generos no Bihé não são aquelles que me têm forçado a pagar, e são os seguintes:

Uma gallinha, uma jarda de fazenda de algodão; seis ovos, uma jarda; um cabrito de dois

annos, oito jardas; um porco de 5 a 6 arrobas (75 a 90 kilogrammas), uma peça de algodão branco e outra de zuarte; o alqueire de farinha de milho, duas jardas; o de farinha de mandioca ou de feijão, tres jardas. Isto são jardas de fazendas das mais ordinarias, cujo preço no Bihé não se deve calcular superior a 200 réis.

Uma jarda de fazenda chama-se no Bihé um *pano*, 2 jardas uma *béca*, 4 jardas um *lençol*, 8 jardas uma *quirana*.

As fazendas de negocio proprias para o Bihé e sertões explorados pelos Bihenos, são: algodão branco, zuarte, zuarte pintado, lenços de zuarte pintado, lenços finos, lenços cangengos, fazendas de lei e riscados, tudo da mais inferior qualidade.

As peças de algodão branco tem 28 jardas umas, e outras de melhor qualidade 30. Os zuartes e riscados 18 jardas, os lenços pintados 8 jardas, os lenços cangengos 6, e a fazenda de lei 12 jardas.

As fazendas boas são muito inconvenientes ao viajante que percorre esta parte de Africa, porque, não tendo muito mais importancia para o gentio, são consideravelmente mais pesadas.

Eu tinha dois fardos de fazenda que tinha preparado ali, cada um dos quaes continha 624 jardas, e os outros, de algodão fino, tem apenas 180 jardas, e são mais pesados.¹

Já se deduz d'aquí a inconveniencia das fazendas de boa qualidade, que além de ser grande o seu custo, é grande tambem a difficuldade do seu transporte, pois que tres homens carregam d'ellas tanto quanto um carrega de fazenda ordinaria.

E sobretudo para o viajante explorador, como o seu dispender de fazenda é em troco de alimento, tantas jardas de fazenda boa tem de dar por um objecto, como de jardas de má fazenda dará pelo mesmo objecto.

O algodão branco de inferior qualidade e o zuarte são o melhor dinheiro que pôde levar o viajante n'aquellas paragens.

Nas missangas já se não dá o mesmo caso, e a que é moda aquí, não é recebida além, ás vezes em pontos pouco distantes, por exemplo no Bailundo querem muito a missanga preta, que já no Bihé não tem curso.

Ha comtudo uma missanga que é quasi ge-

¹ Eu chamo fardo á carga de um homem, proxima-mente trinta kilogrammas.



HOMENS E MULHERES LITCHAZÉS COM OS SEUS UTENSÍLIOS — Composição de D. Maillart, segundo o texto

ralmente bem recebida em toda a Africa Austral. É ella uma missanga miuda encarnada, de olho branco, a que no commercio em Benguella dão o nome de Maria 2.^a

O buzio miudo (caurim) serve além Cuanza até ao Zambeze, mas o graudo não é recebido.

O arame de latão ou de cobre vermelho é estimado para manilhas; mas, n'estas paragens, não deve ter mais de 3 a 5 millímetros de espessura. Os barretes vermelhos, sapatos de liga, fardas de soldados, etc., são frandulagens, que, sendo muito estimados presentes para sovas e séculos, são pessima moeda.

Os cobertores, e sobretudo aquelles vistosos que na Europa usamos para embrulhar as pernas em viagem, são muito cubiçados do gentio; estando porém no caso das fardas e barretes, que, sendo optimo presente, não são boa moeda.

Os realejos, caixas de musica, e outros objectos d'este genero, estão no mesmo caso.

Prestigiações, sortes de physica e chimica, produzem certa impressão no gentio, mas não tanta como se julga na Europa. Não comprehendendo as causas que determinam certos phenomenos, lançam a cousa á conta de feiticaria, com que explicam tudo que não sabem explicar de outro modo.

Às vezes até pòdem ser contraproducentes, e prejudicarem aquelle que as fizer.

De tudo o que eu vi fazer impressão em pretos, aquillo que mais os admira é verem um bom atirador.

Metta qualquer, diante de um ajuntamento de pretos, 6 balas em alvo pequeno e distante, corte o pequeno fructo de uma arvore, mate um passarinho, e fique certo de que ganha logo a maior consideração, e será objecto das conversações por muito tempo.

A este respeito vou narrar um facto que se deu na libata, commigo. Um dia, um cirurgião Biheno appareceu ali trazendo um remedio que era preservativo contra as balas, áquelle que o tomasse.

Isto é crença geral entre Bihenos, e muitos ha que gastam tudo o que téem para adquirirem aquelle abençoado remedio, que os torna mais invulneraveis do que Achilles, porque nem mesmo lhes deixa a possibilidade de receberem a morte por um calcanhar.

Um mestiço civilizado, e educado em Benguella, encontrei eu, que se ria de mim quando eu lhe dizia que se lhe dêsse um tiro furava-o

de lado a lado, apesar do remedio contra as balas de que elle fazia uso.

Mas vamos ao conto. O cirurgião Biheno trazia uma panellinha de meio litro cheia do precioso preservativo, e apregoava que aquelle que o tomasse seria depois tão invulneravel como o era a panella que continha o liquido; panella a que todo o mundo, no seu dizer, tinha atirado sem que as balas lhe fizessem o menor damno. Quiz elle dar ao publico uma prova irrefutavel, e desafiou-me de atirar á panella; tendo previamente o cuidado de me marcar a distancia (uns 80 passos) a que elle julgava ser impossivel acertar em tão pequeno alvo.

Tomei a carabina, atirei, e fiz a panella em cacos, derramando-se o precioso licor.

Nunca vi applaudir mais phreneticamente alguem, do que eu fui applaudido então pelo gentio entusiasmado.

O pobre cirurgião foi completamente corrido no meio de geral assuada.

Este pobre homem foi ali buscar o seu descredito.

Os melhores atiradores do sertão são grandes mediocridades, e são bem mais para temer pretos de frecha e azagaia, do que de arma carregada.

O Verissimo partiu a reunir os carregadores, voltando a 5 de maio com alguns, e dizendo que outros chegariam no dia seguinte.

N'esse dia recebi cartas e cargas de Benguella, enviadas para mim por Pereira de Mello e Silva Porto.

Fizeram-me uma tal impressão aquellas cartas, que no meu diario escrevi então, na cabeça do capitulo em que fallo do Bihé, aquelles dois nomes, e hoje ainda os conservo, como preito e homenagem áquelles dois cavalheiros.

Enviava-me Pereira de Mello 16 espingardas, 30 kilogrammas de sabão, um relógio e uma carga de sal, tudo objectos de subido valor para mim.

Não é todavia esta valiosa remessa que me dictou a immensa gratidão para com o governador de Benguella; foi a sua carta e foram as expressões dos seus sentimentos a meu respeito.

Dizia-me o governador que não hesitasse em seguir a minha viagem, que contasse com todo o apoio que elle me podia dar como auctoridade, e se acaso ordens superiores coarctassem o governador, que podia contar com o homem, com Pereira de Mello.

(Continua.)

A RUSSIA LIVRE

(Continuado da folha 34)

PM CAÇADOR armado com a sua espingarda atravessa as pastagens. Por todos os lados a vista encontra signaes de vida, a planície é ainda monotona e secca, mas o amor dos cossacos pelos jardins, os tectos e a côr das casas dão á Russia meridional um encanto que em parte alguma do norte se encontra.

Um milhar d'habitantes acampam no burgo de S. Romanof. Cada casa com o seu pateo, jardim, com a sua vinha e o seu meloal está isolada e guardada por um cão. O typo da população é o Malo-Russo de côr amarellada, quasi tendo a mesma côr do tartaro; estes cossacos têm formosos dentes e os olhos animam-se-lhes com fogo sombrio. Os rapazes e os homens feitos môtam todos a cavallo e as crianças n'isso se exercitam desde a mais tenra idade. Apesar dos seus habitos guerreiros é aos homens a quem compete o cuidar das crianças de peito, emquanto que as mulheres fazem os mais duros trabalhos. Uma superstição dos steppes explica como os valentes filhos da Ukrania foram levados a trazer nos braços os seus recém-nascidos. Imaginam que se o pae não presta os seus cuidados ao recém-nascido a mãe morrerá no segundo parto, e como uma mulher custa muitas vaccas e muitos cavallos é uma coisa séria o perdel-a.

Para evitar os incendios é prohibido fumar nos acampamentos, o que todavia não impediu que o meu hospedeiro de Cemikarakorskoe gozasse d'esse prazer e de convidar os seus convivas a compartilha-lo. Cá fóra as mulheres frigiam talhadas de melão e fabricavam vinho, singular liquido, espesso como melaço, mas de sabor mais agradável. Este antigo processo a não ser nas margens do Don em mais parte alguma é usado. Uma igreja de estylo muito simples encimada por um campanario adorna o burgo; digo adorna e effectivamente o edificio para outra cousa não serve, pois que sendo a maior parte dos cossacos velhos crêntes, pode-se affirmar que a população do burgo não ouve missa. Estes valentes, sempre promptos para se baterem ou para saquear, n'esse momento parecem esmagados pela dôr causada pelas peias postas ao seu culto.

O seu bispo, o P. Plator, foi arrancado do bispado de Novo Tcherkask e enclausurado no convento de Kremouskoe, perto de Kalatch.

Muito adiantado em edade está recluso n'esse convento, sem que ninguem saiba os erros ou crimes que lhe imputam. Uma irritação surda lavra entre os cossacos; reputam o Santo-Synado não só como um conclave que excede as suas attribuições, ma stambem o suppõem ser o proprio demonio, o espirito incarnado do mal.

Cemikarakorskoe é um acampamento de primeira classe, ou antes, uma cidade edificada nas margens do Don inferior.

«Quantas almas ha aqui? perguntei eu ao homem em casa de quem estava hospedado.

—Não sei; os meus compatriotas não gostam de ser recenseados; mas ha sempre 500 homens promptos a montar.

Os homens têm um aspecto selvagem, notando-se todavia tendencias para se civilisarem. Magnificos rebanhos pastam nos campos circumvisinhos da povoação e vêem-se tambem alguns com trigo e milho semeados. Vindimam uma grande quantidade d'uvas vermelhas de que fazem um vinho espumante de grande força alcoolica. O homem que me hospedava abriu algumas garrafas que faziam lembrar o vinho d'Asti. Gente ha que reputa os vinhedos do Don superiores aos do Garona e do Marne.

As culturas dos cossacos são muito extensas não só para proverem ás suas necessidades, mas tambem para fornecerem os mercados de fóra. Ha trinta e dois annos para cá que as terras não têm sido divididas. Em face da aldeia desenrola-se a perder de vista a planície infinita, o mais pobre habitante da communa possui dez ou doze hectares de terra. A sua organização é um Estado n'um Estado. O seu hetman foi abolido; têm por grande ataman o príncipe herdeiro; mas as suas funcções são puramente honorarias, pois que elles elegem os chefes e os juizes que são os possuidores da auctoridade real. Todos podem aspirar á dignidade d'ataman local, chefe militar d'aldeia, governador durante a paz e a guerra; nomeado por tres annos não pôde abandonar o cargo senão depois de expirar o mandato. O governo de S. Petersburgo envia um official para instruir e commandar os soldados. Igualmente ás funcções de juiz pôde qualquer aspirar: a eleição decide entre os candidatos e, medeante o ordenado annual de quarenta rublos, o magistrado decide em todos os processos.

Temporario como o ataman não pôde também afastar-se da aldeia, nem mesmo em tempo de guerra.

N'este momento uma grande reforma se executa nos territorios habitados pelos cossacos. Todos os empregados de cathegoria superior á d'ataman e de juiz são agora nomeados pela Corôa, segundo as regras adoptadas nos outros ramos de serviços publicos. O ataman, commandante em chefe, reside em Novo Tcherkask, cidade situada para aquem do Don e cuja posição deve ser defendida contra um golpe de mão; as ruas em vez de serem só guardadas por cães são também illuminadas; Novo Teherkask é uma cidade russa e não um acampamento cossaco; um official russo desempenha as funcções d'ataman geral; n'uma palavra empregam-se todos os meios para sem violencia reduzir estes velhos colonos militares dos steppes a viver sob a auctoridade da lei imperial.

Todavia uma tal transformação não se pôde operar sem largo espaço. O general Potapoff, homem de merito real, que ultimamente governava Novo Tcherkask, tentou fazer tão violentamente essa transformação que quasi ia provocando uma revolta em toda a linha do Don. A Côrte apressou-se em dimittir este muito zeloso reformador e confiou-lhe em Vilna um cargo mais apropriado aos seus talentos, nomeou-o commandante em chefe do quarto districto militar; o general Tchertkoff, de quem era conhecido o espirito conservador, foi mandado de S. Petersburgo para acalmar a irritação e manter a ordem nos steppes. Dizem que a respeito d'estes dois nomes o imperador fizera um dito de espirito «Depois da inundação, o diabo;» *potop* em russo significa *diluvio* e *chert*, *diabo*. Os cossacos riram com a graça do imperador e durante algum tempo refloresceu n'aquellas regiões a velha rotina.

N'um paiz livre, todos devem ser eguaes perante a lei e os privilegios dos cossacos, como os das demais classes, desapparecerão na Russia. Não é para admirar a resistencia dos cossacos; que corpo social abandona voluntariamente as prerogativas consagradas pelo tempo?

O cossaco é por essencia refractario ás mudanças. O chefe do Estado não o deve esquecer. Por isso não se deve esperar d'um principe, que constantemente tem os seus olhos voltados para os steppes orientaes e para as cidades ainda mais distantes de Khiva e Bokhara, d'onde se têm arremessado tantas tribus selvagens, que

se resolva a quebrar uma preciosa linha de defeza, a impellir os seus fieis soldados para a revolta, ainda que seja para nos seus estados fazer triumphar os grandes principios das sociedades modernas.

XXI

O EXERCITO RUSSO

Em qualquer paiz livre ou escravizado, o exercito tem por base ou a tradição, ou o privilegio. Para inocular na Russia um espirito novo, o imperador deve, é isto d'uma necessidade absoluta, crear relações mais estreitas entre o organismo militar e o paiz que liberta.

Primeiro é necessario nobilitar a profissão das armas, fazendo que o soldado, durante o tempo de serviço, comparti-lhe do antigo privilegio do principe e do boyardo que, isentos das penas corporaes, não podiam ser condemnados ao affrontoso castigo do knout. Hoje o castigo corporal deve ser banido dos exercitos. Anteriormente ao actual reinado o exercito, pelo menos em theoria, era uma escola aberta ao merito e algumas vezes um homem proveniente, como o general Skobelev, d'uma familia d'aldeões, elevava-se aos mais altos postos; mas o illustre general tinha um d'esses merecimentos excepçoes que abrem sempre larga passagem e que chegam aos pontos mais culminantes. Escriptor distincto, soldado illustrado, estava infallivelmente destinado a uma carreira brilhante e a sua nomeação para governador da praça de S. Petersburgo a ninguem surprehendeu. Taes exemplos, raros na Russia, na Austria e na Inglaterra, pouco ou nada provam. Outra coisa succede agora depois de estarem em execução as reformas de Alexandre II; essas reformas dão a qualquer homem as probabilidades de subir postos. Os soldados são mais bem instruidos, melhor vestidos, têm melhores quartéis. É verdade que nas provincias distantes as tropas não podem rivalisar com as que se admiram em Tsarkoe Selve; mas são ainda assim objecto de cuidados anteriormente desconhecidos. Cada soldado tem um par de botas, um capote e um bonnet quente. A alimentação é melhor: dão-lhe carne e já não é obrigado a jejuar. As infames varadas foram abolidas.

Um soldado que servira um pouco antes da guerra da Crimea resumia-me d'um modo evidente a differença que separa o antigo do novo systema.

(Continua.)



ALFUROS DE GALILA VINDO PHOTOGRAPHAR-SE

VIAGEM À NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuado da folha 33)

TERNATE — AS MOLUCAS

A ilha de Salwaty — O rajah Abou-Kassin e o principe de Tidoro — Dorey — Os Papus Mafors — Costumes — Enfeites — Armas — Arithmetica papu — Deslealdade — Governo — Individualidade — Solidariedade — Casamentos — Escrupulos — Paixões — Religião — Casa sagrada — Idolos e legenda buddhica ou christã — A arte papu — Lingoas — A aldeia d'Aiambori — Habitações — Os Papus Arfaks — Penteados — Costumes sanguinarios — Roubo d'um escravo e singular vingança.

PEPOIS de muitos dias de viagem o primeiro ponto de terras papus a que aportamos foi a aldeia de Salwaty, situada a nordeste da ilha do mesmo nome á entrada do estreito de Galévo. As terras mui baixas n'este ponto prolongam-se muito pelo mar em bancos d'areia

e de coral que se erguem no meio das agoas e que cobertos de verdura obrigam os navios a ancorar muito distante da ilha.

Idriss e eu desembarcamos para visitar o rajah. M. Maindron, que continuava soffrendo da ferida na perna, ficou a bordo.

Havia excellentes razões para suppôr que Abou-Kassin, rajah da ilha de Salwaty, era aliado do revoltoso Hassan. Por isso para mais segurança Idriss recommendou-me que levasse o meu revolver e que entregasse a minha espingarda a um dos homens do meu sequito. Elle tomou as mesmas precauções e assim armados até aos dentes desembarcamos na primeira terra papu.

O rajah estava prevenido da nossa visita. Logo

que chegamos defronte da sua habitação, alguns servos offereceram-nos cadeiras malaias e nós sentamo-nos n'uma varanda rustica.

O senhor não se fez esperar. Era um homem decentemente vestido com o traje malaio: sarong em lugar de calças, um jaquetão de fazenda d'algodão e na cabeça um barrete meio tecido de-lã e meio tecido d'esparto. D'estatura pequena, magro, muito trigueiro, d'apparencia inezada, o rajah Abou-Kassin nada parecia um malaio;

tomar-se-hia antes por um arabe, o que não seria para admirar, pois que é provavel que os arabes ahi pelo seculo decimo quarto tivessem estado em Ternate.

Abou-Kassin (não duvido que ainda viva) tem á primeira vista um ar modesto e reservado, polido e mesmo adocicado. Falla pouco, mas a observação mais superficial da sua pessoa basta para convencer que tudo são apparencias para occultar os seus detestaveis instinctos e maus desi-



HASSAN E SEU FILHO IDRIS

gnios. Poucas vezes tenho encontrado uma phisionomia tão manifestamente falsa, uma expressão de face tão cruel.

Um servo offereceu-nos cigarros. Acceitei-os, mas guardei-os e só accendi um quando vi o rajah fumar dos mesmos, pois que se não receiava que elle recorresse a alguma violencia, não tinha comtudo confiança n'elle e posto que o dissessem valente, julgava-o mais disposto a servir-se de veneno do que do punhal.

Um outro personagem importante acompanhava o rajah: era o principe Tidoro, filho ou sobrinho do sultão. Em Ternate julgavam-o assassinado na ilha de Guébé. Mas elle tinha o cuidado de não comprometter a sua vida e em vez de andar crusando no mar, segundo as ordens

que recebera do seu real senhor e parente, viera para Salwaty, entregar-se a um delicioso *farniente*. Era hospede de Abou-Kassin.

Olhando para um e outro pensei que seria difficil encontrar dois homens com mais dissimilhanças. O principe era alto, forte, de côr clara, com face bonacheirona, mesmo até estúpida, e vaidoso; fallava alto, com sons nasaes e era muito palrador.

O rajah estava sentado na borda da cadeira, pouco á vontade, como se tivesse por assento uma almofada de espinhos. O principe, pelo contrario, enterrara-se na sua e crusara as pernas commodamente. Um era cauteloso por malvadez, o outro era franco por toleima.

Adivinhando as nossas suspeitas o rajah mos-

trou-nos uma carta que recebera do revoltoso Hassan. Este pedia-lhe para que fizesse causa commum com elle; mas o perfido Abou-Kassin era muito fino para aceitar a proposta; nada tinha a ganhar com tão compromettedora alliança e conhecia muito bem os hollandezes para estar convencido que, mais cedo ou mais tarde, elles seriam os vencedores; tinha já muitos crimes fazer perdoar para ir sobrecarregar as suas culpas que muito modestamente lhe davam meritos para o dependurarem n'uma força.

Suspeitei mesmo que, dando hospedagem ao principe Tidoro, se queria servir d'elle como para-raios, para testemunhar a sua fidelidade aos hollandezes, fidelidade de que, deante de nós, em phrases discretas mas bem sentidas fez o pro-testo.

Tendo a conversa tomado um tom amigavel communiquei-lhe o desejo que tinha de caçar na sua ilha; respondeu-me elle em termos muito simples que, emquanto eu me conservasse nos arredores da povoação, sob a sua protecção immediata, nada eu tinha a temer; mas que, se eu tentasse a embrenhar-me pelo interior, não podia responder pela minha segurança e que corria o perigo quasi certo de ser assassinado.

«O paiz está hoje socegado, mas eu não posso prever o estado em que amanhã se encontrará.»

As populações do interior de Salwaty são certamente perigosas, mas creio que se o rajah o tivesse querido nada de serio haveria a receiar; mas o rajah não o quer e é um motivo de interesse pecuniario que lhe determina o proceder. A ilha de Salwaty é a patria de uma das mais formosas aves do paraizo (*Seleucides alba*). As costas de reflexos violaceos, o peito de velludo preto ornado com uma bordadura de um verde metalico e as poupas de amarello limão tornam esta ave muito procurada para enfeites que custam preços fabulosos. O rajah deseja guardar para si este thesouro e todas estas aves do paraizo lhe passam pelas mãos. Era esta a causa do seu caridoso aviso; mas, seja qual fôr a causa, é util segui-lo, pois que Abou-Kassin não teria escrupulo em fazer desaparecer o viajante temerario, desculpando-se depois com os seus subditos que apenas teriam executado as ordens por elle dadas.

Deixamos Salwaty a 26 de janeiro e impellidos por um vento muito fraco e com mar de grossa vaga difficultosamente costeamos a costa norte da Nova-Guiné, que d'ora avante chamarei pelo seu nome indigena «a Papuasias».

No dia 30 á noite passamos perto da pequena ilha Aori, onde voltarei mais tarde, e no 31 de manhã estavamos á entrada da bahia de Dorey, termo da nossa viagem.

Era preciso sem tardança construir uma baraca, trabalho que felizmente na Papuasias nem é demorado nem difficil e tanto menos que Idriss trazia um carregamento de folhas de coqueiro preparadas para cobertura e que, medeante a paga de um sarong e de uma pequena faca por cada homem, vinte papus consentiram em construir. Mas antes de ir mais longe o leitor quererá, penso eu, visitar a aldeia de Dorey, conhecer os seus habitantes, os seus usos e costumes.

Ao norte da grande bahia de Geelwink encontra-se uma depressão que fôrma a bahia de Dorey; na costa septentrional enfileiram-se tres pequenas aldeias. Konavi a éste, onde nos tinhamos estabelecido, Baoudi ao centro e Monnonkanari a oeste.

A bahia está protegida dos ventos do éste pela ilha de Manasonari, mais conhecida pelo nome de Mansinam, nome da sua unica povoação.

Uma outra ilha mais pequena e completamente inhabitada, ilha de Monsmapi, felizmente, graças aos altos rochedos, põe uma barreira aos tufões vindos do sul.

Todas as casas das aldeias de Dorey e de Mansinam são construidas no mar sobre estacaria a cincoenta ou sessenta metros da praia com a qual estão em communicação por meio de uma ponte feita de troncos d'arvores collocados sobre estacas.

Estas casas da fôrma de um quadrilatero mais ou menos regular tem um immenso tecto coberto com folhas de coqueiro, semelhando a querena de um navio.

Cada casa está dividida em quatro partes: ao centro, no sentido longitudinal, ha um corredor, continuação da ponte e que dá de cada lado accesso por uma unica porta a pequenos quartos quasi completamente escuros; havendo de cada lado cinco, seis ou sete compartimentos. Em frente da casa, do lado do mar, o corredor desemboca sobre uma especie de terraço aberto por tres lados mas coberto.

Os processos da construcção de que os papus me tinham já offerecido um exemplo indicam sufficientemente o que devem ser exteriormente taes habitações; mas o que ninguem pôde imaginar é interiormente o espectaculo de desordem, mais pittoresco, do que confortavel, em